



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



GUARACI DE SANTANA MARQUES ANDRADE

**UM ESTUDO DA RELAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA
PORTUGUESA E DO ALUNO COM OS RECURSOS TECNOLÓGICOS, A
INTERNET E O BLOG NO COLÉGIO ATHENEU E NO CODAP/UFS**

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2013

GUARACI DE SANTANA MARQUES ANDRADE

**UM ESTUDO DA RELAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA
PORTUGUESA E DO ALUNO COM OS RECURSOS TECNOLÓGICOS, A
INTERNET E O BLOG NO COLÉGIO ATHENEU E NO CODAP/UFS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal de Sergipe como
requisito parcial à obtenção do título de Mestre em
Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Ponciano Bezerra

SÃO CRISTÓVÃO/SE
2013

TERMO DE APROVAÇÃO

GUARACI DE SANTANA MARQUES ANDRADE

UM ESTUDO DA RELAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA
E DO ALUNO COM OS RECURSOS TECNOLÓGICOS, A INTERNET E O BLOG NO
COLÉGIO ATHENEU E NO CODAP/UFS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal de Sergipe como
requisito parcial à obtenção do título de Mestre em
Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Ponciano Bezerra

Banca Examinadora:

Lúcia de Fátima Santos
Doutora em Linguística, Universidade Federal de Alagoas
Universidade Federal de Alagoas

Lilian Cristina Monteiro França
Doutora em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Universidade Federal de Sergipe

Antônio Ponciano Bezerra (Orientador)
Doutor em Linguística, Universidade de São Paulo
Universidade Federal de Sergipe

Aprovado em:

São Cristóvão, _____ de _____ de 2013.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha razão de viver.

A toda minha família, especialmente aos meus pais: José Marques e Adeilde Santana.

Ao meu esposo Willame Andrade que me incentivou durante toda essa jornada.

Ao Prof. Dr. Antônio Ponciano Bezerra, meu orientador, por esclarecer minhas dúvidas e me ajudar a compreender meu objeto de pesquisa.

À Prof^a. Dra. Maria Leônia Garcia Carvalho, por acreditar em minha capacidade e por ser, para mim, um exemplo de humildade.

Aos colegas de turma, sobretudo Nívia Barros e Flávia Oliveira que, muitas vezes, ouviram minhas angústias com o projeto e compartilharam comigo bons momentos de diálogo, alegrias, risadas e desabafos.

À coordenação pedagógica e aos participantes da pesquisa (alunos e professores de língua portuguesa) do Colégio Atheneu e do Colégio de Aplicação da UFS, por me acolherem e aceitarem participar da minha pesquisa de campo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, que contribuíram com suas aulas para uma reflexão mais aprofundada acerca dos estudos linguísticos.

Dedico à minha querida mãe. Nela me inspirei para seguir em frente e, por ela, nunca pensei em desistir.

Muito obrigada, mãe!

“A nossa vitória tem sabor de mel...”

RESUMO

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo geral estudar a relação do professor de língua portuguesa e do aluno com os recursos tecnológicos, a internet e o blog. Nesta pesquisa, busca-se atingir os seguintes objetivos específicos: a) analisar a educação no contexto das tecnologias digitais; b) estudar o sistema de escrita denominado “internetês”; c) refletir sobre textos e hipertextos; d) analisar como os gêneros digitais influenciam no processo de ensino-aprendizagem da língua materna; e) estudar o blog em suas diversas facetas. Com vistas a esses objetivos, a pesquisa seguiu a orientação teórica dos gêneros digitais (MARCUSCHI e XAVIER, 2005), a perspectiva dialógica (BAKHTIN, 1997), concepções acerca da cibercultura (LÉVY, 1999), as novas práticas de leitura e escrita (SOARES, 2012), a escrita como agência (BAZERMAN, 2006) enfim, entre outros referenciais teóricos que auxiliaram a fundamentar a pesquisa bibliográfica. A pesquisa de campo realizou-se em dois colégios da rede pública de ensino, o CODAP (Colégio de Aplicação) e o Colégio Estadual Atheneu Sergipense. Participaram da pesquisa 40 alunos do 2º ano do ensino médio e 7 professores de língua portuguesa. A abordagem metodológica é a quantitativa, visto que após a formulação de gráficos e cálculos estatísticos, procedeu-se à análise interpretativa dos dados obtidos. A metodologia baseou-se na aplicação de um modelo de questionário para os discentes e outro modelo para os docentes com perguntas predominantemente fechadas a fim de obter resultados objetivos e precisos. A pesquisa de campo nos proporcionou aproximar-se da realidade dos recursos tecnológicos em ambas as escolas da cidade de Aracaju e favoreceu uma melhor compreensão acerca das novas formas de linguagem utilizadas no espaço virtual, de modo especial, a escrita do blog.

Palavras-chave: Ensino da língua materna. Recursos digitais. Blog.

ABSTRACT

This dissertation aims at investigating the relationship of the Portuguese language teacher and the student with the technological resources, the internet and blog. In this research, we seek to achieve the following objectives: a) to analyze education in the context of digital technologies, b) study the writing system called "internetês" c) reflect on texts and hypertexts d) analyzing how digital genres influence on the teaching and learning of language, e) study the blog in its many facets. Toward these objectives, the research followed the theoretical orientation of digital genres (Marcuschi and XAVIER, 2005), the dialogic perspective (Bakhtin, 1997), conceptions of cyberculture (Lévy, 1999), the new practices of reading and writing (SOARES, 2012), writing as agency (Bazerman, 2006) finally, among other theoretical frameworks that helped to substantiate the literature. The field research was carried out in two schools of the public school, the CODAP (School of Application) and State College Atheneu Sergipense. Participants were 40 students of 2nd year of high school and 7 teachers Portuguese. The methodological approach is quantitative, since after the formulation of graphs and statistical calculations, we proceeded to the interpretive analysis of the data obtained. The methodology was based on the application of a model questionnaire for students and another model for teachers with predominantly closed questions in order to get objective, accurate results. The field research has provided us closer to the reality of technological resources in both schools of the city of Aracaju and favored a better understanding of new forms of language used in virtual space, in particular, writing blog.

Keywords: Teaching the mother tongue. Digital resources. Blog.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. GLOBALIZAÇÃO, NOVAS TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO	14
1.1 O saber no contexto da globalização	14
1.2 Os desafios da educação no mundo digital	25
1.3 A escola diante da linguagem virtual	35
2. AS NOVAS FORMAS DE LINGUAGEM NA ERA DIGITAL	45
2.1 Ler e escrever no espaço virtual: textos e hipertextos	45
2.2 Os gêneros digitais e o ensino da língua materna	54
2.3 O gênero blog: interação e comunicação	64
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	75
3.1 A natureza da pesquisa e os procedimentos utilizados	75
3.2 O instrumentos utilizados na pesquisa de campo	78
3.2.1 O questionário do aluno	78
3.2.2 O questionário do professor	81
3.3 Os colégios e os participantes da pesquisa	84
4. ANÁLISE DOS DADOS	86
4.1 Estudantes do CODAP e do Colégio Atheneu: a sua relação com a internet e as redes sociais e sua prática de leitura e escrita	86
4.1.1 Breve análise em torno da opinião dos estudantes/participantes sobre o blog	100
4.2 O professor de língua portuguesa do CODAP e do Colégio Atheneu: a sua percepção sobre as TIC na educação e no ensino da língua materna	104
4.2.1 Análise da concepção dos professores/participantes a respeito do blog	112

CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119
ANEXO 1 – Modelo do questionário do aluno	124
ANEXO 2 – Modelo do questionário do professor	125
ANEXO 5 – Banner do projeto “A inserção e formas de utilização dos laptops no CODAP: um projeto experimental”	126

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea presencia uma fase de transformações em todos os aspectos devido ao avanço das tecnologias da informação e da comunicação¹. Nesse contexto, a educação sofreu significativas modificações no que diz respeito ao processo de construção do conhecimento e ao papel do sujeito/aprendente e do professor/mediador.

Diante dessa realidade, nosso trabalho apresentou como objetivo principal estudar a relação do professor de língua portuguesa e do aluno com os recursos tecnológicos, a internet e o blog. Desse modo, analisamos como ambos estão se relacionando com as novidades do espaço virtual; estudamos a fase de adaptação do professor aos novos recursos tecnológicos e investigamos com quais finalidades o aluno costuma acessar a internet.

Para alcançarmos a nossa meta principal, propomos como objetivos específicos: i. analisar a educação no contexto das tecnologias digitais; ii. estudar o sistema de escrita denominado “internetês”; iii. refletir sobre o novo formato de leitura e escrita, estudando o texto e o hipertexto; iv. analisar como os gêneros digitais influenciam no processo de ensino-aprendizagem da língua materna; v. estudar o blog em suas diversas facetas como um espaço de múltiplas atividades.

Em relação ao sistema de escrita denominado “internetês”, observamos que há divergências, pois para alguns autores, essa linguagem representa uma ameaça ao ensino da língua padrão; para outros, é um caminho que beneficiou a prática da leitura e da escrita, sobretudo pelos adolescentes. Diante dessa problemática, nosso projeto teve a preocupação de compreender melhor as consequências das novas formas de uso da linguagem escrita para o ensino da língua materna.

Para isso, decidimos investigar se, para o professor de língua portuguesa, a internet está contribuindo para a evolução da língua ou para a morte paulatina do ato de ler e escrever no papel. Além disso, cabe explicar que elegemos o blog como nosso objeto de pesquisa por ser uma forma mais acessível de análise da interação no espaço virtual, o que nos

¹ Desde já, é importante deixar claro que entre as tecnologias da informação e comunicação, estão presentes: o cinema, a televisão, o rádio, o celular, o microcomputador (ou melhor, a rede internet), entretanto, nosso trabalho enfatiza apenas a internet por ser a mais atual e por estar inserida no ambiente escolar.

ajudou a entender melhor a relação dos estudantes e dos professores diante das novas tecnologias digitais, da internet e do blog.

O presente trabalho ocorreu em dois momentos: no primeiro, fizemos uma pesquisa bibliográfica e, no segundo, realizamos uma pesquisa de campo em duas escolas da rede pública. A metodologia aplicada consistiu na aplicação de um modelo de questionário para os discentes e outro para os docentes, pelo fato de ser uma maneira mais direta e objetiva de obter resultados mais precisos e maior riqueza de informações.

Escolhemos dois colégios da rede pública da cidade de Aracaju a fim de observar a inserção das tecnologias na educação básica. O nosso intuito foi verificar de que modo os recursos tecnológicos estão sendo utilizados em instituições de ensino público, além disso, procuramos investigar se a escola está desenvolvendo algum projeto no que tange ao uso da internet no processo de ensino-aprendizagem da língua materna. Elegemos duas turmas de 2º ano do ensino médio, visto que, segundo pesquisas realizadas recentemente pelo IBGE² (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o público que mais acessa a internet possui entre 15 e 17 anos.

A primeira instituição pesquisada foi o Colégio Estadual Atheneu Sergipense³, considerado um colégio tradicional, fundado no século XIX, em 24 de outubro de 1870, no governo do presidente tenente coronel Francisco José Cardoso Júnior. Inicialmente, ofereceu os cursos de Humanidades, com quatro anos de duração; o Normal, feito em dois anos. O Inspetor Geral Manuel Luiz Azevedo d'Araujo empenhou-se na criação do Atheneu que foi instalado em seu atual endereço no ano de 1950, na praça Gracho Cardoso.

A segunda instituição de ensino foi o Colégio de Aplicação⁴, antigo Ginásio de Aplicação (G. A.), criado em 30 de junho de 1959, pertencia à Faculdade de Filosofia de Sergipe, com o objetivo de servir como campo de estágio daquela Faculdade. Em 1968, foi criada a Universidade Federal de Sergipe que incorporou a Faculdade de Filosofia e o Colégio de Aplicação em sua estrutura administrativa e pedagógica. Em 1981, o CODAP transferiu-se

² Os dados foram encontrados no próprio site do IBGE: www.ibge.gov.br

³ Os dados do contexto histórico do Colégio Atheneu foram obtidos no site www.wikipedia.com

⁴ As informações acerca do Colégio de Aplicação (CODAP) foram encontradas no site www.codap.ufs.br

para o Campus Universitário, passando a ser um órgão Suplementar, ligado diretamente à Reitoria e assumindo as funções de Ensino, Estágio, Pesquisa e Extensão. Em 1994, o Colégio passou a funcionar em sua sede própria.

O presente trabalho foi dividido em quatro capítulos, no primeiro, abordamos a relação entre globalização, novas tecnologias e educação. Inicialmente, analisamos a globalização e as perspectivas para a educação do futuro; depois, discutimos um pouco sobre os desafios que se impõem à educação em plena era digital; em seguida, apresentamos mudanças significativas que as novas tecnologias causaram nos atos de ler e escrever e mostramos os preconceitos relacionados à linguagem virtual. Diante dessa problemática, refletimos sobre o modo como a escola encara esse novo formato de escrita.

No segundo capítulo, apresentamos uma análise das novas formas de linguagem, estudando as semelhanças e os contrastes entre textos e hipertextos; depois, relacionamos os gêneros digitais ao ensino de língua materna e, no terceiro subtópico, iniciamos o estudo do nosso objeto de pesquisa, no caso, o gênero blog, analisando a interação e a comunicação proporcionada aos usuários desse texto virtual.

No terceiro capítulo, explicamos a metodologia utilizada na pesquisa. Por fim, no quarto e último capítulo, iniciamos a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo, observando ambas as posições, a do aluno e a do professor, diante dos recursos tecnológicos, da internet e do gênero blog. Em seguida, ressaltamos, nas considerações finais, os possíveis resultados encontrados e verificamos se os objetivos foram alcançados.

É interessante destacar a dissertação de mestrado de Rita de Cássia⁵, defendida no ano passado, visto que consiste em um estudo sobre textos nas contas do Twitter em sites de instituições de ensino superior. A nossa pesquisa, por sua vez, diferencia-se por analisar a complexidade do blog e se destaca por não se deter somente ao espaço virtual, mas por ir além e buscar estabelecer uma relação com o ensino de língua portuguesa na educação básica.

⁵ Rita de Cássia Silva Santos é mestre em Letras, pela Universidade Federal de Sergipe. O título da sua dissertação foi “Visibilidade e poder: um estudo sobre textos nas contas do twitter da UFS, da UFRJ e da USP”.

Precisamos esclarecer que não tivemos a pretensão de procurar respostas exatas para nossas angústias acerca da inserção das novas tecnologias na educação, mas buscamos observar por meio da aplicação de questionários ao grupo de docentes se os recursos digitais estão contribuindo para a evolução da língua⁶ ou para a morte paulatina do ato de ler e escrever no papel. Desse modo, nosso trabalho pode contribuir para as próximas pesquisas realizadas acerca da educação no contexto das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e para os estudos dos gêneros emergentes, em especial do blog, porque embora seja bastante pesquisado na área da comunicação, ainda é pouco estudado no campo da linguística.

⁶ Embora a língua apresente duas modalidades: oral e escrita, iremos nos deter exclusivamente ao estudo da língua escrita.

1. GLOBALIZAÇÃO, NOVAS TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO

1.1 O saber no contexto da globalização

Nas três últimas décadas, as relações transnacionais aumentaram de forma drástica, sendo que a extraordinária amplitude e profundidade dessas interações contribuíram para um fenômeno novo denominado globalização⁷. Para alguns autores, esse processo favoreceu uma ruptura entre as formas antigas de interações transfronteiriças.

As interações transnacionais conheceram uma intensificação dramática, desde a globalização dos sistemas de produção e das transferências financeiras, à disseminação, a uma escala mundial, de informação e imagens através dos meios de comunicação social ou às deslocações em massas de pessoas. (SANTOS, 2002, p. 25)

Acredita-se que a intensificação dramática de fluxos transfronteiriços de bens, capital, trabalho, pessoas, ideias e informação originou convergências entre as diferenças culturais nacionais. Portanto, esse processo de globalização, embora seja importante, está longe de conduzir a uma cultura global em virtude de tal intensificação dos fluxos. Sem dúvida, a ideia de cultura global é um dos principais projetos da modernidade. Entretanto, esse projeto pode criar novos conflitos, porque quanto mais se pensa no global, mais diversidades aparecem. É preciso ter cautela, pois em meio ao global, corre-se o risco de esquecer ou perder o significado de uma identidade cultural.

⁷ Geralmente, a globalização é conceituada como: processo de aprofundamento da integração econômica, social, cultural, política, gerado no final do século XX e início do XXI, com o barateamento dos meios de transporte e comunicação dos países do mundo. Além disso, é um fenômeno moderno que está relacionado à expansão dos meios de comunicação e informação. Em resumo, é um conjunto de transformações que tornou o mundo interligado, uma Aldeia Global.

Boaventura⁸ (2002, p. 26) considera que “estamos perante um fenômeno multifacetado”, pois mescla dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas, interligadas de modo complexo. Nesse sentido, a globalização transcende os aspectos meramente econômicos, ultrapassando o senso comum que a considera apenas um único processo capitalista e passa a assumir as suas diversas facetas constituindo uma atividade global que abrange quase todos os aspectos da vida humana. Assim, podemos entender que a globalização é um dos processos de aprofundamento da integração econômica, social, cultural e política que se deu com o barateamento dos meios de transporte e comunicação entre os países no final do século 20 e início do 21.

Diante dessa integração, é difícil dissociar a educação do que se passa no mundo da produção, de capitais e dos serviços, pois a atual globalização interligou praticamente todas as esferas da existência humana sem permitir uma autonomia entre elas. Sendo assim, torna-se difícil conceber a educação fora do contexto das tecnologias da informação e da comunicação, tendo em vista que em um mundo globalizado é a alfabetização digital⁹ ou o letramento¹⁰ que favorecem o desenvolvimento profissional. Por isso, a necessidade de se trabalhar com os recursos digitais na escola, especialmente o computador conectado à internet, pois a rede favorece o acesso à informação.

É importante esclarecer que apesar da integração de diversos campos, é na economia que o fenômeno se sobrepõe. O mercado é o paradigma diretivo desse movimento de globalização que consiste na propagação em âmbito mundial de padrões de comportamento, de produtos e de informações. Nesse quadro, a mídia, sobretudo a mídia virtual, tem papel primordial, visto promover amplamente o ideário da globalização através da veiculação de informação em tempo real, além de funcionar como agente propulsor da

⁸ A partir das leituras realizadas na disciplina do mestrado Pesquisa em Ciência da Linguagem, percebemos a necessidade de citar o sociólogo Boaventura a fim de melhor explicar a globalização, tendo em vista a complexidade do fenômeno.

⁹ Essa alfabetização vai além do ler e do escrever na tela do computador. Trata-se de entender, significar, pensar e dar sentido ao mundo a partir do nosso contexto cultural. É a habilidade e a possibilidade para entender e usar a informação em múltiplos formatos.

¹⁰ Letramento significa o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita e suas práticas sociais. Essa apropriação é diferente de aprender a ler e escrever, pois apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua propriedade.

economia no mercado mundial na medida em que dá visibilidade a produtos e serviços, por meio de estratégias de marketing e de venda.

Além disso, a internet sustenta em parte a globalização ao gerar uma sociedade de informação na qual o conhecimento e a educação, segundo a concepção da Organização Mundial do Comércio (OMC), são considerados mercadoria oferecida pelo setor de serviços educativos. Mas a internet funciona também a favor de outra globalização, aquela que parte de uma utopia geral de compartilhar as riquezas e a educação, conforme é sustentado, entre outros, pelo movimento Fórum Social Mundial que se propõe a contribuir para uma sociedade mais justa e mais humana, favorecendo o desenvolvimento sustentável e a democratização política. Assim, a internet atua em direções distintas, porém articula as forças contrárias da globalização, por isso Boaventura fala em globalizações.

Como podemos perceber, é um fenômeno plural que influencia diversas dimensões, contudo é no domínio econômico que ele se impõe com mais acuidade ou com mais frequência; no domínio cultural, ele também se destaca. Segundo Santos (2002), cabe questionar se o termo mais adequado para globalização não seria ocidentalização ou americanização, já que os valores, os artefatos¹¹ culturais e os universos simbólicos que se globalizam são ocidentais e, por vezes, especificamente norte-americanos, sejam eles o individualismo, a democracia política, a racionalidade econômica, o cinema, a publicidade, a televisão, a internet, etc. A cultura de uma sociedade é fortemente influenciada pelos meios de comunicação social, nessa perspectiva, a internet é vista hoje como um artefato cultural, porta de acesso à comunicação, como um meio para democratizar a educação e como uma esfera de conhecimento em rede.

O certo é que os meios de comunicação social não são neutros e podem causar consequências significativas. A globalização assim como os meios de comunicação pode provocar efeitos contraditórios, se por um lado, é capaz de favorecer o desenvolvimento tecnológico-científico, por outro, enfatiza a desigualdade social. Para Appadurai (apud

¹¹ A partir do interacionismo, numa perspectiva sociocultural, entende-se que os artefatos são objetos ou instrumentos desenvolvidos historicamente na cultura e apropriados pelos membros de uma sociedade.

Santos, 2002), os meios de comunicação eletrônicos, longe de serem o ópio do povo, são processados pelos indivíduos e pelos grupos de maneira ativa e não passiva.

É interessante deixar claro a posição de Bourdieu (2004, p. 17) em relação à época em que vivemos. Segundo o autor, estamos, hoje, em condições de conceber novas formas de reflexão que podem ir além de todas as especulações de especialistas. Podemos verificar que a teoria bourdieuana dialoga com a perspectiva de Boaventura, no sentido de ambas buscarem um novo paradigma. Para Santos (1989, p. 11), presenciamos uma fase de transição entre o paradigma da ciência moderna e um novo paradigma, por ele denominado “pós-moderno”, o qual orienta diversos campos, o da ciência, o da arte, o da educação, entre outros, e busca uma convergência interdisciplinar. O autor esclarece que pensar a ciência moderna é pensar a construção de uma nova ciência e foi graças ao desenvolvimento tecnológico que a ciência adquiriu hegemonia e reconhecimento.

De meados do século XIX até hoje a ciência adquiriu total hegemonia no pensamento ocidental e passou a ser socialmente reconhecida pelas virtualidades instrumentais da sua racionalidade, ou seja, pelo desenvolvimento tecnológico que tornou possível. (SANTOS, 1989, p. 28)

Sabemos que a globalização atravessa as mais diversas áreas da vida social, porém vamos analisar, especialmente, o campo educacional inserido nesse contexto. Os estudos de Morin¹² são de grande relevância, porque trazem argumentos que tentam explicar a necessidade de reformar o pensamento para reformar o ensino. Segundo sua concepção, é necessário reformar os saberes nos ginásios e, para isso, ele desliza entre os termos “educação” e “ensino”, tendo em mente um ensino educativo. Para o autor (2008, p. 11), “a missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita ao homem compreender a sua condição humana e o ajude a viver”.

¹² Morin é um dos estudiosos que ganha destaque em nosso trabalho, em função de a sua teoria reformar o ensino a partir da reforma do pensamento. Essa reforma é tão necessária quanto à implantação das tecnologias na educação, porque a educação para o futuro exige cada vez mais saberes e conhecimento global, o indivíduo precisa estar adaptado aos novos recursos tecnológicos ou sentirá dificuldade para atender às exigências do mercado de trabalho.

A proposta de Morin consiste em expor os problemas fundamentais da educação que permanecem totalmente ignorados ou esquecidos e propor como solução os sete¹³ saberes necessários para se ensinar no próximo século. Por exemplo, ensinar a compreensão é um dos saberes mais importantes para a sociedade, porque a compreensão mútua entre os seres humanos é daqui para frente fundamental, a fim de que as relações humanas saiam de seu estado bárbaro de incompreensão. Esse estudo é tanto mais necessário porque enfocaria não os sintomas, mas as causas do racismo, da xenofobia, do desprezo. A compreensão mútua poderia levar paz e harmonia para as relações humanas.

Nesse contexto, cabe salientar que outra função da educação é contribuir para a auto-formação da pessoa, ensinar-lhe como se tornar cidadão. O indivíduo só é, de fato, um cidadão quando se sente solidário e responsável por seu país, e esse sentimento matripatriótico deve ser cultivado e valorizado. Além disso, a educação deve preparar o aluno para enfrentar as incertezas da vida, ensinar princípios de estratégia que permitirão enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza. “Cada um deve estar plenamente consciente de que sua própria vida é uma aventura, todo destino humano implica uma incerteza irreduzível, até na absoluta certeza, que é a da morte, ignora-se a data”. (MORIN, 2008, p. 63)

Para o autor, as ciências humanas e as ciências naturais permitem situar a dupla condição humana: natural e metanatural; ou seja, o ser humano traz dentro de si o mundo físico, o mundo químico, o mundo vivo, e, ao mesmo tempo, deles está separado pelo pensamento, consciência e cultura. O autor¹⁴ (2008, p. 37) ressalta “conhecer o humano não é separá-lo do Universo, mas situá-lo nele” e assim procura explicar a natureza humana:

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Essa unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo se tornado impossível aprender o que significa ser humano. (MORIN, 2003, p. 15)

¹³ Segundo Morin (2008), os sete saberes são: As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; Os princípios do conhecimento pertinente; Ensinar a condição humana; Ensinar a identidade terrena; Enfrentar as incertezas; Ensinar a compreensão; e A ética do gênero humano. São esses os caminhos que se abrem a todos os que pensam e fazem a educação.

¹⁴ No contexto da globalização, enfatiza-se a interdisciplinaridade, fundamental para permitir ao homem a compreensão de sua própria natureza. Nesse sentido, a obra de Morin é relevante, porque traz o estudo da condição humana como um dos sete saberes necessários para a educação do futuro.

De fato, estudar a natureza do ser humano é um grande desafio para a educação, porque apesar de muito se falar a respeito da interdisciplinaridade, a escola tradicional ainda não consegue relacionar os conteúdos e desintegra o conhecimento em disciplinas isoladas.

Por isso, outro saber que merece destaque é a dimensão geral do conhecimento. O homem que vive o fenômeno da globalização está envolvido em um contexto global (econômico, político, social, psicológico, afetivo, mitológico), portanto é necessário entender a relação inseparável entre o todo e as partes, porque o todo depende das partes e vice-versa. É pensando nessa dimensão global que notamos a relevância do aluno saber relacionar as disciplinas como partes de um todo. No entanto, a escola primária ensina a isolar os objetos, a separar as disciplinas, a dissociar os problemas; nessas condições, as mentes jovens perdem suas aptidões naturais para contextualizar os saberes e integrá-los em seus conjuntos.

A globalização, por sua vez, pode favorecer um ensino interdisciplinar, sem deixar de lado a sua preocupação com um modo de pensar mais aberto que ofereça o devido espaço para o aprendiz questionar, entretanto, a curiosidade é, frequentemente, aniquilada pela instrução. Para Spence (2011), a curiosidade desempenha um papel importante, porque são as perguntas que movem o mundo e foi graças à curiosidade e à criatividade do homem que o mundo cresceu economicamente. O avanço da ciência, da engenharia, das ciências sociais e da ciência da gestão precede e permite o desenvolvimento econômico, e este depende da inteligência (criatividade) e da ação do homem. À medida que a educação torna-se mais acessível, aperfeiçoa o ser humano que, por sua vez, alimenta as habilidades, a gestão e a capacidade de pensar e inventar.

Segundo Durkheim (apud Morin, 2008), ensinar a viver necessita não só dos conhecimentos, mas também da transformação, em seu próprio ser mental, do conhecimento adquirido em sapiência e da incorporação dessa sapiência para toda a vida. O ensino tradicional ainda não conseguiu atender a tais expectativas, porque ensinar a viver é um novo e grande desafio para a educação do futuro. Segundo a perspectiva de Morin, ensinar é tornar o aprendiz um ser que sabe relacionar aquilo que vive com aquilo que leu, que consegue

estabelecer relações entre as disciplinas, que compreende a complexidade do mundo global; é levar o outro a conhecer a si mesmo e a fazer análise crítica da vida e do mundo ao seu redor.

É preciso entender que a escola não foi constituída para ser um ambiente de castigo e frustração, ao contrário, é uma instituição que tem potencial para se tornar um laboratório de desenvolvimento da mente infantil. Para isso, é necessário ter muito cuidado, porque, contraditoriamente, é ali que o aluno descobre que não “sabe” (o conhecimento científico) e percebe que não é ali que ele vai aprender a enfrentar todas as adversidades da vida, pois há conteúdos que ele aprende na sala de aula que só são utilizados na avaliação escolar. Aqui fica evidente a necessidade de reformulação da função básica da escola. Diante dessa situação, Morin (2008) esclarece que os problemas da educação tendem a ser reduzidos a reformas de flexibilidade, de diminuição de carga horária, de organização, quando na verdade, é mais necessária a reforma de pensamento. Entretanto, há resistências inacreditáveis a essa reforma. O sistema educacional é rígido, inflexível, fechado e burocratizado. Muitos professores estão instalados em seus hábitos e autonomias disciplinares.

Para o autor, está na hora de voltar a pensar no ensino; não apenas como uma função, especialização, profissão, mas também como uma missão, muito elevada e difícil, uma vez que requer, ao mesmo tempo, arte, fé e amor. Uma missão que deve preparar as mentes para responder aos desejos que a crescente complexidade dos problemas impõe ao conhecimento humano, capaz de estabelecer a tão necessária reforma do pensamento. Essa reforma é uma necessidade democrática e histórica, fundamental para os cidadãos do novo milênio, que permitiria o pleno uso de suas aptidões mentais e constituiria uma condição indispensável para que a sociedade pudesse sair de sua estagnação intelectual.

A globalização, em meio às suas diversas facetas e diante de suas contradições, contribui para o progresso da humanidade e busca enxergar a ciência, a educação e o sistema econômico em uma dimensão global. É preciso estar atento à construção de novos paradigmas, porque a sociedade contemporânea vivencia uma fase de transição e encara grandes mudanças, por isso, precisamos compreender esse momento para desenvolver novas concepções de mundo e transformar a própria vida humana numa verdadeira atividade dinâmica. Esse é o desafio que nos espera.

É importante destacar que o maior instrumento da globalização cultural na sociedade tem sido certamente o conjunto das redes de comunicação. A abrangência, extensão e eficácia dessas redes constituem uma das maiores transformações na virada do século XX. Segundo GALLI (apud Marcuschi, 2005), uma das marcas da globalização é a velocidade com que evolui a tecnologia. Desde seu advento, no final da década de 1980, hoje, ainda com mais intensidade, a informática tem contribuído para a melhoria da qualidade dos serviços, para rapidez e precisão de dados em todas as áreas do conhecimento e para o aparecimento de uma linguagem universal.

Nesse sentido, o desenvolvimento e a utilização da Internet acabaram produzindo, entre seus usuários, uma linguagem própria, repleta de termos típicos, ou seja, todo usuário, de uma maneira ou de outra, acaba compreendendo o conjunto da rede e os termos que determinam seu funcionamento. As expressões ultrapassam o contexto cibernético e representam um fator concreto da globalização. (GALLI, apud Marcuschi, 2005, p. 122)

A partir do avanço da internet, desenvolveu-se uma linguagem universal, compreendida pelos seus usuários. A escola pode favorecer o trabalho com a linguagem específica da web, porque uma de suas atribuições é a alfabetização digital. Hoje, a escola preocupa-se com uma formação para o futuro, tanto em formar um leitor eficiente quanto em formar um cidadão competente e globalizado. Belloni (2005, p. 22) explica que para sobreviver e integrar-se ao mercado de trabalho do século XXI, o indivíduo precisa desenvolver uma série de capacidades novas: autogestão; resolução de problemas; adaptabilidade e flexibilidade frente a novas tarefas e situações; responsabilidade; capacidade de aprender por si próprio e constantemente; competência de trabalhar em equipe de modo cooperativo e pouco hierarquizado. As sociedades contemporâneas estão cada vez mais exigentes.

Segundo Belloni (2005), para construir a cidadania pós-moderna, é preciso resgatar as origens e os significados da cidadania na sociedade moderna, chegar às suas raízes iluministas. A educação para a cidadania significa, nesse contexto, resgatar os ideais de democratização do conhecimento e da informação como instrumentos de emancipação. Assim, pode-se dizer que tal educação pretende libertar o indivíduo da “escuridão”, ou seja,

“fazê-lo enxergar o mundo sob a luz do conhecimento” e, assim, torná-lo um cidadão crítico e participativo que compreende a si mesmo e o mundo ao seu redor.

O processo de globalização pode assim ser visto, quer como altamente destrutivo de equilíbrios e identidades insubstituíveis, quer como a inauguração de uma nova era de solidariedade global. O fato é que a influência desse fenômeno na educação é praticamente indiscutível, à medida que a sociedade se modifica e evolui, a educação também se modifica e passa a exigir um novo perfil de escola que ensine os alunos a encarar os desafios da vida e desenvolva-lhes as habilidades necessárias para atender às novas exigências do mercado de trabalho. A globalização requer mudança de pensamento para formar cidadãos que tenham conhecimento global e saibam se relacionar com o mundo em toda sua complexidade.

De acordo Corrêa (apud Coscarelli, 2006), a globalização apresenta duas versões para as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), a primeira diz respeito à visão tecnofóbica (aversão às TIC), segundo a qual, a máquina substituirá o homem ou promoverá o distanciamento, a perda das relações afetivas; a segunda, por sua vez, refere-se à posição tecnofílica que considera a máquina como uma deusa capaz de resolver todos os problemas educacionais. O fato é que ambas atribuem à máquina o bem ou o mal que podem causar, quando na verdade, não é a máquina que oprime o homem e sim o seu uso, porque o bem ou o mal dependem do uso que o homem faz dela.

Segundo Belloni (2005), para compreender o impacto dessas tecnologias nas sociedades e suas instituições, é necessário ir além das considerações técnicas – sejam elas “apocalípticas” ou “deslumbradas”. Para Lévy (1999, p. 12), a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na difusão da informação, reconhecer o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural, e desse modo, seremos capazes de compreendê-las dentro de uma perspectiva humanista.

É preciso valorizar o mundo real dos sujeitos, considerá-los como protagonistas de sua história e não como “receptores” de mensagens e consumidores de produtos culturais. É preciso retomar a velha fórmula: abandonar o conceito “do que a televisão faz às crianças” e substituí-lo pelo conceito “do que as crianças fazem com a televisão.” (BELLONI, 2005, p. 21)

Ou seja, é necessário valorizar o indivíduo enquanto sujeito ativo da sociedade, que sabe usar os novos equipamentos com criticidade e autonomia e não encará-lo como um consumidor passivo, que ao utilizar as TIC, torna-se dependente e alienado.

Além disso, precisamos buscar o caráter pedagógico das novas tecnologias, porque o determinismo tecnológico que dita a necessidade de termos equipamentos mais modernos restringe a tecnologia a uma máquina e desconsidera a sua característica de extensão da percepção humana, detentora de processos cognitivos, sociais, simbólicos. Segundo Corrêa (apud Coscarelli, 2006, p. 47), “devemos compreender a tecnologia para além do mero artefato, recuperando sua dimensão humana e social”. É importante compreendê-la não apenas como objeto, mas como forte recurso que pode contribuir para mudanças significativas na sociedade em todos os campos, social, econômico, educacional.

O fato é que os aparelhos tecnológicos possuem uma memória virtual, o que nos leva a aproximá-los de uma dimensão humana no sentido de ambos (homem e máquina) possuírem capacidade de armazenar fatos e dados em uma memória. Diante desse contexto, é fundamental estar atento a essas ferramentas, visto que tanto podem ser uma evolução para a humanidade como um mecanismo de alienação, por isso, a escola e, aqui enfatizamos a escola, é a mais importante instituição que poderá melhor direcionar o uso do computador, porque assim como a televisão, tende a se tornar um meio de manipular o usuário de acordo às exigências das forças dominantes, chegando a conduzir todo o sistema capitalista, consumista, que a sociedade vive no contexto atual.

Lévy (1999) esclarece, estamos vivendo a abertura de um novo espaço que se tornará o principal canal de informação e comunicação, e também suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século. Cabe apenas à sociedade explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. Portanto, é relevante estar aberto, benevolente, receptivo em relação à novidade para ser possível construir novos paradigmas para a educação, novas relações do homem com o universo tecnológico, melhores modos de aprender e, acima de tudo, de construir conhecimento. O presente já indica um futuro de rupturas e transformações.

E uma das transformações diz respeito ao novo conceito que a noção de saber adquiriu, pois ao longo do tempo, o saber perdeu espaço para a competência, posto que a globalização exige da educação ações pedagógicas que formem profissionais competentes, ou seja, indivíduos capazes de mobilizar conhecimentos junto aos posto de trabalho. Além da formação profissional, o educador deve estar atento à formação de homens críticos e autônomos, pois cabe às instituições educacionais cumprir com uma das suas funções básicas: a formação do cidadão, ou caso contrário, correrão o risco de perder a credibilidade do mercado de trabalho e da própria sociedade.

Segundo Lévy (1999), aprendizagens permanentes e personalizadas através de navegação, orientação dos estudantes em um espaço do saber flutuante e destotalizado, inteligência coletiva, gerenciamento dinâmico das competências em tempo real, enfim, esses processos sociais atualizam a nova relação com o saber. Nesse contexto, formar sujeitos que sabem transitar em meio ao universo das tecnologias digitais, sujeitos críticos, autônomos e globalizados, é o grande desafio da contemporaneidade. Desafio esse que depende, de modo particular, da educação. Por isso, é enorme a responsabilidade dos professores, porque são eles os profissionais que podem desempenhar melhor essa missão.

1.2 Os desafios da educação no mundo digital

Lévy (1999) fala um pouco sobre a origem e a evolução dos computadores e começa esclarecendo que os primeiros surgiram na Inglaterra e nos Estados Unidos em 1945. É interessante que, por muito tempo, foram reservados aos militares para cálculos científicos, seu uso civil disseminou-se durante os anos 60 e, somente nos anos 70, o computador que até então se limitava ao processamento de dados de grandes empresas, veio a tornar-se um instrumento de criação (de textos, imagens), de organização (planilhas), de simulação (programas para pesquisa) e de diversão (jogos), assumindo assim, uma postura de computador pessoal.

Já nos anos 1980, a informática começou a fundir-se com as telecomunicações, o cinema e a televisão, por fim, no início dos anos 90, um grupo de jovens profissionais das grandes metrópoles e dos campi americanos deu origem a um novo movimento sócio-cultural. As tecnologias digitais surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço¹⁵, novo espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e alimentado pelos seres humanos que navegam nesse “oceano” de informações.

Lévy (1999) ressalta, os atores desse movimento construíram um espaço de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, o ciberespaço é visto como um horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir, enfim, os jovens criaram um espaço de encontro, de compartilhamento e de invenção coletiva. Segundo o autor (1999), a palavra ciberespaço foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromance*. Nesse livro, o termo designa o universo das redes digitais descrito como palco de conflitos mundiais e nova fronteira econômica e cultural.

¹⁵ O ciberespaço é um tema que vem sendo bastante discutido, especialmente por geógrafos, pois os leva a pensar geograficamente sobre tal conceito e/ou novo paradigma da ciência geográfica que se apresenta nesta contemporaneidade.

Um aspecto interessante do ciberespaço é que o mesmo encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos e da coincidência dos tempos. As particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários.

O ciberespaço encontra-se dentro da rede telemática conhecida hoje como Internet, um imenso banco de dados em contínua expansão, circulação e atualização. A rede foi criada em 1969, com o nome de Arpanet, pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, com o propósito de interconectar os centros de investigação mais importantes do país e nela as instituições de ensino superior encontraram uma via de interação econômica e rápida. Com o passar do tempo, a rede foi expandindo-se ao largo do país. Ao final dos anos 80, Internet se converteu no nome da rede.

A internet é considerada hoje, para uma parcela significativa da população mundial, um dos principais meios de informação e comunicação, de modo que é comum, desde a infância, o estudante entrar em contato com o computador, seja em casa, na escola ou em um cibercafé¹⁶, acessar a internet tornou-se praticamente um hábito do cidadão da contemporaneidade. O computador ocupa boa parte do tempo da vida de muitos jovens que, frequentemente, procuram nele um momento de distração, diversão e, inclusive, uma maneira de conquistar novas amizades ou até mesmo encontrar um grande amor. Portanto, a necessidade de formar professores em novas tecnologias se dá, principalmente, pela significação que estes meios têm na atualidade.

Segundo a professora de sociologia da ciência Shinley Turkle, nos Estados Unidos, a atração irresistível que os jogos virtuais exercem, especialmente sobre os jovens, está dando origem a uma nova cultura, a qual ela denomina “cultura de simulação”. Belloni (2005) mostra que as pesquisas de Turkle revelam profundas transformações de ordem psicossocial provocadas pelo uso intenso destas máquinas de comunicação e informação que

¹⁶ Cibercafé (em português) ou Cyber café (em inglês) é o termo utilizado para designar um estabelecimento comercial que tem como atividade principal o serviço de lanchonete ou bar e, em segundo plano, disponibiliza aos seus clientes alguns computadores para acesso à internet. Distingue-se da lan house por ter o serviço da internet como atividade secundária.

permitem ao jovem, sem sair de sua cadeira, não apenas assistir a desfiles de outros mundos, como na telinha da TV, mas também participar desses desfiles e inserir-se em diferentes mundos virtuais, viver e interagir com outras pessoas no ciberespaço.

O fascínio que estas máquinas exercem sobre crianças e adolescentes pode levar a situações de mania e/ou dependência, na medida em que as pessoas se desligam facilmente da realidade física e socioafetiva circundante para se ligarem em alguma dessas realidades virtuais, propiciadas por uma dessas máquinas maravilhosas (BELLONI, 2005, p. 7)

O espaço virtual¹⁷ é muito atraente, visto que pode proporcionar ao usuário a realização de desejos que, na vida real, não são possíveis concretizar. Assim, os alunos terão acesso a realidades diferentes da sua, a lugares, costumes e fatos que, às vezes, não tiveram oportunidade de conhecer pessoalmente. Dessa forma, ao acessar a internet, o adolescente pode conhecer outras culturas, pode visualizar imagens de lugares onde ele nunca esteve, pode descobrir costumes e hábitos de outras regiões. Além disso, a internet permite aos internautas se divertirem, se comunicarem à distância, conquistarem novas amizades e “irem” aos países que sentem vontade de conhecer, tudo isso por um custo bem acessível. É por esses e outros motivos que a internet atrai facilmente o interesse e a atenção de grande parte dos adolescentes, especialmente, quando se refere às redes sociais.

Belloni (2005, p. 6) explica, “estas máquinas inteligentes desenvolvem nas crianças novas capacidades cognitivas e perceptivas”, por exemplo: melhores aptidões para construir conceitos espaço-temporais, para compreender as relações entre o todo e suas partes, reconhecer e identificar um trecho musical, inventar uma pergunta para animar um chat, enfim, embora estas técnicas ainda não tenham demonstrado toda sua eficácia pedagógica, elas estão cada vez mais presentes na vida cotidiana e fazem parte do universo dos jovens, sendo esta a razão principal da necessidade de sua integração à educação.

¹⁷ Espaço virtual não se refere a um espaço físico, pois a existência desse espaço se dá por meio de operações mediadas por redes eletrônicas e informáticas. Virtual é algo que existe em força, em potência. O espaço virtual vem sendo denominado de ciberespaço. Para maiores esclarecimentos acerca da virtualização como uma nova forma de conceber espaço, tempo e mesmo as relações humanas, sugerimos ver, principalmente a obra de LÉVY, P. O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 1996.

Para Belloni (2005), vivemos num ambiente cada vez mais técnico e menos natural: árvores, animais, riachos vão sendo substituídos por automóveis, telefone e vídeo games, objetos técnicos de todos os tipos e com as mais variadas funções e utilidades. Essa situação é preocupante, porque uma máquina jamais poderá proporcionar uma vida saudável para a população, como a natureza é capaz. E neste mundo, reina a deusa máquina, temos máquinas para tudo, de tal modo que, na sociedade atual, povoada de homens e máquinas, a técnica mediatiza as relações humanas.

O impacto da complexa maquinaria industrial na vida cotidiana é tão intenso que o homem, através da máquina, produz não apenas no mundo do trabalho, como também no campo das interações pessoais ou da transmissão cultural, os objetos técnicos são os intermediários entre os homens. Assim, uma das preocupações com o futuro da humanidade remete à substituição gradativa do ambiente natural pelo técnico que causará efeitos nos modos de pensar, de perceber, de compreender e de sentir. Por isso, teremos mudanças no modo de aprender e de ensinar, pois a maneira como nos relacionamos com os objetos acaba mudando e influenciando o campo educacional.

Para Mercado (1999, p. 16), “o aprender é hoje uma das principais preocupações das pesquisas em educação e psicologia cognitiva”, pois ganhou um novo significado: envolve conhecimentos que serão construídos e reconstruídos constantemente pelos aprendizes e deverão ser ampliados para além do cognitivo, implicando o desenvolvimento de habilidades fundamentais para atuação na sociedade moderna. A intenção agora é dar espaço para o aprendiz e a aprendizagem, e não somente focar no professor e no ensino; o objetivo é ensinar o estudante a descobrir por si mesmo a importância daquilo que aprendeu. O professor será o mediador desse processo, visto que a nova perspectiva da educação pretende ensinar o aprendiz a ele próprio buscar o conhecimento, colocá-lo dentro do seu contexto, da sua realidade e descobrir por si mesmo a sua utilidade.

A adoção da Internet requer mudanças profundas na escola, no ensino e na formação dos educadores. Esse novo modo de conceber o ensino exige a redefinição do papel do professor e de sua interação com os alunos, pois essa perspectiva requer um clima altamente motivador para a aprendizagem e um ambiente facilitador, com recursos telemáticos, com liberdade e autonomia de trabalho. Repensar a educação não é somente

acatar propostas de modernização, mas repensar a dinâmica do conhecimento de forma ampla e, como consequência, entender que o educador é o mediador desse processo.

Para isso, é preciso rever a formação que está sendo oferecida aos professores no paradigma atual e proporcionar cursos de atualização e especialização em universidades e escolas da rede pública e privada de ensino, a fim de obter uma formação continuada no contexto das tecnologias. A Internet, repleta de potencialidades, pode virar uma ferramenta/mídia de utilização prática nas escolas e na formação de professores, permitindo novas perspectivas no processo de ensino-aprendizagem. As transformações na Sociedade do Conhecimento provocam mudanças nesse processo e exigem novas posturas e competências do educador para os próximos tempos.

A partir dessas novas exigências da educação, o professor é incentivado a tornar-se um incentivador da inteligência e criatividade de seus alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos. Nessa nova “sala de aula” (espaço virtual), o educador partilha junto com os estudantes os recursos materiais e informacionais de que dispõem. Dessa forma, o professor aprende ao mesmo tempo que os estudantes e atualiza continuamente tanto seus saberes “disciplinares” quanto suas competências pedagógicas. Agora, sua principal função é incentivar a aprendizagem e o pensamento. (LÉVY, 1999)

Mercado estuda a relevância da formação continuada dos professores em Novas Tecnologias e esclarece que, na “Era da Informação”, a experiência educacional diversificada será a base fundamental para o sucesso. Hoje, o que os estudantes necessitam não é dominar um conteúdo, mas dominar o processo de aprendizagem que se dá através da descoberta do aprendiz, enquanto o educador será o mediador. No entanto, é preciso ressaltar a importância do professor, porque ele, trabalhando em equipe junto com a coordenação pedagógica, pais e toda comunidade escolar, poderá contribuir muito para uma inovação no ensino. Os novos recursos tecnológicos podem ajudá-lo, mas os recursos por si só não permitem mudança transcendental para a educação.

Não basta apenas dotar as escolas com novas tecnologias, comprando equipamentos sofisticados e aumentando o espaço físico. Corrêa (apud Coscarelli, 2006) explica que assim estaremos apenas apresentando uma fachada de modernidade. A introdução

das novas ferramentas na educação não é simplesmente a substituição do quadro negro ou do livro pelas novas tecnologias, mas está associada à mudança do modo como se aprende, à mudança das formas de interação entre quem aprende e quem ensina, à mudança do modo como se reflete sobre a natureza do conhecimento.

Segundo Mercado (1999), o objetivo de introduzir novas tecnologias na escola é para fazer coisas novas e pedagogicamente importantes que não se pode realizar de outra maneira. A escola passa a ser um lugar mais interessante que prepara o aluno para o seu futuro. O ensino dar lugar à aprendizagem e esta foca no sujeito aprendente a fim de torná-lo um indivíduo autônomo, de capacitá-lo a gerir seu próprio processo de aprendizagem e de ensiná-lo a usar várias fontes de informação e meios de comunicação eletrônica na construção do conhecimento. A ideia de Paulo Freire de que os indivíduos precisam aprender a aprender está se expandindo; os próprios estudantes devem ser capazes de realizar aprendizagens significativas em uma ampla gama de situações e circunstâncias.

Para Lévy (1999), os saberes encontram-se, a partir de agora, codificados em bancos de dados acessíveis on-line, em mapas alimentados em tempo real pelos fenômenos do mundo e em simulações interativas, por isso, devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. Além disso, hoje predomina o saber-fluxo, de modo que os indivíduos não estão mais confrontados a saberes estáveis, legados pela tradição. A maioria dos saberes adquiridos no início de uma carreira fica obsoletos no final de um percurso profissional.

Outro aspecto relevante é que, dentro do universo virtual, professores/mestres são aqueles capazes de apontar os caminhos que podem levar o aluno/aprendiz ao conhecimento. Nada de respostas prontas ou padronizadas. Aprender no virtual é uma jornada infinita, não um livro com um número exato de páginas. A combinação das ferramentas de comunicação digital, as bases de informação e os relacionamentos das redes sociais transformam o ciberespaço na nova escola, sem paredes, sem carteiras, sem conceitos pré-estabelecidos. Tudo está interconectado numa rede de conhecimento sem limites.

Torna-se cada vez mais necessário um fazer educativo que ofereça múltiplos caminhos e alternativas, distanciando-se do discurso monológico da resposta certa, da sequência linear de conteúdos, de estruturas rígidas dos saberes prontos, com compromissos renovados em relação à flexibilidade, à interconectividade, à diversidade e à variedade. (GUIMARÃES e DIAS, apud Coscarelli, 2006, p. 23)

A arquitetura da sala de aula, do silêncio disciplinar, não existe no universo digital onde a regra é interagir a todo instante. Há inúmeras possibilidades de utilizar praticamente tudo no virtual como espaço de aprendizagem, a infinita biblioteca de Babel de Jorge Luis Borges. Nessa biblioteca, as diferentes áreas do conhecimento espalham-se por diferentes espaços conectados por hiperlinks, pesquisas, inovação, blogs, tweets, scraps... Ao contrário do espaço organizado, regular, controlado e estruturado da escola, as redes sociais promovem o auto-aprendizado, a capacidade crítica, a discussão em grupo, a colaboração e a associatividade.

Levando em consideração o novo ambiente escolar, cabe lembrar-se de Paulo Freire e de sua proposta com o Construtivismo, uma corrente pedagógica que considera o próprio aluno o sujeito de sua aprendizagem, capaz de vivenciar situações desafiadoras do ponto de vista cognitivo e social. Tal modelo sustenta-se em um fluxo comunicacional, bidirecional, que possibilita a troca de informações, o diálogo e o reconhecimento do outro. A função educativa da escola requer a transformação das práticas pedagógicas e sociais na sala de aula, buscando facilitar e estimular a participação ativa dos alunos nas diferentes tarefas que se desenvolvem em aula.

Na sociedade da informação, o aluno chega à escola com um abundante capital de informações oferecidas pelos meios de comunicação de massa, e neste caso, a escola pode cumprir a função de reelaboração crítica e reflexiva da realidade, orientando-o para a organização racional da informação fragmentada, formada pela pressão reprodutora do contexto social. Diante dos poderosos meios de comunicação, a escola está correndo o risco de perder o papel hegemônico de responsável pela transmissão da informação. (MERCADO, 1999)

A produção do conhecimento, o acesso a ele, o seu domínio já não são privilégios de algumas pessoas ou instituições. O conhecimento hoje se produz em vários espaços e por múltiplos agentes. Os avanços tecnológicos contribuíram para o acesso ilimitado da sociedade à informação e possibilitou novas formas de comunicação e interação, de tal modo que conduziu a uma maior democratização do saber e da informação.

De acordo Galli (apud Marcuschi, 2005), a comunicação virtual introduz um conceito de descentralização da informação e do poder de comunicar. Todo computador, conectado à internet, possui a capacidade de transmitir palavras, imagens e sons, assim qualquer pessoa, desde que seja alfabetizada digital, pode construir um site ou um blog na internet sobre qualquer assunto e propagá-lo de maneira simples, tornando-se um sujeito ativo no processo de divulgação de informações, ideias e pensamentos. É um espaço que oferece oportunidade para todos se expressarem, interagirem e partilharem conhecimentos.

Desde as primeiras definições desse novo campo de saber em reuniões de especialistas da UNESCO está presente a ideia de que a educação para as mídias é condição *sine qua non* da educação para a cidadania, sendo um instrumento fundamental para a democratização das oportunidades educacionais e do acesso ao saber e, portanto, de redução das desigualdades sociais. (BELLONI, 2005, p. 12)

Nessa perspectiva, a educação para as mídias, cujos objetivos dizem respeito à formação do usuário ativo, crítico e criativo de todas as tecnologias de informação e comunicação é considerada por Belloni (2005) como essencial para o desenvolvimento de práticas educativas mais democratizadas, incluindo a formação de professores plenamente atualizados e em sintonia com as aspirações e modos de ser das novas gerações.

A escola não pode deixar de lado o desafio que está à sua frente, visto que é inegável que as TIC estão presentes e influentes em quase todas as esferas da vida social, negá-las seria afastar o aluno do contexto da globalização e fugir de sua responsabilidade de prepará-lo para as novas exigências da sociedade, portanto, compete à instituição de ensino, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando.

Diante de tal realidade, Belloni (2005, p. 10) mostra que isso exige investimentos significativos e transformações profundas e radicais em: formação de professores; pesquisa voltada para as metodologias de ensino, nos modos de seleção, aquisição e acessibilidade de equipamentos; materiais didáticos e pedagógicos, além de muita, muita criatividade. Sem as reformulações necessárias, corre-se o risco de se ter escolas irrelevantes para os alunos, que se encontram inseridos no contexto das tecnologias, e formar profissionais mal preparados. Por isso, compete à escola apreciar os novos recursos tecnológicos que muitos adolescentes estão

utilizando em seu cotidiano para poder orientá-los quanto ao uso de tais equipamentos, esclarecer-lhes os cuidados necessários ao “navegar” na internet e, sobretudo, ressaltar os ricos de relacionamento através das redes sociais.

Apesar da facilidade de acesso à informação, é necessário esclarecer que esta não é sinônimo de conhecimento. Segundo Martínez (apud Tedesco, 2004, p. 96), “o acesso a grandes quantidades de informações não assegura a possibilidade de transformá-las em conhecimento”, este, por sua vez, não viaja pela Internet. Construí-lo é uma tarefa complexa, para a qual não basta criar condições de acesso à informação. Além disso, exige-se um conhecimento básico do tema pesquisado, porque somente assim o leitor saberá extrair informação útil do crescente “oceano” de dados acessível na Internet.

Por isso, a necessidade de formar leitores que saibam transitar nas redes digitais com critérios e raciocínio reflexivo, porque para construir conhecimento é preciso esforço mental e criticidade a fim de selecionar o que, de fato, é relevante e útil ao campo do saber. Essa aprendizagem envolve a capacidade das pessoas de relacionar as informações de maneira crítica e global. O aluno é visto como sujeito que utiliza sua experiência e seu conhecimento de mundo para resolver problemas. Ou seja, a infinitiva conectividade da internet está modificando o cenário de como os jovens produzem, transformam e compartilham conhecimento.

Para Lévy (1999), as tecnologias digitais surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço, um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento. Segundo Mercado (1999), foi mais especificamente na denominada Era Digital, que a informação passou, de fato, a ser considerada mercadoria e reafirmou-se o conceito de que “pensar é processar informação”, não deixando lugar para a construção do saber e para a criatividade. Para Belloni (2005, p. 20), “as redes tendem a tornar-se um novo segmento de mercado muito promissor” que ao estabelecer uma escala única de quantificação, possibilita a tarifação – e, portanto, a comercialização – de todas as informações assim tratadas e veiculadas. Desse modo, a informação é uma nova moeda de troca ou uma nova medida de valor, constituindo uma nova ficha simbólica tão importante quanto o dinheiro.

Lévy (1999) explica que, nos anos 50, Albert Einstein declarou que haviam explodido três grandes bombas: a demográfica, a atômica e a das telecomunicações. Essa última foi denominada por Roy Ascott de “segundo dilúvio”, o das informações, em virtude da grande quantidade de dados disponíveis que se multiplica e se acelera. É o transbordamento caótico das informações, os turbilhões da comunicação, a guerra das imagens, as propagandas e as contra-propagandas. A partir de tal perspectiva, Lévy (1999, p 15) ressalta “o dilúvio informacional jamais cessará. Devemos aceitá-lo como nossa nova condição. Temos que ensinar nossos filhos a nadar, a flutuar, talvez a navegar”.

A cada minuto que passa, novas pessoas passam a acessar a Internet, novos computadores são interconectados, novas informações são injetadas na rede. Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna “universal”, e menos o mundo informacional se torna totalizável. (LÉVY, 1999, p. 111)

Sabemos que em função do saber-fluxo, do crescimento cada vez mais rápido dos conhecimentos científicos e técnicos, e após a complexidade do mundo e sua diversidade, a ideia de dominar o conhecimento tornou-se cada vez mais uma ilusão. Hoje, é evidente para todos que o conhecimento passou definitivamente para o lado do intotalizável, do indominável. “A emergência do ciberespaço não significa que “tudo” pode ser acessado, mas que o Todo está definitivamente fora de alcance”. (LÉVY, 1999, p. 161, grifo do autor)

A Web facilita o acesso às mais variadas informações que se proliferam vertiginosamente em todas as áreas nos últimos tempos, por isso, a sociedade contemporânea é denominada “da Informação” que, por sua vez, se contradiz com a ideia de “Sociedade do Conhecimento”. O fato é que a velocidade com que se produz a informação é tão veloz que cabe questionar: a população está conseguindo acompanhar e assimilar a enxurrada de informações que são divulgadas pela mídia a cada segundo? Essa é uma questão que nos leva a perceber que se torna cada vez mais difícil para o cidadão está efetivamente atualizado.

Por fim, é preciso entender que as tecnologias digitais já foram apropriadas pela sociedade e estão hoje imersas pelo mundo, pois como afirma Marcuschi (apud Araújo e Biasi-Rodrigues, 2005, p. 11) “estas tecnologias tornaram-se irreversíveis e invasoras de todos os ambientes”. Não se pode ignorá-las, é necessário adaptar-se e torná-las verdadeiros instrumentos que podem enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Assim, o professor

precisa estar preparado para dialogar com a realidade do seu aluno, porque as tecnologias perpassam a fala dos adolescentes e fazem parte de sua vida cotidiana. Essa realidade requer um novo perfil de professor (mediador) tendo em vista o novo perfil de aluno (sujeito aprendente). Esse é o desafio que se coloca à escola, ou melhor, à sociedade e a todos os profissionais, sobretudo, da educação.

1.3 A escola diante da linguagem virtual

Segundo pesquisas realizadas pelo IBGE em setembro de 2012, no período de 2009 a 2011, os bens duráveis com maior crescimento foram o microcomputador com acesso à internet (39,8%), microcomputador (29,7%) e telefone celular (26,6%). A partir dessa pesquisa, podemos interpretar que os meios de informação e comunicação, especialmente o computador, tornaram-se bens necessários à vida em sociedade e não mais aparelhos de luxo ou status social. Hoje, existe uma maior facilidade de acesso a tais recursos, por isso ter um computador em casa está se tornando cada vez mais comum quanto ter uma televisão.

“De fato, o uso de computadores cresce rapidamente no Brasil, aumentando a rede de usuários e, ao mesmo tempo, impondo modos de aprendizagem, atualização e trabalho que não eram conhecidos há poucos anos atrás” (SILVA, 2008, p. 15). Por isso, a escola não pode esquivar-se de sua responsabilidade com a formação de professores em novas tecnologias para não prejudicar os estudantes, pois é necessário oferecer a estes a oportunidade para se preparar e atender às exigências do mercado de trabalho.

O crescente acesso de pessoas à rede mundial de computadores e o surgimento de vários gêneros digitais têm possibilitado a criação de uma maneira diferente de lidar com a escrita e suas normas gráficas. Foi, principalmente, devido às divergências em relação às formas de escrever e falar “certo ou errado” que, nos últimos anos, a língua que já era foco de atenção, conquistou mais espaço nas pesquisas, de tal modo que é inquestionável a proliferação de manuais de redação em língua portuguesa, vendidos em bancas de jornal e a multiplicação de programas de televisão e de rádio, que explicam como expressar-se com clareza e “correção”¹⁸. Além disso, em 2006, foi inaugurado o Museu da Língua Portuguesa, na cidade de São Paulo, cujo tema é a Língua Portuguesa.

Dessa forma, podemos perceber que questões a respeito da língua têm se destacado na sociedade, sobretudo após o advento da internet, quando os usuários foram expostos aos mais variados gêneros de textos e manifestações de linguagens. Nesse sentido, Xavier (2005) levanta dois questionamentos, o primeiro é: a escrita utilizada pelos internautas nos emails, weblogs, orkut, bate-papo¹⁹ estaria prejudicando a aprendizagem da escrita na escola? O segundo: por que muitos internautas (no caso, aqueles que dominam os códigos e as habilidades necessárias para a comunicação no espaço virtual) escrevem e se comunicam com fluência quando utilizam os gêneros digitais, mas apresentam desinteresse e até dificuldades de escrever textos quando estão na escola?

Diante dessa problemática, sentimos o interesse de estudar o sistema de escrita denominado “internetês”, que embora não seja uma língua, é um modo de grafar as palavras, pois como não conseguimos escrever no mesmo ritmo da fala, os internautas inventaram modos abreviados e condensados de grafar. Então, Faraco (2009) explica, a invenção dessa representação gráfica da língua surgiu da necessidade que os internautas têm de escrever com rapidez para manter os bate-papos cheios de vida. Para o autor, trata-se da criação de uma espécie de taquigrafia ou estenografia, ou seja, uma invenção de modos abreviados, condensados de grafar que tentam registrar a fala acompanhando seu ritmo.

¹⁸ Correção no sentido de falar e escrever segundo a norma culta da língua.

¹⁹ Cabe-nos esclarecer tais termos: E-mail (correio eletrônico); Weblog (espécie de diário virtual); Orkut (rede social); bate-papo (conversa mediada pelo computador com acesso à internet em tempo real).

A prática de abreviação, o banimento da acentuação gráfica, o acréscimo ou a repetição de vogais, as modificações do registro gráfico padrão, com troca ou com omissão de letras, são alguns dos traços que podem ser observados na ortografia desses textos. (KOMESU, 2009, p.624)

Essas modificações repercutem na elaboração de enunciados breves e concisos, que valorizam a informação em si mesma, expressos através de uma escrita abreviada, cujo aspecto normativo passa a ser de segunda ordem. O importante agora é interagir, o foco está na capacidade de os internautas se comunicarem com poucas palavras e em curto espaço de tempo, ou seja, o objetivo é ganhar velocidade nas expressões e, desse modo, a norma culta da língua aparece em segundo plano. No entanto, isso não significa que a língua padrão não tem relevância, mas sim que deve ser utilizada em circunstâncias que exigem uma comunicação formal. Além disso, é preciso esclarecer que o internetês não é um sistema de escrita incorreto ou inferior, mas diferente e adaptado ao espaço virtual.

Para Faraco, a expressão “internetês” representa uma bela expressão da criatividade humana. O autor esclarece, não há o que temer, porque a internet não está destruindo a língua como alguns pensam, na verdade, a língua em si não está sendo afetada, as palavras continuam com suas pronúncias e sentidos corriqueiros, elas apenas estão sendo grafadas de modo abreviado. Entretanto, Faraco (2009) explica, o domínio da língua padrão é tão necessário quanto o da língua virtual, pois em situações específicas, o sujeito precisa saber escrever ou falar de acordo a norma culta da língua, portanto é necessário saber utilizar as formas adequadas da língua para cada situação comunicativa.

A temática acerca do sistema internetês gera divergências. Magnabosco (2009) explica, por um lado, autores afirmam que esse tipo de linguagem nada mais é que um código secreto de uma comunidade jovem e moderna. Para esses, os internautas podem aprender a escrever de duas maneiras (padrão e internetês) e aumentar sua capacidade linguística. Por outro lado, autores defendem que tal sistema é prejudicial ao ensino de Língua Portuguesa, uma vez que o aprendizado da escrita estaria condicionado à memória visual.

Magnabosco (2009) conclui “Inadequado ou não, ele é muito utilizado pelos usuários da WEB²⁰, principalmente por adolescentes, e esses, muitas vezes, dada a grande utilização dessa linguagem, a levam para as produções escolares tradicionais.” O fato é que o novo sistema já foi apropriado e a escola precisa criar métodos para adaptar-se a essa realidade. Talvez a melhor forma de lidar com essa questão seja tentar construir, juntamente com os alunos, estratégias que possam contribuir para uma efetiva conscientização do uso adequado desses gêneros e suas linguagens nos diversos contextos interacionais, isto é, um trabalho com a variedade linguística.

Nesse âmbito, podemos destacar a relevância da escola, que possui o papel de orientar os usos da língua e esclarecer que não há erros no modo de escrita utilizado no espaço virtual. Ensinar a norma padrão é tão necessário quanto explicar a questão das variações linguísticas. O desafio posto hoje aos professores de português é mostrar as formas adequadas da língua de acordo cada contexto, assim, o aprendiz aprenderá a usar não apenas uma maneira de escrita, mas duas e isso poderá ampliar sua competência linguística.

Podemos perceber que a questão da linguagem utilizada na internet é um assunto bastante atual e polêmico, visto que tem preocupado bastante pais e professores que procuram entender a influência dessa linguagem no ensino/aprendizado da norma padrão. Essa temática requer pesquisas mais aprofundadas, porque ainda não existe uma teoria linguística que explique esse novo formato de escrita e suas consequências para o ensino da língua materna. Cabe destacar a sugestão de Freitag e Fonseca:

Sugerimos que a modalidade de língua utilizada nos ambientes virtuais é uma espécie de sub-norma. O prefixo sub deve ser entendido não com significado pejorativo, como em subdesenvolvido, mas com significado de contingência como em subconjunto... A norma padrão e a sub-norma utilizada na Internet estão relacionadas de modo unívoco: é preciso dominar a norma padrão para dominar a sub-norma. (FREITAG, FONSECA E SILVA, 2006, p.4)

²⁰ Web e Internet, embora pareçam sinônimos, não o são, pois Internet significa o conjunto de todas as redes espalhadas pelo mundo que usam protocolos TCP/IP (Protocolo de Internet), enquanto Web (World Wide Web = rede de alcance mundial) é apenas um dos diversos serviços disponíveis através da Internet.

Segundo as autoras acima, o uso da língua no ambiente virtual está indo em direção ao surgimento de um subconjunto da norma-padrão. Não se trata de mais uma norma, nem de uma variedade linguística, pois não se pode fazer associação entre variedade e região. A sub-norma da internet não está diretamente relacionada a uma pátria e nem apresenta características dialetais. Além disso, cabe salientar o seguinte: o internauta que não domina a norma padrão poderá ter dificuldades para compreender a linguagem na internet, pois nem sempre esse usuário terá intuição linguística para decodificar a sub-norma, visto as novidades e as abreviações que ali surgem, como beleza virou “blz”, fim de semana “fds”, computador “PC”, aniversário “niver”, internet “net”.

É interessante explicar que essa proliferação de abreviaturas, hoje tão comum às interações virtuais, já aconteceu na norma padrão em outros períodos históricos. Segundo as pesquisas de Freitag e Fonseca (2006), em textos da época medieval podiam-se encontrar uma profusão de abreviaturas, pois antes da invenção da imprensa, o trabalho de divulgação e reprodução do conhecimento era feito pelos monges copistas nos mosteiros medievais. A tarefa árdua da cópia fez com que se desenvolvesse o hábito das abreviações, as quais eram decorrentes da intuição dos copistas, pois não havia tratado ou convenção.

Os emoticons (como se diz em inglês) assim como as abreviaturas, não são inovações da Internet. As autoras Freitag e Fonseca (2006, p. 6) esclarecem o seguinte: “acredita-se que os emoticons sejam decorrentes de um sistema criptográfico desenvolvido durante a Guerra Fria, cuja técnica de decodificação é baseada na rotação 270° dos caracteres digitados”. Ou seja, não é uma novidade; além disso, com o passar do tempo, algumas abreviaturas foram normatizadas e continuam presentes na língua atual. Por exemplo, professor e professora – prof. e prof^a. – é uma abreviatura que acontecia com os nomes de profissões nas cópias medievais e até hoje está presente.

Hoje, os emoticons são muito utilizados na comunicação virtual devido à necessidade de se usar expressões que facilitem a interação e criem vínculos afetivos entre os participantes. Chartier (2002) explica, emoticons significa símbolos que utilizam de maneira pictográfica alguns caracteres do teclado (vírgula, ponto e vírgula, parênteses, dois pontos) para indicar alegria :-), tristeza :-(, ira :-@, enfim, ilustram a procura de uma linguagem não-

verbal que possa permitir a comunicação universal das emoções e o sentido do discurso. São recursos que ajudam a dar vida à interação humana por meio da máquina.

É interessante ressaltar que essa comunicação não pode ser vista como artificial, pois embora não permita o contato físico e seja mediada pelo computador, essa interação não é neutra e pode acontecer face a face, de tal modo que é capaz de transmitir os sentimentos e as expressões faciais dos interlocutores. A máquina é apenas o recurso, o meio, entretanto, a comunicação acontece entre indivíduos que estão prontos para se comunicar e interagir. Essa comunicação mediada por computadores em suas modalidades síncronas (bate-papos) e assíncronas (fóruns, lista de discussão, correio eletrônico) tem permitido o exercício da linguagem de forma diferenciada.

Nesse contexto, o texto escrito ganha uma nova formatação, permeada de oralidade, pois a escrita representa a comunicação oral entre internautas, que pode acontecer, por meio de vídeo, microfone, etc. Como explica Magnabosco (2009, p. 52) “Essa linguagem utilizada na internet, principalmente nos chats, caracteriza-se como uma linguagem híbrida, que funde oralidade e escrita em um mesmo suporte – a tela do computador – e em um mesmo evento sociointeracional”. Muitos aspectos típicos da fala estão fortemente presentes na comunicação que ocorre no ambiente digital e, por isso, essa escrita mescla-se com marcas da oralidade.

A partir de tais questões, notamos que é fundamental a formação de leitores capazes de transitar por diversas circunstâncias comunicativas e por múltiplos ambientes de interação. Para Soares (2002, p. 4), “estamos vivendo, hoje, a introdução, na sociedade, de novas modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (a web), a Internet”. Um momento adequado para tentar entender o letramento na cibercultura²¹, pois a geração atual costuma aprender primeiro a circular no espaço virtual antes de soletrar, ou seja, adquire o letramento digital antes mesmo de ter se apropriado do letramento alfabético.

²¹ Segundo o filósofo Lévy, cibercultura é a transformação profunda da cultura. Gomez (2010, p. 16) explica “é o produto de uma relação de trocas entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica”.

Podemos notar que muitos adolescentes têm efetivado práticas de leitura e de escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização devido à intensa utilização do computador para interação à distância. Xavier explica essa mudança na leitura e na escrita dos adolescentes da seguinte forma:

Eles agora lidam não só com as formas gráficas da escrita ditadas pelas normas gramaticais, mas as reconfigura, resignificando-as tal como acontece com parênteses, traços, barras e outros sinais de pontuação que formam feições humanas e passam a representar estados d'alma, refiro-me aos emoticons. (XAVIER, 2005, p. 2)

À luz de tais inovações, notamos que a interação mediada pelo computador proporcionou novas formas de uso da linguagem, podemos citar: a criação de um novo sistema de escrita (internetês) e de caricaturas que expressam emoções faciais (emoticons). É em função de tais modificações que Soares (2002) considera o momento atual favorável para estudar se realmente as práticas de leitura e de escrita digitais (letramento na cibercultura) conduzem a um estado ou condição diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas²² (letramento na cultura do papel).

Segundo a concepção de Soares (2002, p. 156), é preciso pluralizar a palavra letramento e reconhecer que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes letramentos. A autora defende a ideia de que “diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos”. Soares explica a necessidade de ir além do sentido da palavra letramento, que se limita apenas às práticas de leitura e de escrita no contexto de uma cultura do papel para construir um sentido novo, que reconheça esse fenômeno inserido na cultura da tela, isto é, na cibercultura.

Diante de tais questões, não nos resta dúvida de que a produção e a circulação de textos virtuais trazem grandes desafios para a educação formal das novas gerações. Por isso, tornou-se necessário formar sujeitos capazes de lidar com os recursos tecnológicos e de compreender as diversas linguagens, posto que atualmente a exigência de manejo

²² O adjetivo tipográfico usado, neste texto, para qualificar leitura, escrita e letramento, não se refere apenas a textos impressos com tipos, mas a textos impressos de modo geral, seja qual for o processo de composição, seja tipográfico, editoração eletrônica, fotocomposição, etc.

computacional é colocada como pré-requisito para uma significativa gama de empregos e serviços. Entretanto, a escola enfrenta sérios problemas para adaptar-se a essa realidade.

Fenômenos como a “tecnofobia” (recusa a qualquer tecnologia de natureza elétrica ou eletrônica) e “mal-estar docente” (confusão frente ao variado conjunto de tecnologias atualmente disponíveis) são frequentes no mundo da educação escolarizada, mostrando sérias lacunas na formação recebida pelos professores, principalmente os de ensino fundamental e médio. (SILVA, 2008, p. 15)

Talvez a melhor estratégia para combater esses fenômenos e construir novas perspectivas para o ensino seja derrubar o medo, a insegurança e a má vontade daqueles que não acreditam na contribuição de tais ferramentas digitais para a educação e se recusam a aceitar o que se coloca como novo. Oferecer aos professores cursos de atualização e formação continuada em novas tecnologias é o primeiro passo para tentar atender às exigências da educação na era digital.

Hoje, observamos que a escola procura rever seus objetivos, sua metodologia e seus recursos didáticos com o intuito de ultrapassar a transmissão de conhecimento e conquistar aprendizagens dinâmicas e motivadoras, pois como afirma Xavier (2009, p. 2) “Lidar com essa nova mídia, conhecer e interagir com pessoas em diferentes pontos do planeta, sem dúvida, tem sido muito mais fascinante que ir à escola e esquentar as carteiras para ouvir o professor monotonicamente falar sozinho o tempo em que lá permanecem”.

A escola precisa refletir sobre suas práticas pedagógicas senão poderá se tornar um lugar atrasado, fora do contexto atual e irrelevante para uma geração nova que está cada vez mais envolvida com o mundo das tecnologias. Cabe-nos ressaltar que há uma necessidade da escola avaliar e comparar a eficácia dos métodos e dos recursos tradicionais ao lado das novas metodologias de ensino e dos modernos recursos tecnológicos. Precisamos descobrir os melhores métodos para o processo de ensino-aprendizagem e os recursos mais adequados para cada contexto educativo. Caso contrário, o conhecimento adquirido em sala de aula será insuficiente para garantir aos adolescentes uma boa formação profissional, tendo em vista que o mercado de trabalho exige o domínio de tais recursos.

Cabe-nos esclarecer que os recursos tradicionais, como a lousa e o giz, não são errados ou desnecessários, entretanto, já não atendem às expectativas da educação na era digital e tornaram-se insuficientes para proporcionar aulas dinâmicas e interativas, além disso, os métodos tradicionais valorizam o professor como o “detentor do saber”, o aluno, por sua vez, é concebido como uma tábua rasa que participa passivamente do processo de ensino-aprendizagem.

Para mudar essa situação da educação, é necessário investir em novas estratégias de ensino e oferecer as condições mínimas necessárias para os novos recursos (ou seja, as tecnologias digitais) mostrarem como podem contribuir para a construção do conhecimento. O fato é que as tecnologias já estão em circulação, cabe aos professores transformá-las em recursos para uma aprendizagem significativa²³ que se aproxime da realidade do aluno.

A internet pode ser uma grande aliada para resgatar nos alunos motivações e estímulos perdidos, pois, além de oferecer muitas possibilidades para um enriquecimento informacional, possibilita o resgate de um destinatário real para as produções escolares, o que pode repercutir em um interesse maior no ensino da língua materna. (MAGNABOSCO, 2009, p. 56)

As novas tecnologias propiciam maiores possibilidades de interação e isso pode repercutir em uma maior motivação dos alunos, já que poderão, pelo uso dos gêneros digitais, não só buscar novas informações como também publicar seus trabalhos na grande rede. Agora, o estudante pode se tornar um propagador de ideias e pensamentos. A internet possibilita ao internauta compartilhar seu conhecimento de mundo, suas angústias, dúvidas e emoções. Xavier (2009, p. 5) explica “a Internet é uma mídia que tem como fundamento central o conceito de liberdade de expressão. Nunca esse sintagma esteve tão valorizado em toda história da humanidade”.

O autor esclarece que os adolescentes usuários da mídia digital têm a oportunidade de exercitar aquilo que mais gostam de fazer pela própria natureza da idade: transgredir. Os internautas sabem que não há sanções quanto ao como vão dizer o que querem

²³ Ao contrário de uma aprendizagem mecânica de conhecimentos fragmentados, a aprendizagem significativa é aquela que se produz quando quem aprende pode estabelecer uma relação substancial entre a novidade e seus conhecimentos prévios, pois é contextual e vivencial, tem um sentido para quem aprende.

dizer, mas claro que é preciso ter cuidado nas palavras, nada de ofensas ou manifestações de quaisquer tipos de preconceito. Hoje mais do que ontem, valoriza-se não só o que se diz, mas principalmente o direito de dizê-las. O auge do espaço virtual é garantir aos usuários a liberdade de expressão, porém essa liberdade tem limites, regras, é preciso respeitar o próximo e manter a ética. O internauta tem direito de falar e escrever, espontaneamente, independente das normas gramaticais, recriando a linguagem e dando novas formas às palavras.

No mundo virtual, a comunicação falada e/ou escrita é horizontal e democrática, Silva (2008) explica que talvez resida nisso a possibilidade maior de instauração de um certo tipo de cultura entre os homens que pelas práticas de leitura poderão de agora em diante, viver mais intensamente a criatividade e a liberdade. Na internet, os usuários se igualam porque possuem os mesmos direitos de inventar, falar, criticar, opinar (cabe-nos esclarecer que tudo isso deve ser feito com muito cuidado, porque a liberdade existe, mas nem tudo pode ser dito, nem tudo é permitido ser exposto). O fato é que a internet facilitou o acesso à informação e rompeu barreiras para a comunicação; além disso, oferece espaço para as pessoas expressarem aquilo que pensam, o que sentem, o que gostam, enfim, ali o mais importante é o direito à liberdade de expressão e o direito de acesso ao conhecimento.

Sabemos que nas páginas digitais da internet predomina a linguagem verbal na modalidade escrita da língua, portanto é indiscutível que os usuários da internet hoje lêem muito mais e são incentivados a escrever mais que antes, entretanto, a qualidade da leitura realmente precisa ser discutida e avaliada. Cabe à escola esclarecer aos aprendizes que não se escreve da mesma forma em todos os gêneros e suportes de escrita, pois a língua não é uniforme, além disso, é preciso articular o ensino de língua materna aos gêneros digitais a fim de aproveitar a competência comunicativa dos adolescentes que usam muito bem esses gêneros para transformá-los em vorazes leitores e autênticos produtores de textos, sujeitos capazes de expressar para o mundo suas ideias, sensações e opiniões.

2. AS NOVAS FORMAS DE USAR A LINGUAGEM NA ERA DIGITAL

2.1 Ler e escrever no espaço virtual: textos e hipertextos

Para Marcuschi e Xavier (2005), as inúmeras modificações nas formas e possibilidades de utilização da linguagem em geral e da língua, em particular, são reflexos das mudanças tecnológicas emergentes no mundo e, de modo mais acelerado, nos últimos 30 anos, quando os equipamentos informáticos e as novas tecnologias da informação e comunicação começaram a fazer parte de forma mais intensa da vida das pessoas e do cotidiano das instituições. Os recursos tecnológicos causaram modificações linguísticas e tornaram as sociedades letradas cada vez mais complexas.

Pode-se perceber que a sociedade experimenta uma fase de transição, pois se antes as tecnologias pareciam um luxo, hoje representam uma necessidade para a inserção do indivíduo no mundo contemporâneo. É indiscutível que as TIC têm provocado mudanças significativas na forma como nos relacionamos e na forma como percebemos o mundo. Além disso, devemos reconhecer que tais recursos tecnológicos estão contribuindo para as modificações das relações humanas e, inclusive, para a mudança de paradigma comunicativo, ou melhor, estão conduzindo a uma espécie de “revolução linguística”²⁴.

Um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade na escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita. A internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na Internet, a escrita continua sendo essencial apesar da integração de imagens e de som. Marcuschi (2005) apresenta uma citação de Yates, segundo o qual, com as novas tecnologias digitais vem-se dando uma espécie de “radicalização do uso da escrita” e nossa sociedade parece tornar-se textualizada, isto é, parece passar para o plano da escrita, especificamente, da escrita eletrônica.

²⁴ Expressão utilizada por Marcuschi (2005) para designar o conjunto das modificações ocorridas na linguagem escrita após o avanço das tecnologias de informação e comunicação.

Lévy (1999) explica, antes da escrita, o falante e o ouvinte tinham que estar em um mesmo tempo e numa mesma vizinhança do espaço. Além disso, nas sociedades orais, as mensagens discursivas são sempre recebidas no mesmo contexto em que são produzidas. Mas após o surgimento da escrita, tornou-se possível o afastamento temporal e espacial entre ouvinte e falante e os textos puderam se separar do contexto vivo em que foram produzidos. Hoje, é possível e até natural a leitura de uma mensagem escrita cinco séculos antes ou redigida a cinco mil quilômetros de distância.

Diante de tal realidade, a escrita requer atenção, pois vem ocupando um espaço que merece ser investigado. Além disso, com a expansão dos meios de comunicação, novas formas de interação, de percepção, de visibilidade e de transmissão de informação foram se constituindo. Por isso, é preciso aprender a se relacionar com as novas formas de uso da linguagem que se destacam pela pluraridade e diversidade de textos orais e escritos. No entanto, as pesquisas acerca dos novos textos que se vem produzindo ainda são poucas e insuficientes, pois é difícil acompanhar a velocidade com a qual vem ocorrendo as transformações da língua escrita. A língua tanto oral quanto escrita evolui, vale citar:

A língua é o instrumento por excelência da comunicação entre os membros de uma comunidade. Está pois a serviço da vida, e não ao revés. Não é a vida que vai acomodar-se a um sistema linguístico como a um leito de Procusto. A língua é que deve constantemente readaptar-se à vida. Por isso ela é um sistema aberto, dinâmico, flexível. (LUFT, 2007, p. 12)

Nesse âmbito de evolução da língua, torna-se necessário repensar o sentido da palavra texto, trazendo para ela uma concepção um pouco diferente daquela que tínhamos em mente e nas teorias tradicionais da Linguística. É preciso entrar na semiótica e aceitar a música, o movimento e a imagem como parte dele. Costa Val, em Marcuschi (2005), considera texto como uma ocorrência linguística, escrita ou falada de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. Entretanto, segundo esse conceito, o texto não parece incluir recursos não-verbais, uma vez que se limita aos elementos linguísticos.

Em virtude de tal problemática, tornou-se necessário repensar outra forma de texto que abrangesse os recursos não-verbais como formas de linguagem. Foi nesse sentido que se iniciaram os estudos acerca do que hoje denominamos hipertexto, pois esse novo formato de texto digital muito contribuiu para a leitura múltipla, para a produção e elaboração de novos gêneros digitais e para a multimodalidade.

De fato, a comunicação mediada pelas tecnologias digitais vem transformando e ampliando as possibilidades das práticas discursivas, especialmente na Web, a rede que mais se destaca pela multimodalidade de recursos semióticos e pela dinamicidade interativa. Marcuschi (2005) complementa, a Internet é um espaço de grande plasticidade com recursos infindáveis para novas formas de interação pela escrita e por isso mesmo constitui um desafio muito mais promissor do que assustador. Entre esses recursos, destaca-se o hipertexto.

Lévy (1993) explica que a ideia de hipertexto foi divulgada pela primeira vez por Vannegar Bush em 1945, no célebre artigo “As we may think” (Como devemos pensar), escrito no contexto da Segunda Grande Guerra. Bush era um pesquisador que almejava colocar à disposição dos homens o conhecimento herdado das gerações precedentes, proporcionando, assim, a interação entre o pensamento humano e a soma de toda produção científica. A proposta de Bush consistia em criar um reservatório multimídia de documentos que pudesse abarcar, ao mesmo tempo, textos escritos, imagens e som.

A fim de alcançar tal objetivo, Bush imaginou um dispositivo denominado Memex que seria capaz de criar ligações entre uma dada informação e outra, independentemente de qualquer classificação hierárquica. O dispositivo que ainda não se podia chamar de hipertexto visava à seleção por associação realizada pela mente humana. Bush dizia “é uma esplêndida ferramenta que complementa a memória”.

No entanto, somente nos anos sessenta, nos Estados Unidos, Theodore Holm Nelson inventou o termo hipertextual para exprimir a ideia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática. O pesquisador explica que a escolha do termo foi orientada pela conotação positiva que o prefixo hiper- pode assumir em certas ciências, a exemplo de extensão e generalidade, como no hiperespaço matemático. Komesu (apud Araújo e Biasi-

Rodrigues, 2005, p. 89) ressalta “segundo Nelson, o hipertexto era um conceito unificado de ideias e dados interconectados de modo que esses podiam ser editados em computador”.

Diante dessa temática, iremos refletir sobre algumas distinções entre texto e hipertexto. Tendo em vista a complexidade das novas formas de se usar a linguagem, surge a necessidade de abandonar o sistema conceitual baseado nas ideias de centro, margem, hierarquia, linearidade, presentes no conceito de texto, para dar lugar à multiplicidade, aos nós, às ligações, às redes, enfim, às características do hipertexto que representam condições e possibilidades apresentadas pela Modernidade.

Nessa perspectiva, é importante analisar como se processa a construção de sentido de um hipertexto diante de suas inúmeras possibilidades de produção e de leitura. Lévy (1993, p. 72) explica “dar sentido a um texto é o mesmo que ligá-lo, conectá-lo a outros textos e, portanto é o mesmo que construir um hipertexto”. Para o autor, o que conta é a rede de relações pela qual a mensagem será capturada, a rede semiótica que o interpretante usará para captá-la. O efeito de uma mensagem é o de complexificar, retificar um hipertexto, criar novas associações em uma rede contextual que se encontra sempre anteriormente dada.

Para melhor compreender essa questão, é importante entender o significado dos termos texto e hipertexto. Koch (2008) esclarece que, enquanto no texto impresso predomina um fluxo linear, no hipertexto, essa linearidade se rompe em unidades ou blocos de informações, cujos tijolos básicos são os nós e os nexos associativos, formando um sistema de conexões que permitem interligar um nó a outro por meio de hiperlinks. São esses dispositivos técnico-informáticos que permitem efetivar ágeis deslocamentos de navegação on-line e possibilitam ao leitor acessar outros hipertextos correlacionados. Essa é uma das principais inovações do texto eletrônico.

Pode-se dizer que os hiperlinks desempenham função coesiva por amarrarem as informações de maneira coerente. Os links atuam, portanto, como “portas de entrada” para outros textos virtuais que ajudarão o leitor a enriquecer sua leitura. Nesse sentido, cada um desses textos torna-se, por alguns instantes, o centro da atenção do leitor e desse modo a organização não-linear favorece a interdisciplinaridade, pois os textos que constituem a rede

tratam de temas diversos, embora, às vezes, estejam interligados. Por isso, Koch (2008) considera o hipertexto um texto aberto ou múltiplo.

Entretanto, assim como o hipertexto, o texto constitui uma proposta de sentidos múltiplos e não um sentido único. Portanto, para Koch (2008) a maior diferença entre texto e hipertexto está na tecnologia, no suporte eletrônico, pois se todo texto é plurilinear em sua construção, então, pelo menos do ponto de vista da recepção, todo texto é um hipertexto. Cabe lembrar também o seguinte: o que mudará efetivamente não será o texto em si, mas a interação entre autor/texto/leitor. Nesse sentido, o suporte influenciará o modo de interação. Lévy (1993) considera que o hipertexto deve favorecer um domínio mais rápido e mais fácil da matéria do que através do audiovisual clássico ou do suporte impresso habitual.

A multiplicidade de leituras é uma condição da existência do hipertexto: sua estrutura flexível e não-linear favorece buscas divergentes, descobertas, escolhas que levarão à produção de um sentido possível, não o único ou o correto. É a partir dessa perspectiva que Koch (2008, p. 166) explica “o hipertexto não é feito para ser lido do começo ao fim”, mas por meio de escolhas, ou seja, ler o hipertexto é trilhar caminhos diversos e infinitos, porque uma palavra remete a outra e assim por diante.

O hipertexto é dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade, muda de forma, se multiplica, se corta e se cola outra vez de outra forma. (LÉVY, 1993, p. 41)

Nessa leitura dinâmica, é o leitor quem determina os caminhos para a construção de um sentido. De acordo com seus objetivos de leitura, assinala trechos que considera importantes, associa os conhecimentos novos ao seu conhecimento prévio e constrói um percurso próprio de leitura dentre os muitos outros possíveis. É interessante que essa leitura requer um hiperleitor²⁵, pois somente este conseguirá perceber o que é relevante, saberá até

²⁵ Cabe-nos esclarecer que todo receptor de hipermídia reveste-se do internauta, ou seja, da persona que navega: olhos na tela, dedos no mouse e no teclado, todos os sentidos convergindo para a hiperpercepção - visão, audição, fala e tato. Esse é o hiperleitor.

onde ir e onde parar. Cumpre a esse leitor buscar no hipertexto as informações, opiniões e argumentos importantes para a sua mais adequada compreensão.

Komesu (apud Araújo e Biasi-Rodrigues, 2005) complementa que cabe ao leitor a escolha dos caminhos a serem seguidos para o deleite de sua atividade, de modo a tornar-se, ele próprio, autor do texto. Para Komesu, celebramos a novidade do espaço virtual, cujo traço principal seria a liberdade de expressão (do autor) e de escolha (do leitor) com as manifestações de práticas de escrita impulsionadas pela hipermídia²⁶ e pela circulação das informações em rede mundial. A autora destaca uma concepção de Xavier sobre o hipertexto “é um espaço virtual inédito e exclusivo no qual tem lugar um modo digital de enunciar e construir sentido”. É por isso que se tornou objeto de diversas áreas do conhecimento.

A partir de tal estratégia de leitura, Koch (2008) esclarece, caso o leitor se deixe levar de um link a outro, sucessivamente, ele correrá o risco de formar uma conexão em cascata que de tão extensa poderá transformar-se numa cadeia sem fim. Por isso, a leitura do hipertexto possui exigências muito mais sérias e rigorosas do que o texto impresso, haja vista que o “hipernavegador”²⁷ precisa conectar nós para formar redes de sentido e encontrar uma saída nesse imenso labirinto de textos.

Tendo em vista a necessidade de formação do leitor, a escola constitui-se como a instituição mais adequada que pode preparar o aluno para a leitura de textos mediados por diversos suportes. Segundo Lévy (1993), o hipertexto ou a multimídia interativa adequam-se especificamente aos usos educativos. Graças à sua dimensão reticular ou não linear, favorece uma atitude exploratória ou mesmo lúdica. Assim, pode-se dizer que o hipertexto é um instrumento bem adaptado a uma pedagogia ativa, porque contribui para a efetiva participação do aluno. Quanto mais ativamente uma pessoa participar da aquisição de um conhecimento, mais ela irá integrar e reter aquilo que aprendeu.

²⁶ Para Theodore Nelson, hipermídia refere-se a um conjunto de textos e mídias interligados entre si por links e remissões, nos quais pode-se adicionar, retirar e modificar partes.

²⁷ Essa expressão remete àquele que ao navegar (pesquisar, ler, escrever, interagir) na internet, lendo hipertextos, torna-se um hipernavegador e, conseqüentemente, um hiperleitor.

Entre as limitações do texto impresso, cabe citar: o custo e sua natureza caracteristicamente verbal; o hipertexto, por sua vez, é mais acessível e possibilita inúmeras leituras de diversos recursos não-verbais. Vale ressaltar que o hipertexto, normalmente, apresenta imagens, ícones e outras marcas (como os hiperlinks), as barras de rolagem, diferentes formas de mostrar que um botão está ou não ativado, sons, gráficos, animações, vídeos, entre outros recursos não-verbais. É um verdadeiro complexo de signos. Por isso, a internet muito contribui para uma absorção sistemática dessas semioses, proporcionando um formato mais diversificado de escrita e de representação do mundo.

O hipertexto é definido tecnicamente por Lévy (1993, p. 33) da seguinte forma: “um conjunto de nós ligados por conexões”. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, mas cada um deles ou a maioria estende suas conexões em estrela de modo reticular. É interessante que cada nó pode conter uma rede inteira. Assim, navegá-lo significa desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível.

Uma das particularidades do hipertexto refere-se à velocidade com que acessamos as informações, pois a reação ao clique sobre um botão leva menos de um segundo, entretanto, é necessário acessar milhões de links. Já uma pesquisa a livros ou enciclopédias pode custar cerca de uma hora ou mais, por outro lado, é menos complexa, por exemplo, uma consulta a um dicionário requer tempo, pois cada palavra de uma definição ou de um exemplo remete a uma palavra definida ao longo de um circuito sequencial, porém é uma pesquisa mais fácil e mais precisa.

Muitos autores buscam encontrar as distinções entre texto e hipertexto, entretanto, para Coscarelli (apud Araújo e Biasi-Rodrigues, 2005) as diferenças não são tão grandes assim. Ela acredita que nenhum texto é tão linear quanto parece, seja um texto impresso ou um hipertexto, não há leitura linear, pois nada garante que o leitor vai seguir *ipsis literis* (literalmente) a sequência escolhida pelo autor, nada impede que ele pule partes, comece do final e consulte outros materiais durante a leitura, ou seja, a linearidade pode ser quebrada a qualquer momento, porque é o leitor quem determina o caminho que quer seguir. Além disso,

as relações entre os elementos textuais não são dadas pelo texto, mas são construídas pelos leitores durante a leitura.

Em relação à liberdade do leitor no hipertexto, Coscarelli explica que não é tão absoluta quanto se supõe. Para atingir seus objetivos, o leitor precisa percorrer determinados caminhos e rejeitar outros. A autora (apud Araújo e Biasi-Rodrigues, 2005, p.112) ressalta “os links que o leitor de hipertexto vai encontrar não são infinitos, mas foram predefinidos pelo produtor daquele material”. Desse modo, o leitor irá somente a lugares determinados no texto e não a qualquer lugar que desejar e, em certas situações, o leitor não tem escolhas, o caminho é um só. Por exemplo, num site de banco para saber o saldo de sua conta bancária, o usuário sempre percorrerá o mesmo caminho. Portanto, nota-se que nem sempre o leitor terá liberdade absoluta, mas será limitada e pré-determinada.

A partir de tais reflexões, cabe salientar que o hipertexto é foco de diversas pesquisas e gera divergências em virtude de sua complexidade. Nas décadas de 80 e 90, esperava-se que o hipertexto seria um meio de apresentação de textos superior ao impresso, porque possibilitaria maior interação do leitor com uma grande variedade de fontes de informação. No entanto, experimentos que buscam verificar a eficácia de hipertextos na leitura mostram que nem sempre geram uma melhor compreensão ou mais aprendizagem como era previsto. (COSCARELLI, apud Araújo e Biasi-Rodrigues, 2005)

Nesse contexto, pode-se perceber que são muitas as questões que envolvem as novas formas de informação e comunicação, sendo que ainda não há estudos suficientes para responder as dúvidas e os questionamentos que se colocam diante desse novo uso da linguagem no ambiente tecnológico. Uma questão indiscutível é que tanto o texto quanto o hipertexto exigem um leitor competente que saiba buscar a coerência e consiga relacionar as informações a fim de construir uma representação ou uma ideia global do texto. É necessário um leitor capaz de elaborar uma ideia que faça sentido e atenda aos seus objetivos e à situação comunicativa. Por isso, a relevância de formar leitores críticos e criativos.

Além disso, é importante deixar claro que mudou o suporte (do papel para a tela), porém a necessidade de ensinar a ler e a escrever permanece sendo urgente e um grande desafio na sociedade que embora denominada “do conhecimento” ainda enfrenta problemas

no que tange ao processo de ensino-aprendizagem da língua materna. Essa problemática está fortemente relacionada à necessidade de letramento e não somente de alfabetização. Nessa perspectiva, Soares (2000) explica que ser letrado não é somente ser alfabetizado (saber a técnica de ler e escrever), mas é também estar inserido em práticas sociais de leitura e escrita.

Hoje, as sociedades letradas fazem continuamente novas exigências, por isso, é necessário saber fazer uso social do ler e do escrever para ser um usuário eficaz das práticas de linguagem. Nesse âmbito, vale destacar a seguinte observação de Frade:

Não basta o aprendizado do sistema de escrita, ou seja, do código, uma vez que, para participar das práticas sociais que envolvem a cultura escrita, são exigidos percepções, conhecimentos, valores e sociabilidades próprias de um tempo de grande disseminação dessa cultura, sempre em movimento, sempre acrescida de novos usos e funções. (FRADE, apud Coscarelli e Ribeiro, 2007)

No caso do letramento digital, as exigências não são diferentes, pois para ser um indivíduo inserido no contexto do mundo digital, é preciso muito mais que saber digitar em um computador. Coscarelli (2007, p. 32) ressalta “nossos alunos precisam usar a informática e não apenas ter aula de informática”. A autora considera o letramento digital como uma forma de democratização da informação e uma necessidade para a formação integral do cidadão letrado; por isso, é necessário capacitá-lo a usar de maneira adequada os recursos tecnológicos de informação e comunicação para que ele saiba analisar criticamente a nova fonte de pesquisa e saiba se relacionar com o novo formato de escrita.

Pode-se verificar que essa forma de escrita apresenta semelhanças, mas também diferenças nas condições de leitura e produção na tela e no papel. A leitura e a escrita na tela do computador requerem, de certa forma, um sistema de convenções diferente daquele que regula aquelas atividades em folhas de papel. De fato, são inúmeras as inovações, porém o mais importante agora é reconhecer que ler e escrever constituem atividades fundamentais à participação efetiva do cidadão letrado na sociedade moderna. Desde já, é importante refletir sobre o compromisso e a responsabilidade social da escola em repensar as práticas pedagógicas tradicionais a fim de favorecer a formação de leitores e escritores, críticos, criativos e capazes de transitar em quaisquer suportes.

2.2 Os gêneros digitais e o ensino da língua materna

A sociedade contemporânea tem presenciado a introdução de novas modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (a web), a Internet. Segundo Marcuschi (2005), é inquestionável que a internet multiplicou as possibilidades de utilização da linguagem, de modo que atualmente é comum falar e escrever termos como e-mail, bate-papo virtual (chat), aula-chat, listas de discussão, blog e outras expressões da chamada “e-comunicação”. Em plena fase da denominada cultura eletrônica, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita.

Marcuschi (2005, p. 13) observa “tais gêneros sequer se consolidaram e já provocam polêmicas quanto à natureza e à proporção de seu impacto na linguagem e na vida social”. Isso porque os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas ao lado do papel e do som. O espaço virtual tornou-se também ambiente de pesquisa, fonte de informação e, especialmente, um recurso que possibilitou a interação e o desenvolvimento de novas práticas de leitura e escrita.

Seguramente, esses novos gêneros não são absolutamente novos, pois segundo Bazerman (2006), os gêneros são historicamente construídos e estão em evolução como parte das expectativas sociais em processo de mudança, da forma como percebidas por cada indivíduo. Não só os gêneros mudam como também a forma como os leitores aplicam suas expectativas de gênero. Bakhtin (2006, p. 303) explica “à medida que a história evolui, os gêneros do discurso evoluem, pois as mudanças que se efetuam nos gêneros são indissociáveis das mudanças históricas”. Nesse sentido, há gêneros mais criativos que surgem com o tempo, porém não são “novos” e para usá-los livremente, é preciso dominá-los bem.

Bronckart e Bakhtin defendem a ideia de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero. Essa posição é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos e não em suas peculiaridades formais. Tal visão considera a língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. Segundo Marcuschi (2005), é nesse contexto teórico que os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo.

O como dizer o que se quer dizer é revelador de que a escrita é um processo que envolve escolha de um gênero textual em consonância com as práticas sociais, seleção, organização e revisão das ideias para os ajustes/reajustes necessários, tendo em vista a eficiência e eficácia da comunicação. (KOCH, 2011, p. 38)

Para Bakhtin (1997, p. 301), “o querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso”. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática. Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, pois são eles que organizam a nossa fala. Segundo o autor, o enunciador escolhe o gênero a partir de sua intenção comunicativa.

É importante esclarecer que há divergências quanto à variação terminológica e conceitual do gênero²⁸, não se sabe ao certo se é textual ou discursivo. Sabemos que há muitas pesquisas a esse respeito, porém o nosso foco aqui não é esse, pois pretendemos analisar os gêneros no domínio da mídia virtual para compreender melhor as novas formas de uso da linguagem e, para isso, faz-se necessário relacionar os gêneros textuais ao ensino-aprendizagem da língua materna e ressaltar o papel da escola diante desse contexto.

²⁸ É quase impossível trabalhar com textos e não abordar o tema dos gêneros. Em nossa pesquisa, temos a intenção de entendê-los como recursos para um ensino mediatizado e uma estratégia para o ensino das novas formas de usar a linguagem. Para maiores esclarecimentos acerca da distinção entre texto e discurso, consultar “Discurso e Texto: formulações e circulação dos sentidos” de Eni P. Orlandi.

Segundo Marcuschi (2010), pode-se dizer que o trabalho com os gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia. Pois nada do que fizermos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero. Assim, tudo o que fizermos linguisticamente pode ser tratado em um ou outro gênero. Diante desse contexto, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) recomendam que se trabalhe com a maior variedade possível de gêneros textuais, em particular com aqueles a que os educandos se encontram expostos em seu cotidiano e com os que eles necessitam dominar para ampliar sua competência linguística na atuação social.

Bazerman (2006) explica que da forma como são percebidos e usados pelos indivíduos, os gêneros tornam-se parte de suas relações sociais padronizadas, de sua paisagem comunicativa e de sua organização cognitiva. Os gêneros não são apenas formas textuais.

Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social, são ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. (BAZERMAN, 2006, p. 23)

Dolz e Schneuwly (2004) explicam que o gênero, enquanto instrumento de comunicação, transforma-se em forma de expressão do pensamento, da experiência ou da percepção, porém esclarecem que no ambiente escolar acontece um desdobramento em que o gênero não é mais somente instrumento de comunicação, mas é, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem. Nesse âmbito, a escola é considerada um lugar autêntico de comunicação e as situações escolares são ocasiões de produção/recepção de textos. Assim, os alunos encontram-se em múltiplas situações em que a escrita se torna possível e até mesmo necessária, dessa forma, a comunicação escolar favorece a produção de gêneros textuais.

“Do ponto de vista do uso e da aprendizagem, o gênero pode assim ser considerado um megainstrumento que fornece um suporte para a atividade nas situações de comunicação e uma referência para os aprendizes”. (DOLZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 75). A escola, na sua missão de ensinar os alunos a escrever, a ler e a falar, forçosamente, sempre trabalhou com os gêneros, pois toda forma de comunicação cristaliza-se em formas de

linguagem específicas. Seja um bilhete, um edital de concurso, uma receita culinária, um cardápio, enfim, todo texto possui suas próprias características de acordo à sua finalidade.

Segundo Bazerman (2006), cabe aos professores ativar o dinamismo da sala de aula de forma a manter vivos os gêneros nas ações significativas de comunicação escolar, pois os mesmos propiciam ao aluno um ambiente de fala. Essa atividade é uma estratégia de introduzir os alunos em novos territórios discursivos até então não explorados por eles, para ajudá-los a irem um pouco mais além dos limites de seu habitat linguístico atual. O gênero é também uma ferramenta para descobrir os recursos que os alunos trazem consigo, ou seja, os gêneros que trazem de sua formação e de sua experiência na sociedade.

Os PCNs consideram que o ensino de língua portuguesa deve ter como objeto central o texto, nesse sentido, os gêneros (discursivos ou textuais) tornam-se um dos melhores objetos para o trabalho com textos na sala de aula, sendo um excelente recurso para o processo de ensino-aprendizagem de leitura e produção de textos orais e escritos. Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 51), “o trabalho escolar, quer se queira ou não, faz-se sobre os gêneros”, os quais constituem o instrumento de mediação de toda estratégia de ensino e o material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade.

Para Coscarelli (2006), com o advento da informática, o conceito de texto parece continuar o mesmo, o que vai mudar são as formas de manifestação, ou seja, novos gêneros textuais são criados em função de uma nova interface, novas formas de expressão são utilizadas, antigas são retomadas, mas o texto continua sendo instância enunciativa, contrato entre autor e leitor. Agora, precisamos saber o que esses novos gêneros exigem do autor e do leitor, que estratégias precisam ser desenvolvidas e que regras devem ser consideradas para que os interlocutores alcancem seus objetivos na produção e recepção desses textos.

Para Koch (2008, p. 188), “a maior novidade no ensino de língua materna - se realmente o for - seria o deslocamento que se vem operando, já há alguns anos, do foco na gramática normativa para o foco no texto”. Contudo, é preciso entender bem o que isso significa: não quer dizer que a gramática seja inútil e não deva ser ensinada, mas sim que é possível ensiná-la dentro de práticas concretas de linguagem. Significa levar o aluno a uma

reflexão sobre como se produzem sentidos na interação por meio da língua, ou melhor, por intermédio de textos.

Segundo Silva (2000), há uma série de problemas em relação aos textos utilizados na sala de aula, são artificiais e nada dizem às experiências, aos desejos e às aspirações dos alunos, são fragmentados, redundantes, normativos, enfim, são textos que não interagem com o aluno-leitor e contribuem para a morte paulatina de sua vontade de ler.

Mais humildade pedagógica, mais diálogo, mais liberdade para os alunos se expressarem, mais escuta e partilha dos significados atribuídos aos textos, mais ligação entre aquilo que se lê e aquilo que se vive, estes são os caminhos para uma leitura libertária e transformadora, tão necessária à sociedade brasileira de hoje. (SILVA, 2000, p. 24)

Além disso, a própria formação do professor para o ensino da leitura deixa muito a desejar. Vários estudos mostram que o repertório da leitura do professor é limitado e está estagnado, o que o leva a reproduzir mecanicamente sempre as mesmas indicações, assim os textos se restringem quase exclusivamente àqueles inseridos nos livros didáticos. Esse professor desatualizado dificilmente atrairá o aluno para o mundo da leitura.

Para Bazerman (2006, p. 46), “é difícil ler coisas que não achamos interessantes”. Portanto, se desejamos que nossos alunos queiram prestar atenção aos textos e queiram fazer sentido deles, precisamos despertar o seu interesse pelos textos. Somente depois de termos evocados neles os mecanismos de fazer-sentido, é que serão capazes de trabalhar as habilidades e técnicas que darão precisão e profundidade a suas leituras.

O professor precisa ser um leitor para tornar seus alunos leitores, pois a aula de português só terá sentido se for dada por um leitor para leitores. Guedes (2006, p. 54) esclarece “Cabe ao professor instalar no aluno o gosto pela leitura, transformar esse gosto em necessidade ensinando o aluno a enriquecer o que vive pelo que leu. O professor de português não pode esperar por um leitor; sua tarefa é construí-lo”.

A escola precisa estar atenta ao método de avaliação utilizado a fim de evitar que o aluno limite sua capacidade de criar, escrever e interpretar. Para Bazerman (2006), o medo da caneta vermelha indicando falhas, erros ou desempenho inadequado pode contaminar as tarefas de escrita escolar e os alunos podem limitar suas ambições relativas à sua escrita para minimizar os riscos da correção. A escrita estudantil pode se tornar vazia, dizendo nada a ninguém, sem nenhuma razão particular, ou mais precisamente, o aluno escreve apenas para um examinador, para evitar ser corrigido e para ganhar boas notas.

A aula de português deve ser um laboratório de desenvolvimento da linguagem nas modalidades oral e escrita e não um ambiente de frustração que leva o aluno a pensar que sua fala é “errada” e que ele não sabe escrever “corretamente”. Segundo Guedes (2006), é na aula de português que o aluno fica sabendo que sua fala está errada e descobre que não é ali que vai aprender a usar uma língua certa, pois o que se aprende na aula só serve para a prova de português. Luft (2007) complementa que a teorização gramatical leva ao mais grave prejuízo do ensino de língua: uma relação negativa do falante com sua própria língua. A convicção íntima de “não saber a língua” e o bloqueio da criatividade em linguagem.

É preciso frisar que, de qualquer maneira, o professor deve estar atento às mudanças da língua e não pretender utilizar uma norma que não mais represente a realidade do uso culto atual e corrente... O importante é que o professor tenha uma visão ampla das estruturas linguísticas treinadas e, sem dogmatismo, possibilite o desenvolvimento das habilidades linguísticas da criança. (TRAVAGLIA, ARAÚJO, PINTO, 1984, p. 32)

Para Luft (2007), mais importante que a rígida obediência às normas gramaticais é a adequação e a eficiência expressivas. O melhor falante é aquele que autêntico nas ideias e nos sentimentos sabe em cada situação entre as variantes idiomáticas escolher as mais adequadas e eficientes e as emite com boa dicção e técnica vocal. Entende-se que o problema da linguagem não é apenas de certo/errado, mas também de adaptação às circunstâncias atuais do ato de comunicação.

Está claro que o professor de língua materna precisa rever a metodologia utilizada para evitar que a língua padrão torne-se um manual de regras inúteis que não favorecem aos usos da língua, ao contrário, que limitam o falante/escritor às condições de um modelo imposto como correto. Desde já, vale dizer que um estudo comparativo entre a gramática normativa e a de usos da língua seria benéfico aos alunos, pois eles conheceriam a norma e os seus desvios e estariam aptos a utilizar os diferentes tipos de modalidades da língua nas mais diversas situações.

Segundo Back (1987, p. 87) “o ensino da língua deve levar em conta as variações regionais e a evolução linguística. É preciso aceitar as inovações e não impor como modelo as formas de expressão de séculos passados, sobretudo as literárias”. Vale esclarecer que há dois tipos de variantes linguísticas: os dialetos e os registros. Os dialetos podem classificar-se nas seguintes dimensões: regional, sexo, idade, geração; enquanto os registros podem ser considerados em relação ao modo, ao grau de formalismo e à sintonia.

Há uma preocupação dos estudos linguísticos em relação às variedades da língua, pois é preciso entendê-las como tipos diferentes de linguagem e não limitar-se a excluir o desvio da norma. Bortoni-Ricardo (2005, p. 14) explica “a escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado”. A Linguística, por sua vez, recomenda que a língua-padrão seja ensinada, mas que se preservem os saberes sociolinguísticos e os valores culturais que o aluno já tenha adquirido antes em seu ambiente social.

Cabe salientar que apesar das inúmeras críticas dispensadas à gramática tradicional, Travaglia, Araújo e Pinto (1984, p. 31) observam que é preciso reconhecer a grande contribuição desta para o ensino de Língua Portuguesa num momento em que não se tinha ao alcance outra fonte de pesquisa. Ainda hoje é utilizada pelos professores, uma vez que há poucas pesquisas sobre a estrutura do português e, além disso, esses estudos só chegam às mãos de uma minoria.

Segundo Silva (2000, p. 16), “a escola é, hoje e desde há muito tempo, a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para o adentramento e a participação no mundo da leitura e escrita”. Bazerman (2006) esclarece que o letramento tem de fato formado o cerne da maioria das instituições de ensino ao longo da história. Portanto, o processo de ensino-aprendizagem da língua materna é uma preocupação de toda instituição e de todo o corpo docente e não apenas do professor de língua portuguesa. Nesse sentido, os gêneros textuais devem fazer parte das atividades escolares pelo fato de serem textos próximos à realidade dos alunos e que podem contribuir para a prática de leitura e escrita.

Para Bazerman (2006, p. 10), “o gênero vai além de um constructo formal para agir como ação tipificada pela qual podemos tornar nossas intenções e sentidos inteligíveis para outros”. O gênero é um meio de agência e não pode ser ensinado divorciado da ação e das situações dentro das quais aquelas ações são significativas e motivadoras. O caráter dinâmico, interativo e agentivo do uso dos gêneros escritos significa que no centro de sua teoria devem estar pessoas que querem realizar coisas através da escrita em um mundo em fase de mudança e de profundas transformações.

Eu acredito que se reconhecemos os estudantes como agentes, aprendendo a usar criativamente a escrita dentro das formas interacionais tipificadas, mas dinamicamente cambiantes que chamamos de gêneros, eles virão a entender o poder da escrita e serão motivados a fazer o trabalho árduo de aprender a escrever efetivamente. (BAZERMAN, 2006, p. 11)

Diante dessa perspectiva do gênero enquanto meio de agência capaz de motivar os estudantes a enfrentar o desafio de aprender a escrever com segurança, clareza e maturidade, podemos considerar que a internet pode contribuir muito com esse trabalho, no sentido de oferecer diversos recursos que poderiam ser utilizados para atrair a atenção do aprendiz para o mundo das linguagens, além disso, é um espaço onde os estudantes podem se expressar por escrito e interagir. Na verdade, sabemos que hoje a leitura e a escrita que muitos adolescentes fazem é por meio da internet, por isso, o trabalho com os gêneros digitais pode ser o primeiro passo para se tentar resolver a deficiência dos alunos em leitura, compreensão e produção de texto que hoje se verifica na maior parte das escolas do Brasil.

Uma das vantagens da Internet é proporcionar grande interatividade, pois foi devido ao avanço das TIC que o homem adquiriu novas maneiras de se comunicar e de interagir com o mundo ao seu redor. Assim, o computador (ou melhor, a Internet) conquistou espaço na sociedade e contribuiu para a evolução da língua. Os gêneros digitais surgem por meio da interação entre vários indivíduos conectados através da rede, atuam como instrumentos de comunicação e contribuem para a disseminação da informação.

A expansão dos gêneros no domínio da mídia virtual é a prova de que as sociedades letradas tornaram-se cada vez mais exigentes e, para Marcuschi (2005, p. 14) vivem hoje uma “fase de adaptação a novos hábitos sociais e linguísticos”, afinal o desenvolvimento de neologismos e o aparecimento de termos como hipertexto, blog, e-mail, bate-papo virtual, constituem uma verdadeira “revolução linguística” e, o pior ou talvez o melhor, sem previsão de fim - se é que terminará um dia. De qualquer modo, é melhor preparar as próximas gerações para as prováveis evoluções da língua.

O mais importante agora é reconhecer que o adolescente inserido no mundo das tecnologias está constantemente em contato com diversos textos da mídia virtual, por isso torna-se relevante levar para a sala de aula materiais que possam desenvolver a capacidade de leitura e compreensão das novas formas de informação e comunicação que surgiram, principalmente, após o avanço da Internet. Nesse sentido, o ensino da gramática normativa não é suficiente para atender as novas exigências das sociedades letradas, porque somente por meio de práticas e atividades de linguagem realizadas no espaço virtual, teremos indivíduos capazes de ler e escrever seja na tela ou no papel.

Segundo Ribeiro (apud Coscarelli, 2006), ler textos em vários suportes pode estimular a crítica, a procura ativa e a reflexão dos aprendizes, os quais não são mais vistos como máquinas decodificadoras. Por isso, ensinar a leitura de múltiplos gêneros textuais em diversos suportes é um meio de incluir os novos aprendizes em todos os canais de conhecimento e treiná-los para que possam mover-se, com agilidade e versatilidade, por todas as formas de linguagem. Diante dessa realidade, a autora procura entender como o professor alcançará as formas de aprendizagem mais pertinentes para o aluno contemporâneo.

Ribeiro (apud Coscarelli, 2006, p. 89) esclarece “a sala de aula precisa entrar em sintonia com as mídias disponíveis no mundo das comunicações para que não fique estranha ao aprendiz, pouco interessante ou mesmo incoerente”. Hoje, a escola vê-se diante de um grande desafio: formar leitores que saibam lidar com os novos suportes tecnológicos da comunicação e saibam selecionar criticamente as informações pertinentes para a construção do conhecimento. Nessa perspectiva, o professor, em especial de língua portuguesa, é um dos principais responsáveis pela formação de leitores, por isso, a sociedade espera e cobra desse profissional a devida formação e atualização frente às novas perspectivas no ensino de língua materna. O mesmo ver-se diante da necessidade de apropriar-se dos gêneros digitais para poder utilizá-los como recurso didático e a fim de capacitar os aprendizes a se relacionarem com as novas formas de uso da linguagem.

2.3 O gênero blog: interação e comunicação

Escrever e ler são atividades que requerem um esforço individual e uma motivação para superar as dificuldades com o mundo da linguagem verbal. A escola é considerada o espaço mais adequado para o desenvolvimento de tais habilidades. Para Bazerman (2006), aprender o alfabeto e transcrever palavras na forma apropriada requerem um lugar tranquilo para sentar e prestar especial atenção aos símbolos e seus significados.

Aprender a escrever é um trabalho duro, que requer o domínio de problemas de escrita cada vez mais difíceis, de modo que, se quisermos que nossos alunos aprendam a escrever, nós precisamos identificar os tipos de produção escrita com os quais eles vão querer trabalhar com afinco e os tipos de problemas de escrita que eles vão querer solucionar. (BAZERMAN, 2006, p. 33)

Nesse sentido, é importante a identificação do aluno com um determinado gênero para que o mesmo encontre razões para enfrentar o desafio de escrever e queira ir além da escrita voltada apenas para a avaliação escolar. Podemos considerar que, caso o aluno se sinta parte da vida de um gênero, qualquer um que atraia a sua atenção, o trabalho duro e detalhista de escrever se tornará irresistivelmente real, pois o trabalho traz uma recompensa real quando engajado em atividades que os alunos consideram importantes.

Há outra contribuição mais significativa para a escrita que se desenvolve na escola, trata-se do papel que ela exerce no desenvolvimento pessoal e intelectual da criança ao estimular as emoções, o pensamento e a imaginação. Desde as séries iniciais, pede-se à criança para criar histórias, escrever sobre suas experiências, contar sua opinião, elaborar seus pensamentos em diários, enfim, essa escrita criativa contribui muito para revelar os traços de originalidade e individualidade de cada escritor. Além disso, ajuda o indivíduo a se posicionar na sociedade, a tornar real a sua presença num mundo social, visto que no momento que escreve expressa seus pensamentos, valores e crenças. “Através da escrita, fazemos nosso marco no mundo, um marco potencialmente pensado, feito com habilidade e desenvolvido maduramente”. (BAZERMAN, 2006, p. 12)

É importante que o professor estimule a escrita pessoal, porque os alunos verão que sua escrita pode contribuir para o diálogo da sala de aula e podem influenciar pessoas que o cercam, assim serão motivados a buscar mais recursos para serem ainda mais efetivos. Para Bazerman²⁹ (2006), o movimento de escrita pessoal é uma tentativa de enfrentar os textos autoritários da escola, afinal, os alunos são pelo menos as autoridades de suas próprias vidas e sentimentos. Mesmo se a escrita imaginativa não chegue aos padrões de trabalhos profissionais publicados tem um valor especial se é feita e compartilhada por pessoas familiares umas com as outras. Se colegas, família e amigos constituem a audiência, a escrita constrói identidade, relações e compreensão mútua.

Nesse âmbito da escrita pessoal, Bazerman (2006) mostra que a escrita de diários tem sido incorporada até na prática terapêutica para pessoas que sofreram traumas ou que estão passando pelas principais transições da vida. Por isso, muitas pessoas mantêm seus diários por muito tempo depois de sair da escola, tendo em alguns casos formado círculos de amigos. A Internet tem criado muitas novas comunidades e atividades para o compartilhamento desse impulsivo criativo e pessoal, a exemplo do blog, um gênero digital³⁰ ou para alguns, uma home page que se refere a uma atividade de escrita capaz de transmitir emoções, ideias, filosofias e um pouco da personalidade do blogueiro (autor do blog).

O blog constitui um tipo de escrita que hoje pode ser publicitária, informativa ou, muitas vezes, pessoal. Marcuschi (2005) explica, o blog tem uma história própria, suas primeiras versões eram apenas para registrar as leituras que as pessoas faziam em suas navegações pela rede mundial. Eram diários de bordo dos navegadores da Internet no sentido literal. Mas, rapidamente, evoluíram para o estágio posterior, ou seja, tornaram-se diários que fascinaram de início os internautas adolescentes os quais mantinham, muitas vezes, blogs coletivos como ainda hoje. Só depois passaram para o domínio dos adultos.

²⁹ A nossa pesquisa enfatiza Bazerman (2006), porque o autor considera o gênero como atividade que pode apoiar o crescimento dos estudantes como escritores e agentes efetivos. Desse modo, entendemos que o blog é um gênero pode garantir ao estudante a oportunidade de realizar seu marco no mundo através da escrita.

³⁰ Segundo Marcuschi (2005), os gêneros textuais que surgem no domínio da mídia virtual são classificados como emergentes ou digitais. No caso do blog, o autor o considera um suporte e não um gênero. No entanto, iremos discutir a esse respeito mais adiante. Para maiores esclarecimentos, consultar o ensaio “A questão do suporte dos gêneros textuais” do mesmo autor.

A palavra weblog é uma contração entre web (página na internet) e log (diário de bordo) revelando, assim, uma contradição, porque sendo um diário passa a ideia de íntimo, porém se esse diário é também uma página na internet, então pode ser acessado por todos. A expressão weblog se popularizou na abreviação blog. Segundo Komesu (apud Marcuschi e Xavier, 2005), os blogs surgiram em agosto de 1999 com a utilização do software Blogger, da empresa do norte-americano Evan Williams. Para Schittine (2004), o fenômeno começou a se desenrolar no Brasil por volta do ano 2000 e recebeu o nome de blog pelos próprios praticantes do gênero.

Orihuela (apud Orduña, 2007) conta um pouco da origem e história do blog e mostra como essa ferramenta revolucionou os meios de comunicação. Para o autor, considera-se que o primeiro blog tenha sido a página *What's new in '97*³¹, publicada por Tim-Berners Lee, a partir de janeiro de 1992 para divulgar as novidades do projeto World Wide Web³². No início de 1999, identificavam-se apenas 23 blogs, mas após o surgimento dos primeiros serviços de edição e publicação, o panorama mudou. Já no final de 2001, a quantidade de blogs ultrapassou os dois milhões. “Temos o início da nova era na internet. Não se tratava de exibicionismo, mas de comunicação. Sem intermediários, sem censura, gratuita, universal”. (ORIHUELA, apud Orduña, 2007)

O blog é um meio a princípio pessoal que, no geral, é escrito pelo prazer de compartilhar informações ou como veículo de expressão. É um meio que se caracteriza pela informalidade e espontaneidade, porque em seu estilo predomina o caráter pessoal e, às vezes, íntimo. No entanto, as razões que levam as pessoas a escrever blogs são variadas: necessidade de expressão e de divulgar produtos e serviços, desejo de compartilhar saberes, busca de reconhecimento, terapia, participação política ou mera exposição.

³¹ Em português significa “O novo em 97”.

³² World Wide Web é conhecido apenas como Web que significa a rede de alcance mundial.

A pesquisa de Schittine³³ (2004) acerca da escrita íntima na internet revela que, embora o blog tenha tomado corpo e desenvolvido uma série de novas funções, muitos blogueiros continuam a tratar de assuntos pessoais que pertencem ao terreno da intimidade. Entretanto, agora o escrito íntimo ganhou um público e será veiculado através da rede por um autor para um ou vários leitores que podem contribuir e opinar diretamente no texto. Dessa forma, o escrito íntimo que antes não se dirigia a ninguém adquiriu o esquema tradicional da comunicação, ou seja, passou a funcionar como uma mensagem entre emissor e receptor.

Apesar do blogueiro dar espaço para que outros conheçam sua história, ele não perdeu totalmente sua intimidade. Schittine (2004, p. 19) esclarece “nem tudo é revelado porque existe uma seleção prévia, o autor estabelece uma maneira de contar a sua intimidade em meias palavras”. Assim, determinadas informações sobre quem escreve só chegam a um grupo de pessoas escolhidas pelo autor e, para isso, existem senhas, códigos e comentários que só serão entendidos por um determinado grupo de pessoas e, em alguns casos, apenas entre dois amigos. Por isso, a exposição na internet não anula a possibilidade do blogueiro criar um segredo, porém estabelece novas formas de compartilhá-lo.

Um traço singular do blog é oferecer espaço para receber comentários, pois são interativos e participativos. Por isso, é fundamental analisar a perspectiva dialógica de Bakhtin, a qual considera de suma relevância a participação do outro na comunicação verbal. Segundo Bakhtin (1997), os outros não são ouvintes passivos, mas participantes ativos que tornam real o pensamento do locutor, pois contribuem para completar a comunicação. Desse modo, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa.

Essa compreensão é ativa porque o ouvinte pode concordar ou discordar (total ou parcialmente), a sua atitude responsiva está em constante elaboração desde o começo do discurso e durante todo o processo de audição e de compreensão. O fato é que, desde o início, o enunciado se elabora em função da eventual reação-resposta do ouvinte, o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro, assim locutor e ouvinte tornam-se sujeitos falantes. (BAKHTIN, 1997)

³³ O estudo de Schittine é de suma relevância para nossa pesquisa porque explica claramente a escrita do blog enquanto espaço de escrita íntima que passou a se dirigir a um destinatário. Essa questão nos ajudou a refletir acerca da origem do blog como um diário virtual e sobre a importância que o outro adquire nesse espaço.

No diálogo, essa alternância dos sujeitos falantes é observada de modo mais direto e evidente, mas ela também acontece na interação por meio do blog. O blogueiro deixa espaço para os comentários dos usuários, isto é, o locutor passa a palavra para o outro, assim, os internautas são sujeitos falantes que podem opinar e tecer comentários. De acordo Bakhtin (1997), o locutor e o ouvinte são parceiros na comunicação verbal, ou seja, o papel do outro é importante, até porque uma particularidade constitutiva do enunciado é ter um destinatário.

É interessante que sem o destinatário não há e não pode haver enunciados e nem gêneros do discurso. Enquanto as unidades significantes da língua (palavra e oração) não podem ter um destinatário: elas não pertencem a ninguém assim como não se dirigem a ninguém. De acordo esse contexto, o blog³⁴ se constitui um gênero do discurso que se dirige a um ou vários destinatários desconhecidos e conhecidos pelo autor. À luz da perspectiva bakhtiniana, o blog representa um diálogo que, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. Entretanto, nesse caso, o diálogo acontece não apenas entre duas pessoas, mas geralmente ocorre entre várias, ou seja, o blogueiro e diversos internautas.

Apesar de cada autor criar o próprio blog à sua maneira, há uma estrutura padrão pré-estabelecida que precisa ser seguida, o que pode mudar são os detalhes que dependem do estilo de cada blogueiro. Segundo Bakhtin (1997), todos os enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo, assim, existiram e continuam a existir gêneros mais livres e mais criativos que se situam ao lado dos gêneros padronizados da comunicação verbal. No entanto, um uso criativo livre não significa a recriação de um gênero, por exemplo, apesar da construção do blog favorecer a criatividade do autor, o blog não representa um gênero novo, porque podemos identificar em sua constituição traços do tradicional gênero diário.

Assim como o diário, o blog pode refletir aspectos da personalidade individual do autor. Bakhtin (1997, p. 283) explica esse fenômeno dizendo “o enunciado – oral e escrito – é individual, por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)”, pois o estilo

³⁴ Devido às limitações da nossa pesquisa, não podemos nos aprofundar na questão do gênero do discurso segundo a perspectiva bakhtiniana, iremos apenas ressaltar a questão do dialogismo.

está indissolúvelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso. O blog é, nesse sentido, um gênero do discurso que revela tanto o estilo individual quanto o estilo linguístico do autor, além disso, podemos identificar traços de sua experiência de vida. É interessante que ao ler um blog pessoal, o leitor consegue identificar a faixa etária, a profissão, a área de estudo e mesmo a cidade onde o blogueiro vive.

Como podemos perceber, o blog assume a característica de ser, sobretudo um escrito pessoal, se destaca por conceder ao escrevente a oportunidade de falar sobre si, sobre sua história, suas angústias e seus questionamentos. Komesu (apud Marcuschi e Xavier, 2005) confirma, o blog é concebido como um espaço em que o escrevente pode expressar o que quiser na atividade de (sua) escrita, com a escolha de imagens e de sons que compõe o todo do texto veiculado pela Internet. Essa liberdade de expressão é um dos motivos para o blog ser tão procurado pelos adolescentes, porque muitas vezes, é um espaço que os permite expressar aquilo que eles sentem e pensam, mas têm vergonha de falar.

Segundo Schittine (2004, p. 31), “a tela do computador surge como um vidro opaco através do qual as pessoas podem trocar ideias e opiniões sem serem vistas”. A internet abre para o diarista a possibilidade de ser lido sem o constrangimento das relações face a face, assim do outro lado da tela existe um público desconhecido que pode “ouvir” o que o autor tem a dizer e dar sua opinião (contrária ou não). O computador permite ao autor do escrito íntimo se expor sem se identificar, sem a necessidade de ter um contato direto com o leitor. É interessante que o blog gera um relacionamento em via dupla entre um autor disposto a contar sua vida íntima e um público que se propõe a ler sobre ela e a comentá-la.

O blog não se trata da exibição da vida particular de celebridades, ao contrário, são pessoas consideradas comuns que desejam compartilhar um pouco de sua história seja para interagir com outras pessoas seja para desabafar. Como diz Humboldt (apud Bakhtin, 1997, p. 289), “a língua se deduz da necessidade do homem de expressar-se, de exteriorizar-se”, para ele, linguagem e pensamento são indissociáveis. Nesse âmbito, o blog oferece a oportunidade para que qualquer pessoa possa expressar ideias e pensamentos, usufruir de sua liberdade de expressão e exercitar a atividade de escrita. Assim, conquistará reconhecimento nas redes sociais e desenvolverá a prática de leitura e escrita no espaço virtual.

Sabemos que outro motivo para o sucesso do blog como ferramenta de auto-expressão e interação é a facilidade para edição, atualização e manutenção dos textos em rede, pois o software dispensa o conhecimento especializado em computação, e por isso qualquer usuário da internet pode criar uma página pessoal, na qual seus documentos podem ser atualizados constantemente. Foi por essa razão que o software fora concebido como uma alternativa popular para publicação de textos on-line. Além disso, é uma ferramenta popular porque é gratuita, não se paga nada por seu uso ou pela hospedagem do blog no site que oferece o serviço. (KOMESU, apud Marcuschi e Xavier, 2005)

Diante de tais aspectos que caracterizam a escrita do blog, é interessante ressaltar a seguinte questão, os meios de comunicação contribuem para uma manutenção exaustiva da memória, entretanto, ao mesmo tempo que formam uma excelente memória artificial, contribuem para a perda da memória natural. Segundo Schittine (2004), o funcionamento da memória do indivíduo também mudou com o uso da internet e dos novos meios de comunicação, porque embora tais recursos tenham criado novos mecanismos de armazenamento e arquivismo, não garantem que o indivíduo seja capaz de lembrar as informações e os pensamentos arquivados, assim a memória natural tornou-se mais preguiçosa e mais efêmera, ou seja, está cada vez mais difícil lembrar-se de coisas passadas.

Nesse contexto, o diário virtual pode favorecer a ideia de que o diarista deixará um legado para que o público lembre-se dele e manterá uma memória própria, assim garantirá a memória do diarista sobre sua trajetória, sobre os fatos que aconteceram em sua vida e as ideias que desenvolveu em uma determinada época. Para Schittine (2004, p. 22), “a imortalidade do homem se faz através da escrita”, assim sendo, o diário virtual tenta desenvolver duas funções, a da memória de si mesmo e a de ser lembrado pelos outros, dando o apoio para que o autor, pelo menos através da escrita, sinta-se próximo da imortalidade.

Ao estabelecermos uma comparação entre o diário tradicional e o virtual, pode-se observar que a “memória física” é mais forte no diário por escrito, já que esse é capaz de guardá-la na folha de papel através da caligrafia e mostrar as marcas do tempo no envelhecimento do caderno. Assim como o blog, a caligrafia pode refletir um pouco da personalidade do diarista, além disso, pode revelar as suas emoções no momento da escrita, pois as letras podem estar bem definidas, caprichadas ou trêmulas e ilegíveis. Schittine (2004)

explica que, no diário virtual, essa memória física vai se apagando, não só pelo uso da tela como suporte como também pelas mudanças nas escritas que a internet permite fazer posteriormente.

Podemos notar a necessidade do homem de ser lembrado pelo outro, assim o blog enquanto diário virtual pode contribuir para a manutenção de um possível legado do blogueiro pelo fato de possuir um público destinatário, pois o outro não só ajudará na construção de uma memória pessoal como também na propagação dos acontecimentos da vida do diarista. Cabe destacar que a escrita íntima que antes era apenas pessoal, agora convida o outro a participar e a perpetuar o conteúdo dessa escrita, parece que o indivíduo sente medo de deixar de “existir”, de deixar de ocupar seu lugar no mundo.

Nesse âmbito da memória, Lévy (1993, p.81) esclarece “a memória humana está longe de ter a performance de um equipamento ideal de armazenamento e recuperação das informações”, então, ele faz uma análise acerca da memória e da palavra, estabelecendo uma distinção entre a oralidade primária e a secundária. Hoje, a sociedade conhece a oralidade secundária, segundo a qual, a palavra é complementar à escrita.

Na oralidade primária, a palavra tem como função básica a gestão da memória social, e não apenas a livre expressão das pessoas ou a comunicação prática cotidiana. Hoje em dia a palavra viva, as palavras que “se perdem no vento”, destaca-se sobre o fundo de um imenso corpus de textos: “os escritos que permanecem”. (LÉVY, 1993, p. 77)

Lévy (1993) explica que no tempo em que a sociedade não conhecia a escrita, o saber era transmitido oralmente e a base da cultura estava sobre as lembranças dos indivíduos. Dessa forma, a inteligência encontrava-se muitas vezes identificada com a memória, sobretudo com a auditiva, visto que o oral era um canal habitual da informação. No entanto, Schittine (2004) esclarece, com o avanço dos meios de comunicação, a memória dos homens tornou-se mais dependente dos mecanismos de armazenamento, até porque na era das TIC, o homem vê-se incapaz de acompanhar o ritmo das informações devido ao excesso e à alta velocidade com que são divulgadas.

Essa problemática nos leva a enxergar o blog como um espaço capaz de conservar imagens, fotos, recordações, histórias, enfim, constitui uma página virtual que oferece a

oportunidade para o autor divulgar e também guardar momentos e experiências vividas, que talvez a própria memória não consiga armazenar. Nesse sentido, o blog atuará como uma escrita pessoal capaz de registrar e preservar fatos que marcaram uma fase da vida do blogueiro e, por esse motivo, ele deseja guardar para recordar posteriormente.

É por esse e outros motivos que a escrita na internet não pode ser concebida como neutra, superficial, técnica, porque as emoções estão presentes e de acordo o gênero, uma produção textual realizada na tela pode refletir as sensações do autor. Lévy (1999, p. 128) considera “longe de serem frias, as relações on-line não excluem as emoções fortes”, assim os indivíduos se comunicam e se relacionam à distância fisicamente, porém interagem, contam segredos, matam as saudades, namoram e até discutem pela internet. A tela cada vez mais é capaz de transmitir as emoções daquele que está do outro lado, entretanto ainda há suas limitações e não supera as relações face a face, não permite o abraço, o beijo, o “olho a olho”, enfim, gestos que em determinadas situações falam mais que qualquer palavra.

Nessa perspectiva, Lévy (1993, p. 128) explica o seguinte: “as relações virtuais não substituem pura e simplesmente os encontros físicos, na maior parte do tempo, são um complemento ou um adicional”. O blog pode ser um espaço para as pessoas se conhecerem e se comunicarem, porém o encontro “carne e osso” é fundamental para aqueles que pretendem firmar uma relação séria, sólida e conhecer melhor o outro. Cabe salientar, a relação por meio de um blog pode ser íntima, verdadeira, mas também traiçoeira, interesseira, esse é um risco que ninguém está livre nem mesmo nas relações face a face.

Como podemos perceber, o blog envolve uma série de questões, por isso é uma escrita muito complexa para ser definida e explicada em poucas palavras. Além de tudo que foi abordado anteriormente, há divergências acerca do blog enquanto um gênero ou um suporte, pois embora grande parte dos pesquisadores o classifique como um gênero, há aqueles que o consideram como um suporte devido à imensa variedade de textos que pode conter. Há blogs que possuem poemas, refrões de músicas, fotos, notícias, enfim, são diversos gêneros dentro de um só. Por isso, questiona-se como um gênero seria capaz de comportar tantos outros. Não pretendemos defender uma ou outra posição, contudo temos o compromisso de esclarecer a questão do suporte e estabelecer uma relação com o blog.

Marcuschi (2003) escreve um ensaio sobre a questão do suporte de gêneros textuais, defendendo a ideia central de que todo gênero tem um suporte, mas deixa claro que a identificação desse suporte exige cuidado. Ainda há poucas pesquisas acerca dessa temática, então o autor explica que qualquer contribuição é bem recebida, porque esse tema está em fase de desenvolvimento dentro dos estudos linguísticos. A partir do objetivo de distinguir um suporte de um gênero ou para compreender melhor a relação entre ambos, torna-se necessário descobrir qual influência do suporte para a natureza de um gênero ou qual influência do gênero para o formato do suporte. A nossa certeza é que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele, porque um está fortemente relacionado ao outro.

Cabe destacar que existem casos complexos em que o suporte determina a definição que o gênero recebe, pois nessas situações, o gênero dependerá do suporte. Assim, um texto receberá definições de gênero diferentes para cada formato de suporte, por exemplo, se um determinado texto estiver escrito num papel colado em uma geladeira pode ser um bilhete; se for passado pela secretaria eletrônica é um recado; remetido pelos correios num formulário próprio é um telegrama, enfim, para Marcuschi (2003, p. 2) “o certo é que o conteúdo não muda, mas o gênero é sempre identificado na relação com o suporte”.

Diante dessa relação entre texto, gênero e suporte, podemos observar que o suporte é muito importante para a textualidade, porque todos os textos ancoram em algum suporte, além disso, ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade. Nesse sentido, ressaltamos, há suportes que foram elaborados tendo em vista a sua função específica de portarem ou fixarem textos, são aqueles que Marcuschi (2003) classificou de suporte convencional; há também aqueles que operam como suportes ocasionais ou eventuais denominados de suporte incidental. Não é fácil definir o blog de acordo com essa classificação, porque é um caso particular que ainda precisa ser muito estudado.

Segundo Marcuschi (2003), o suporte de um gênero expressa três aspectos: é um lugar físico ou virtual; tem formato específico e serve para fixar e mostrar o texto. Segundo esse aspecto, podemos dizer que o blog é um lugar virtual que fixa e mostra diversos textos, tornando acessível vários gêneros. Desse modo, cabe salientar que embora alguns pesquisadores o tratem como um gênero, precisamos reconhecer a sua capacidade de agrupar uma série de diferentes textos. De fato, o blog é uma complexa página on-line que nem

sempre se enquadra em uma simples definição de gênero, por isso em certos casos, poderá ser considerado um suporte textual.

Precisamos compreender que após o avanço das TIC, a escola viu-se diante de novas exigências em relação ao aparecimento de novas formas de uso da linguagem escrita. Hoje, fala-se em gêneros emergentes que surgiram no espaço virtual/digital e atingem as sociedades letradas, por isso textos como o blog devem ser tomados como recurso a fim de garantir a devida aprendizagem da língua materna, no sentido de possibilitar a formação de sujeitos que sabem ler, escrever e transitar entre os diversos formatos de escrita que circulam na internet. Diante do que foi exposto, podemos considerar que o blog pode ser um caminho para levar o aluno/aprendiz a descobrir o prazer em escrever, interagir e se comunicar.

3. O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este capítulo destina-se a descrever os caminhos percorridos para a realização desta pesquisa, desde a pesquisa bibliográfica até a aplicação dos questionários realizada durante a pesquisa de campo nas escolas selecionadas.

3.1 A natureza da pesquisa e os procedimentos utilizados

Segundo Marconi e Lakatos (2011, p. 11), para obtenção de dados podem ser utilizados três procedimentos: pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e contatos diretos. Geralmente, o trabalho científico inicia-se com a pesquisa bibliográfica, porque permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre aquele assunto. Para os autores, essa pesquisa é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O nosso trabalho começou a partir do levantamento de referências teóricas, já analisadas e publicadas, por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas da web. Após esse momento, tomamos as devidas providências para realizar a pesquisa de campo.

É importante esclarecer que o nosso trabalho realizou-se a partir do método de abordagem quantitativo, porque foi necessária a elaboração de instrumentos estatísticos para melhor observar os dados encontrados. Além disso, utilizamos o método quantitativo devido à possibilidade de trabalhar com gráficos e tabelas. Em seguida, procuramos realizar uma análise detalhada dos dados obtidos, visto que nossa intenção era comparar a concepção dos adolescentes com a dos professores em relação às TIC. A opção por essa abordagem metodológica foi motivada em virtude do nosso interesse de investigar, por meio de dados precisos e objetivos, a inserção das tecnologias da informação e comunicação tanto no contexto escolar como no ambiente familiar.

Tendo como objetivo descobrir a porcentagem de alunos e professores que utilizam o computador com acesso à internet, constatei a necessidade de elaborar gráficos a fim de obter dados mais precisos, favorecendo assim uma análise detalhada e rica em informações. Nesse sentido, todas as questões fechadas dos questionários transformaram-se em gráficos, exceto a última que, por ser aberta, limitou-se à análise subjetiva. No entanto, antes de explicar como se procedeu a aplicação dos questionários, cabe-nos descrever o caminho que percorremos para atingir a meta da pesquisa nas escolas.

Inicialmente, procuramos escolas da rede pública de Aracaju que participam de projetos ou desenvolvem alguma atividade pedagógica relacionada às tecnologias, para que pudessemos observar como professor e aluno estão se relacionando com a inserção de recursos tecnológicos nas escolas e com as novas formas de linguagem. Tendo como objetivo, obter um resultado mais preciso, decidimos fazer a pesquisa em duas escolas para poder comparar a realidade de cada uma e analisar os contrastes e as semelhanças. Para isso, foi preciso redigir uma carta de apresentação para entregar aos diretores das escolas, apresentando-nos como estudantes do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Esse documento devia atender às exigências burocráticas e assegurar que o pesquisador é aluno regularmente matriculado no curso de mestrado.

Então, tomamos as devidas providências e conseguimos ter acesso ao CODAP e ao Colégio Estadual Atheneu Sergipense. Em ambos, fomos bem recebidos tanto pela coordenação quanto pelos alunos, e conseguimos realizar a pesquisa sem barreiras. O nosso desafio foi lembrar os adolescentes de levarem para a escola a autorização dos pais assinada para que pudessem participar da nossa pesquisa, porque segundo o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), menores de 18 anos de idade não podem participar de quaisquer pesquisas sem a devida autorização do responsável.

Nessa perspectiva, fomos uma série de vezes nas turmas a fim de recolher a autorização daqueles que a apresentavam assinada e, dessa forma, aplicamos o questionário em dias diferentes, à medida que o aluno entregava o documento, aplicava-se o questionário. Aos poucos, recolhemos um total de 40 questionários respondidos por 40 alunos do 2º ano do ensino médio, sendo 21 do CODAP e 19 do Colégio Atheneu. Assim, sucedeu-se a aplicação dos questionários e, em virtude da nossa insistência em retornar 3 ou 4 vezes para recolher as

autorizações, acabamos criando um vínculo afetivo com os alunos a ponto de nos pedirem para voltar às escolas para conversar mais sobre nossa pesquisa e apresentar-lhes os resultados.

Enfrentamos a mesma dificuldade para aplicar os questionários às professoras de língua portuguesa (cabe-nos explicar que todos os participantes/docentes são do gênero feminino), pois cada uma tem um horário livre distinto das demais, então foi necessário marcarmos um dia individualmente com as cinco professoras, já as outras duas preferiram levar o questionário para responder na própria residência. Entre as quatro professoras do CODAP, apenas uma levou o questionário para responder em casa; já no Colégio Atheneu, foi mais fácil, duas professoras se disponibilizaram para responder ao questionário durante o intervalo, apenas uma não pôde participar naquele momento, porque estava organizando um evento com os alunos, por isso, nos pediu para respondê-lo em sua casa.

E foi desse modo que concluímos a aplicação dos questionários. Segundo Marconi e Lakatos (2011, p. 86), essa técnica utilizada ocorre por meio da observação direta extensiva e esta se realiza por meio da aplicação de questionários, de formulários, de medidas de opinião e atitudes e de técnicas mercadológicas. O próximo item abordará essa questão mais claramente e apresentará os instrumentos utilizados em nossa pesquisa de campo.

3.2 Os instrumentos utilizados na pesquisa de campo

3.2.1 O questionário do aluno

Para Marconi e Lakatos (2011, p. 86), “o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Entretanto, em nossa pesquisa, fez-se necessário estarmos presentes em alguns momentos. Entre as vantagens do questionário, pode-se citar: obtém respostas mais rápidas e mais precisas; atinge maior número de pessoas simultaneamente; há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato; obtém grande número de dados e há mais tempo para responder e em hora mais favorável.

É importante que o questionário seja limitado em extensão e em finalidade, pois caso seja longo pode causar fadiga e desinteresse, por isso preferimos elaborar questões predominantemente fechadas, até porque nossa intenção é observar como os alunos e os professores estão utilizando o computador com acesso à internet, se como fonte de pesquisa, de relacionamento, de comunicação, enfim, tentar compreender como discentes e docentes se relacionam com as TIC (sobretudo, o computador conectado à internet) e analisar a concepção de ambos frente ao blog.

Nessa perspectiva, as perguntas foram elaboradas de acordo os objetivos específicos. Procuramos formular questões objetivas para facilitar nossa compreensão acerca da relação dos adolescentes com as tecnologias da informação e comunicação. Nosso intuito foi obter dados mais precisos sobre as redes sociais que os alunos mais frequentam, o nível de conhecimento acerca do blog, a quantidade de adolescentes que preferem acessar a internet a ler e escrever, enfim, as perguntas procuram respostas que possam enriquecer a pesquisa e nos ajudar a compreender melhor a relação dos adolescentes com a internet, as redes sociais e o blog.

Desse modo, o questionário apresentava as seguintes questões:

1- Você tem computador em casa?

Sim ()

Não ()

2- Geralmente, você acessa a internet em qual lugar?

Na própria casa ()

No colégio ()

Na lan house ()

Em outros lugares ()

3- Em média, você acessa a internet quanto tempo por semana?

Uma hora ()

Duas horas ()

Três a quatro horas ()

Cinco a sete horas ()

4- Como você se comunica mais com seus amigos?

Por telefone ()

Pelas redes sociais ()

Por cartas ()

Pessoalmente ()

5- Você possui alguma rede social? Caso sim, assinale qual ou quais?

Não ()

Facebook ()

Msn ()

Orkut ()

Blog ()

Outra ()

6- Qual a fonte de pesquisa que você mais utiliza?

Livros impressos ()

Internet ()

7- Geralmente, você acessa a internet para que?

Divertir-se ()

Comunicar-se com outras pessoas ()

Estudar e aprender ()

Pesquisar informações ()

8- Em qual espaço você mais escreve?

Na tela do computador ()

No papel ()

9- O que você prefere fazer?

Ler romances ()

Escrever ()

Acessar a internet ()

10- Você costuma acessar blogs na internet?

Sim ()

Não ()

11- Se você já criou um blog, qual foi a finalidade?

- | | |
|------------------------------------|---|
| Contar experiências pessoais () | Compartilhar fotos, músicas e textos () |
| Estudar um determinado assunto () | Fazer propaganda de um produto ou serviço () |
| Divulgar um evento () | Nunca criou um blog () |

12- Em sua opinião, o que é e para que serve o blog?

No geral, as perguntas foram de múltipla escolha e somente a última questão foi aberta, a fim de oferecer o devido espaço para o aluno expor sua concepção acerca do blog e para que pudéssemos obter um resultado mais aprofundado sobre a posição do adolescente frente ao gênero digital blog, visto que o nosso objetivo principal é compreender melhor essa página da internet.

As perguntas envolvem a média de tempo de acesso à internet por semana, as redes sociais que os alunos participam, a preferência dos estudantes entre ler, escrever e acessar a internet, o local onde acessam a rede, enfim, objetivam analisar características relevantes acerca do acesso à internet por adolescentes/participantes do Colégio Aplicação e do Colégio Atheneu.

De um modo geral, podemos considerar que o questionário apresenta uma linguagem simples e de fácil compreensão, além disso, não exige muito tempo para respondê-lo, visto que não é extenso, porém embora poucas, as perguntas foram muito bem direcionadas para o que se pretende observar. O questionário do aluno possibilitou uma pesquisa de campo prática e de curta duração.

3.2.2 O questionário do professor

Em relação ao professor, o instrumento de pesquisa utilizado para a aquisição dos dados também foi o questionário, por ser mais direto, objetivo e prático. O questionário constitui-se por uma série de perguntas organizadas com o objetivo de levantar dados para a pesquisa, cujas respostas dadas pelo elemento (no caso, o professor) não tiveram a assistência direta ou a orientação do investigador.

Esse questionário abordou as seguintes questões:

1- Você utiliza as tecnologias da informação e da comunicação em sua prática pedagógica?

Sim () Não ()

2- Em sua opinião, a escola oferece os recursos necessários para a inserção das novas tecnologias na educação?

Sim () Não ()

3- Já participou de cursos de formação continuada em novas tecnologias?

Sim, um curso () Sim, mais de um curso () Não, nenhum ()

4- Utiliza o laboratório de informática da escola para ministrar aulas mais dinâmicas?

Sim, poucas vezes () Sim, várias vezes () Não ()

5- Enquanto professor, como você encara as novas formas de uso da linguagem?

Positivas, porque favorecem a evolução linguística e a prática de leitura e escrita ()

Negativas, porque provocam a morte paulatina do ato de ler e escrever no papel ()

6- Em sua concepção, as tecnologias beneficiaram a educação?

Sim ()

Não ()

Ainda não sei exatamente ()

7- Já utilizou os gêneros digitais (e-mail, blog, chat...) em sua prática docente?

Sim ()

Não ()

8- Você já criou um blog para expor algum assunto para as turmas?

Sim ()

Não ()

9- Se você já criou um blog, qual foi a finalidade?

Contar experiências pessoais ()

Compartilhar fotos, músicas e textos ()

Estudar um determinado assunto ()

Fazer propaganda de um produto ou serviço()

Divulgar um evento ()

Nunca criou um blog ()

10- Para você, o blog pode favorecer o processo de ensino-aprendizagem da língua materna?
(ou seja, pode contribuir para o ensino de leitura e escrita?)

Sim ()

Não ()

11- Já postou algum comentário para blogueiros?

Sim ()

Não ()

12- Em sua opinião, o que é um blog e qual a sua finalidade?

De um modo geral, as perguntas procuram compreender a concepção dos professores de língua portuguesa dos colégios em questão no que diz respeito à inserção dos recursos tecnológicos no contexto da educação. O questionário pretende analisar a formação continuada dos professores em novas tecnologias e a possibilidade de influência das novas formas de linguagem no processo de ensino-aprendizagem de língua materna.

As perguntas são, predominantemente, objetivas, visto que o questionário procura delimitar os objetivos da pesquisa, focando na relação dos professores com os recursos tecnológicos, a internet, os gêneros digitais e o blog. O participante poderá expressar sua opinião acerca do blog na última questão, pois é uma pergunta aberta e muito importante para a pesquisa, visto que é por meio dela que poderemos estudar e comparar com a resposta dos alunos a concepção de ambos, aluno e professor de língua portuguesa, em relação ao gênero blog.

Esse questionário poderá nos ajudar a entender melhor a possível contribuição dos recursos tecnológicos para a formação do aluno leitor e produtor de texto. Além disso, nos permitirá observar o trabalho do professor com os gêneros digitais, em particular com o blog, tendo em vista o compromisso do profissional docente no desenvolvimento de atividades voltadas para o texto e para os usos da língua nas modalidades oral e escrita.

Dessa maneira, no próximo capítulo referente à análise dos dados obtidos, iremos organizar gráficos e tabelas, a fim de compreendermos a presença da internet na escola, os efeitos dos recursos tecnológicos na educação, o resultado das modificações nos atos de ler e escrever, a contribuição dos gêneros digitais para a prática docente e a influência do blog no processo de ensino-aprendizagem da língua materna. Enfim, o questionário do professor contribuirá muito para a precisão e a veracidade da pesquisa.

3.3 Os colégios e os participantes da pesquisa

A nossa pesquisa de campo realizou-se em dois colégios da rede pública de ensino da cidade de Aracaju, o Colégio de Aplicação da UFS (CODAP) e o Colégio Estadual Atheneu Sergipense.

Em relação ao CODAP, cabe ressaltar que, atualmente³⁵, funciona regularmente o ensino fundamental do 6º ao 9º ano (com 210 alunos) e o ensino médio (com 240), o quadro docente é constituído por 30 professores efetivos e 7 substitutos, além disso, conta com 18 técnicos-administrativo. A escola desenvolve o projeto de extensão EJA (Educação de Jovens e Adultos) com 160 alunos, e projetos de pesquisa em Iniciação Científica. Entre os objetivos da instituição, pode-se citar: Proporcionar a prática de ensino aos alunos do curso de Licenciatura e estágios supervisionados aos alunos dos demais cursos de graduação da Universidade Federal de Sergipe e de outras IES (Instituições de Ensino Superior).

Já o Colégio Atheneu, foi o primeiro estabelecimento de Instrução Pública da Província de Sergipe. Ao longo dos anos, sofreu variadas denominações: Lyceu Secundário de Sergipe, Escola Normal de Dois Graus, Atheneu Pedro II, Colégio de Sergipe, e atualmente Colégio Estadual Atheneu Sergipense. No entanto, mesmo sofrendo modificações significativas de denominação, o Atheneu tentou manter-se fiel ao seu principal objetivo: ministrar uma instrução secundária, de caráter literário e científico. Hoje, situado no bairro São José, conta com uma clientela de aproximadamente 1.066 alunos pertencentes aos mais variados bairros e cidades de Sergipe.

Em Sergipe, o CODAP foi um dos colégios da rede pública de ensino contemplado pelo projeto UCA (Um Computador por Aluno), segundo o qual, cada aluno tem o direito de receber um laptop para usá-lo nas atividades escolares desenvolvidas na sala de aula. Desse modo, o MEC (Ministério Público da Educação) lançou um projeto experimental denominado “A inserção e formas de utilização do laptop no CODAP”, com o objetivo de inserir o laptop no contexto das diferentes disciplinas como ferramenta pedagógica para

³⁵ É importante deixar claro que esses dados referem-se ao ano de 2012, ano em que foi realizada a pesquisa.

ampliar, aprofundar, registrar, pesquisar e divulgar conhecimento. Foi a partir de tal projeto que os professores começaram a desenvolver atividades, como a criação de blogs educativos, a publicação de trabalhos em blogs, a visualização de vídeos, a disponibilização de conteúdos em blogs, e outras ações didáticas usando o laptop.

O Colégio Estadual Atheneu Sergipense possui um projeto interdisciplinar denominado “Linguagens e Tecnologias”, relacionado às disciplinas Português, Informática e Dança. O objetivo principal de tal projeto consiste em realizar atividades que valorizem as linguagens: corporal, virtual, escrita, oral. É interessante que os alunos participam de atividades de diversas disciplinas no laboratório de informática, por exemplo, pesquisam imagens de fenômenos da natureza em sites durante a aula de geografia, assistem vídeos sobre a tabela periódica na aula de química, enfim, a internet oferece múltiplos recursos para explicar conteúdos. Além disso, como o ensino é integral, os alunos do Atheneu participam de várias oficinas e atividades complementares.

Para Marconi e Lakatos (2011, p. 16), “o universo de uma pesquisa é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum”. O universo de nossa pesquisa foi o Colégio de Aplicação da UFS e o Colégio Estadual Atheneu Sergipense. Já a amostra é uma parcela convenientemente selecionada desse universo, no caso, os estudantes do 2º ano do ensino médio e os professores de língua portuguesa constituem a amostra do nosso trabalho.

Entre as principais características do grupo focal de nossa pesquisa, podemos citar os seguintes dados: os 40 alunos/participantes são adolescentes que possuem entre 15 e 18 anos, sendo que 21 são meninos e 19 meninas. Já a equipe docente de língua portuguesa foi composta, exclusivamente, por mulheres. No CODAP, há 3 professoras de português e todas participaram da pesquisa; no Colégio Atheneu, há 5 professoras, porém uma estava de licença, por isso, apenas 4 responderam ao questionário. No total, foram 7 participantes do gênero feminino. Em relação ao nível de formação, observamos que há especialistas, mestres e doutoras.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo destina-se a analisar detalhadamente as respostas dos participantes, no caso professores e alunos, que colaboraram com a pesquisa respondendo às perguntas feitas nos questionários. O nosso objetivo será observar a relação dos estudantes com as tecnologias da informação e comunicação a fim de compreendermos melhor como os adolescentes utilizam a internet, verificar os lugares onde acessam a rede, o tempo de acesso por semana, as finalidades de acesso, as redes sociais que participam.

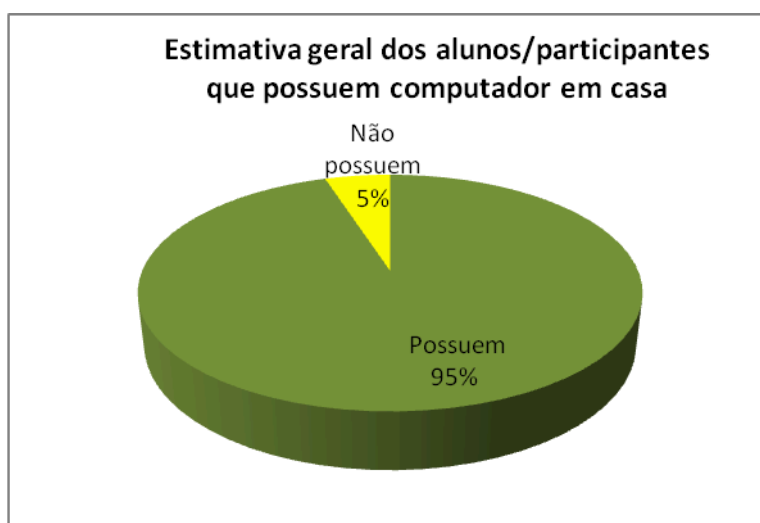
Já em relação aos professores, nosso intuito será descobrir a posição do docente de língua portuguesa frente aos novos recursos tecnológicos, observar se tais recursos estão sendo utilizados pela escola e verificar se estão trazendo resultados positivos ou negativos para o processo de ensino/aprendizagem da língua materna.

4.1 Estudantes do CODAP e do Colégio Atheneu: a sua relação com a internet e as redes sociais e sua prática de leitura e escrita

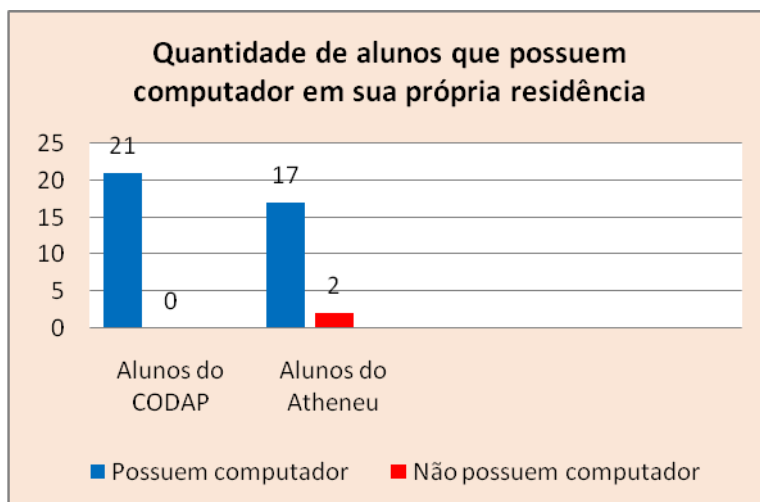
A análise dos dados está dividida em dois subtópicos, visto que pretendemos analisar separadamente os resultados dos estudantes dos resultados dos professores. Aqui, iremos observar, exclusivamente, a relação dos adolescentes com as TIC, somente no próximo subtópico (4.2), iremos analisar os dados dos professores.

Cada questão foi analisada, cuidadosamente, com a presença de um gráfico que auxiliou a análise, apenas a última questão não apresenta imagem, pois como é uma questão subjetiva, dificulta a elaboração de um gráfico; além disso, preferimos analisá-la separadamente das demais questões, por merecer um espaço mais amplo, visto que é a questão específica que trata da opinião do aluno sobre o blog.

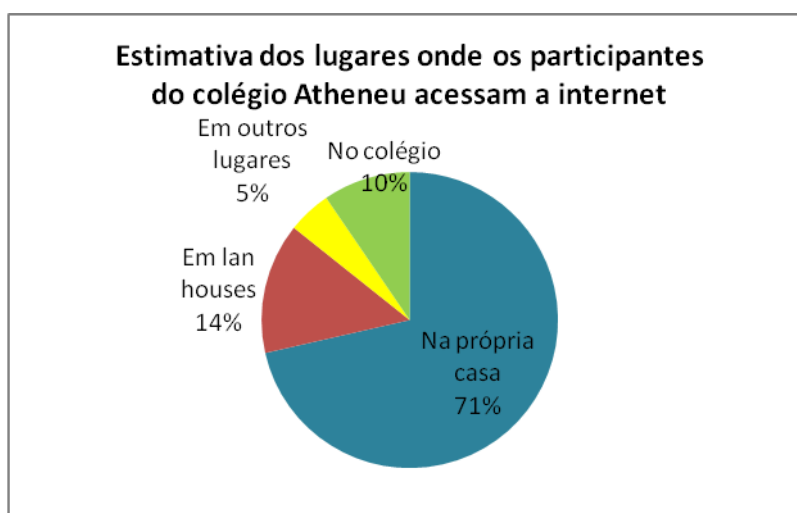
Inicialmente, apresentamos o gráfico que representa a estimativa geral dos 40 alunos que possuem, ou não, computador em casa. Podemos perceber que dos 100% dos participantes, somente 5% dos alunos não possuem computador na própria residência. Esse resultado revela que o computador tornou-se hoje um aparelho eletrodoméstico que está presente em quase todas as classes sociais, não por uma questão de luxo ou status social, mas por ser de suma importância para a participação efetiva na sociedade, por isso, encontra-se em muitas as residências de uma parcela significativa da população.



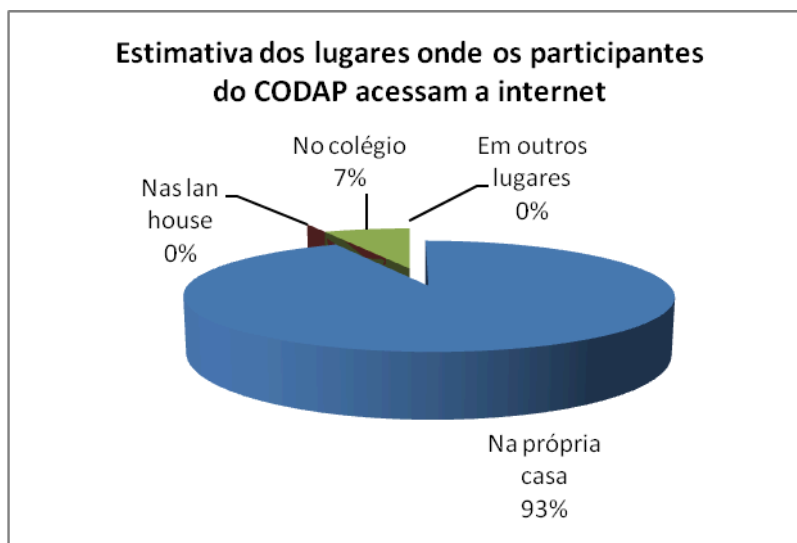
Logo abaixo, temos outro gráfico que também irá mostrar a estimativa dos alunos que possuem ou não computador na própria residência, entretanto, o próximo é mais específico, porque separa o resultado de cada escola. É interessante observar que dos 21 alunos/participantes do CODAP, todos responderam que possuem computador em casa. Em relação ao Colégio Atheneu, o resultado também foi surpreendente, pois dos 19 alunos questionados, apenas 2 não possuem computador na própria residência. Cabe-nos ressaltar que essa pesquisa foi realizada em escolas da rede pública de ensino, portanto podemos interpretar que a realidade dos alunos de ambas as escolas não está distante da realidade dos alunos da rede privada no que se refere ao acesso ao computador.



Tendo em vista que já verificamos a estimativa dos estudantes que possuem ou não, computador na própria residência, torna-se importante observar também se esse computador é conectado à internet. Desse modo, iremos analisar a estimativa dos lugares onde os participantes têm acesso à internet e, para isso, cabe-nos questionar os lugares de acesso à rede com mais frequência.

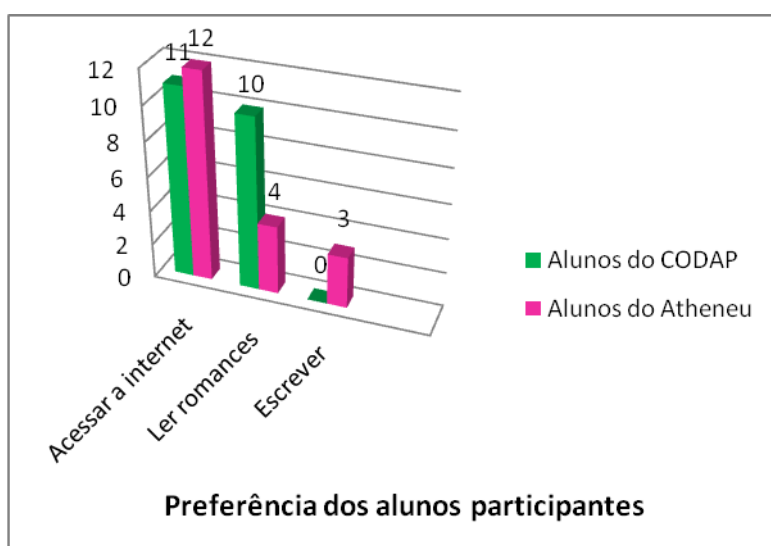


O gráfico acima revela que 71% dos alunos do Colégio Atheneu possuem acesso à internet na própria residência, apenas 14% dos alunos utilizam as lan houses, 10% acessam a internet no colégio e somente 5% responderam que acessam a internet em outros lugares, como por exemplo, na casa de parentes e amigos. Assim, podemos constatar que a maior parte dos alunos do Atheneu possui computador e tem acesso à internet em casa.



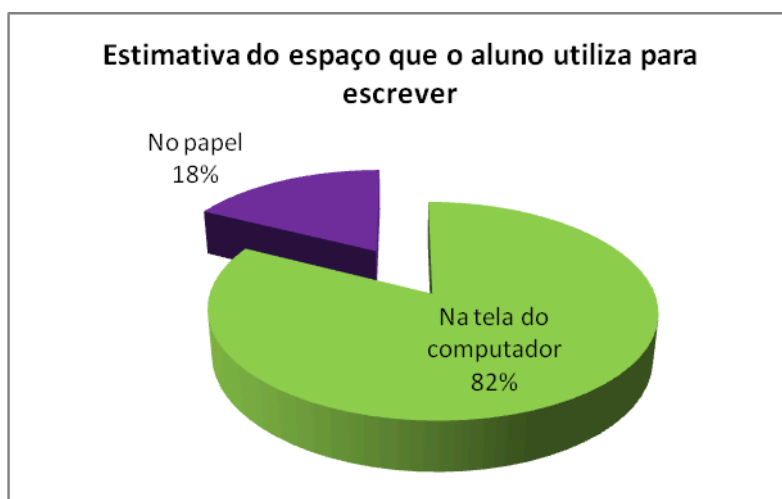
O gráfico acima é muito interessante porque 93% dos alunos/participantes do CODAP responderam que acessam a internet na própria casa e somente 7% acessam a rede no colégio, já nas lan house e em outros lugares foi encontrado o índice de 0% de acesso, ou seja, nenhum aluno respondeu que acessa a internet nesses ambientes.

Esses gráficos que investigam o lugar de acesso à internet confirmam o resultado da pesquisa citada anteriormente que constatou o seguinte dado: 95% dos alunos/participantes do Colégio de Aplicação e do Colégio Estadual Atheneu possuem computador em casa. Agora, também sabemos que esse computador é conectado à internet.

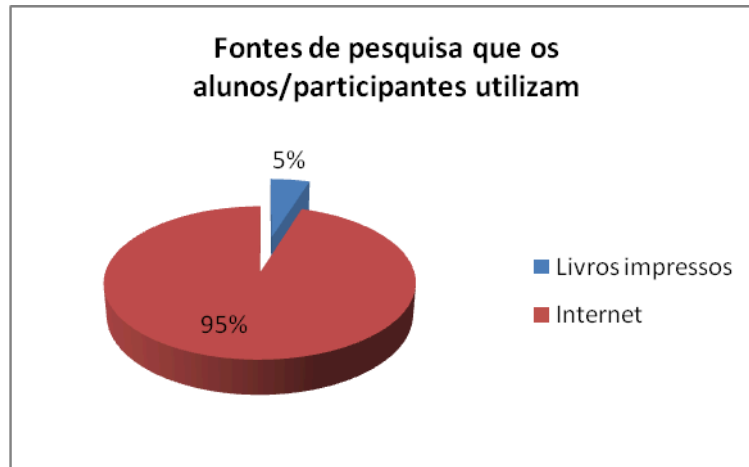


Ao analisarmos as questões que envolvem a relação entre o adolescente e a internet, percebemos a relevância de descobrirmos a afinidade do jovem inserido no contexto das tecnologias com a leitura, a escrita e o mundo virtual. Então, resolvemos questionar a preferência dos alunos/participantes entre acessar internet, ler romances e escrever. E para a surpresa, ou melhor, para a preocupação dos professores de língua portuguesa, acessar a internet ganhou em ambas as escolas.

Entretanto, cabe mencionar que, no CODAP, ler romances foi a segunda atividade preferida pelos alunos e o resultado foi bem disputado com a diferença mínima de 1 aluno, pois lá os participantes marcaram quase na mesma proporção: acessar a internet e ler romances, porém ninguém respondeu que prefere escrever. Já no Colégio Atheneu, acessar a internet ganhou em disparada e 3 alunos responderam que preferem escrever.

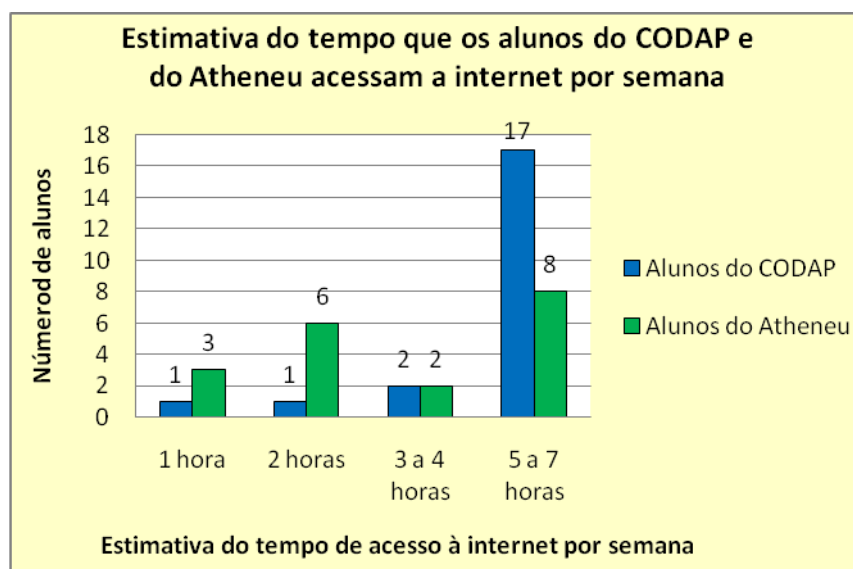


Diante do que foi exposto acima, podemos notar que os adolescentes da contemporaneidade não estão habituados a escrever. E essa realidade está fortemente relacionada com a prática de escrita que hoje se executa no espaço virtual, pois desde que a tela do computador apareceu como novo espaço de escrita, o papel sofreu uma perda significativa de sua função primária. O gráfico acima comprova essa situação, visto que 82% dos alunos/participantes responderam que costumam escrever na tela do computador e somente 18% responderam que utilizam mais o papel.



Nessa perspectiva de investigar o espaço de escrita, torna-se importante analisar a fonte de pesquisa dos estudantes. Qual recurso de pesquisa é mais utilizado nos dias atuais? O computador com acesso à internet ou livros impressos?

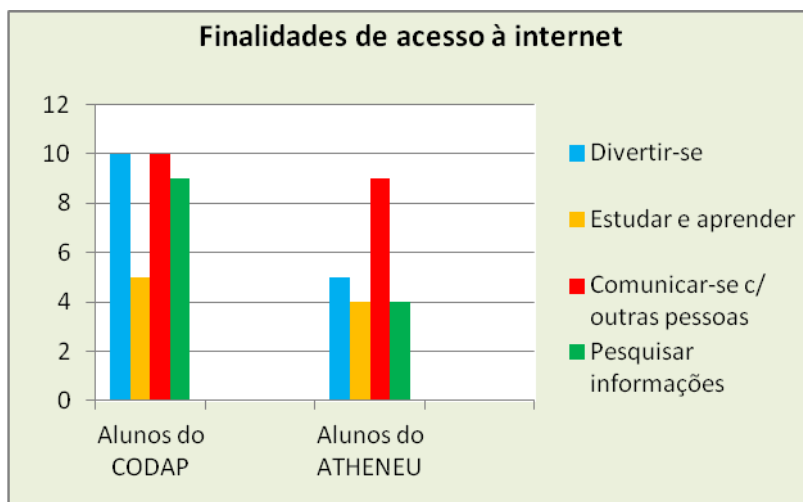
Podemos conceber que, assim como a tela do computador tornou-se o novo espaço de escrita, a internet tornou-se a nova fonte de pesquisa. O gráfico acima revela que 95% dos alunos/participantes utilizam a internet para realizar pesquisas e somente 5% pesquisam por meio de livros impressos. Por isso, Roger Chartier, em sua obra “A aventura do livro”, preocupa-se com o destino do livro impresso tendo em vista a expansão das novas bibliotecas virtuais.



O gráfico acima é bem interessante, porque enquanto o resultado do Colégio Atheneu apresenta um desvio, um desequilíbrio, a sequência cresce, depois cai e, em seguida, sobe novamente; o resultado do CODAP é bem diferente, mostra uma ordem lógica e crescente, notamos que à medida que aumenta o tempo de acesso à rede, aumenta a quantidade de alunos.

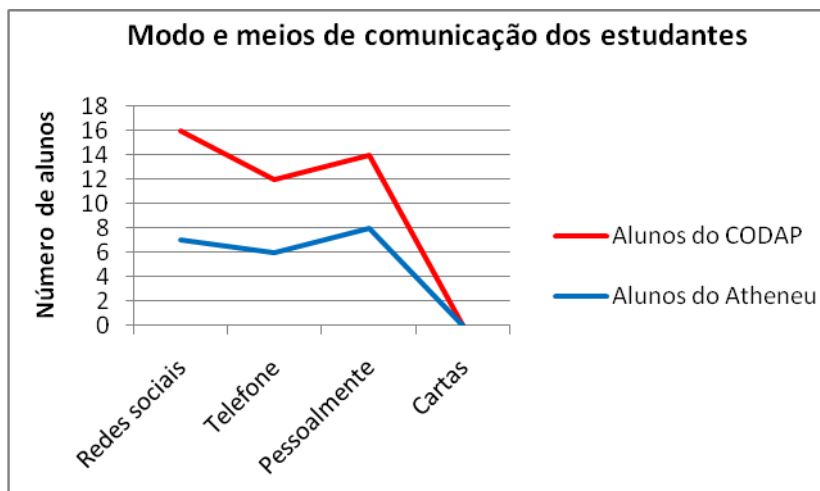
Do total de 21 participantes do CODAP, 17 responderam, predominantemente, que passam cerca de 5 a 7 horas por semana acessando a internet, inclusive, alguns alunos declararam que, às vezes, passam até mais tempo. Apenas um aluno marcou a opção de 1 hora, outro marcou a opção de 2 horas e apenas dois participantes acessam a rede cerca de 3 a 4 horas por semana. Ou seja, a maioria marcou a opção que representa a maior quantidade de tempo conectado à rede.

Contraditoriamente, os 19 participantes do Atheneu ficaram bem distribuídos, 3 acessam apenas 1 hora por semana, 6 responderam que ficam só 2 horas conectados à rede, 2 acessam 3 a 4 horas e 8 alunos responderam que acessam uma média de 5 a 7 horas por semana. Esse resultado revela uma certa imprecisão, visto que não possui uma lógica ou ordem simétrica crescente ou decrescente. No entanto, podemos interpretar que os adolescentes participantes do Colégio Atheneu passam menos tempo conectados à internet que os alunos do CODAP, porém em ambas as escolas, a opção de maior tempo de acesso à rede ganhou destaque e foi a mais selecionada pelos participantes.



O gráfico acima aborda um assunto bem polêmico que diz respeito à finalidade de acesso à internet, pois há críticas relacionadas à falta de interesse dos jovens por sites de estudos e consideram que grande parte dos internautas adolescentes utilizam a rede apenas por diversão (sobretudo os games) e, praticamente, não se interessam em buscar informações. A nossa pesquisa comprovou essa questão, pois em ambas as escolas, estudar e aprender apareceu em último lugar, já a comunicação destacou-se em primeiro. Os participantes do Colégio de Aplicação responderam na mesma proporção duas finalidades de acesso à internet: divertir-se e comunicar-se. Pesquisar informações veio em segundo lugar e, por último, estudar e aprender.

Os adolescentes do Colégio Atheneu responderam, em disparada, que utilizam a internet, principalmente, para comunicar-se com outras pessoas; em segundo lugar, veio a opção divertir-se e, por último, empataram duas finalidades: estudar e aprender; e pesquisar informações. De fato, estudar e pesquisar informações não estão entre as atividades mais realizadas pelo grupo de alunos/participantes. No entanto, é preciso levar em consideração que a internet pode contribuir para diversas atividades, sobretudo para a interação e a comunicação à distância, de tal modo que hoje os internautas ficam mais à vontade em frente à “telinha” e estão melhor adaptados à comunicação virtual.

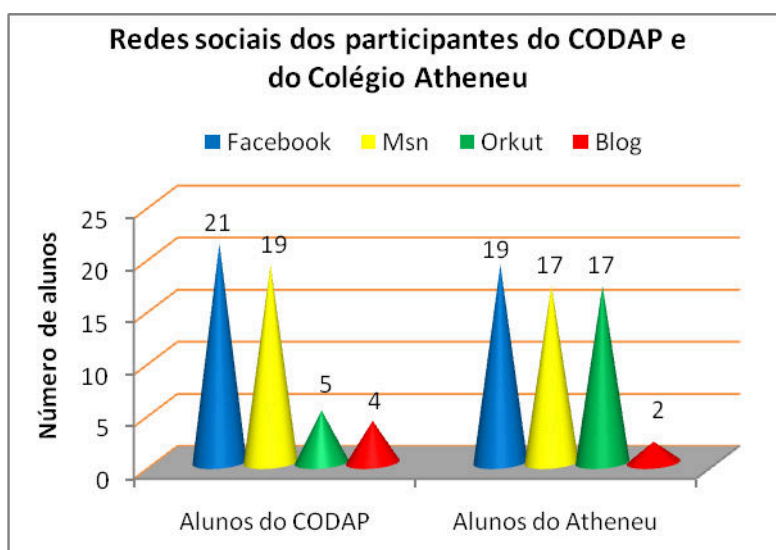


Cabe esclarecer que a pergunta relacionada a este gráfico apresentou quatro opções de resposta e os alunos podiam marcar mais de uma, por isso o eixo vertical correspondente à quantidade de alunos/participantes não menciona o total de 40 alunos, porque não houve uma relação: um participante → uma alternativa, ao contrário, cada participante podia escolher até três opções de resposta, tendo em vista que o objetivo desta questão não é descobrir o único meio, mas os meios de comunicação mais utilizados por aqueles jovens. A partir de tal gráfico, podemos entender que, em ambas as escolas, a comunicação pessoal e a comunicação por meio das redes sociais ganham destaque.

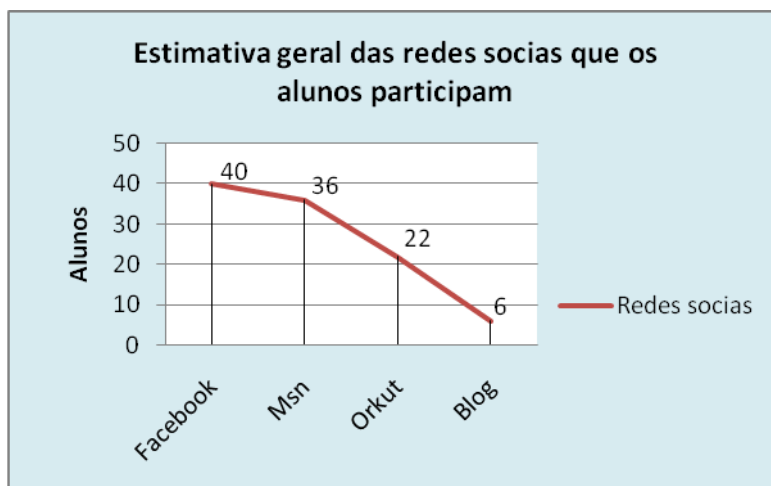
Esse gráfico pretende analisar como os alunos dos colégios selecionados costumam se comunicar, se por meio de cartas, redes sociais, telefone ou pessoalmente. O resultado revela que, no CODAP, a maior parte dos participantes utilizam, com maior frequência, as redes sociais; em segundo lugar, conversam pessoalmente; em terceiro lugar, veio o telefone e; por último, as cartas, as quais praticamente nenhum aluno usa como meio de comunicação. O resultado do Colégio Atheneu nos surpreendeu, pois a maioria dos adolescentes responderam que se comunicam, com maior frequência, pessoalmente; em segundo lugar, por meio das redes sociais; depois, por telefone e, por fim, ninguém respondeu que usa as cartas pessoais.

É interessante ressaltar que o resultado do Colégio Atheneu pode ter alguma relação com o ensino integral da escola, pois os alunos passam praticamente o dia todo na escola e, talvez, por isso, acessem menos a internet que os alunos do CODAP e conversem mais pessoalmente. Esse gráfico nos levou a refletir sobre a importância de motivar e

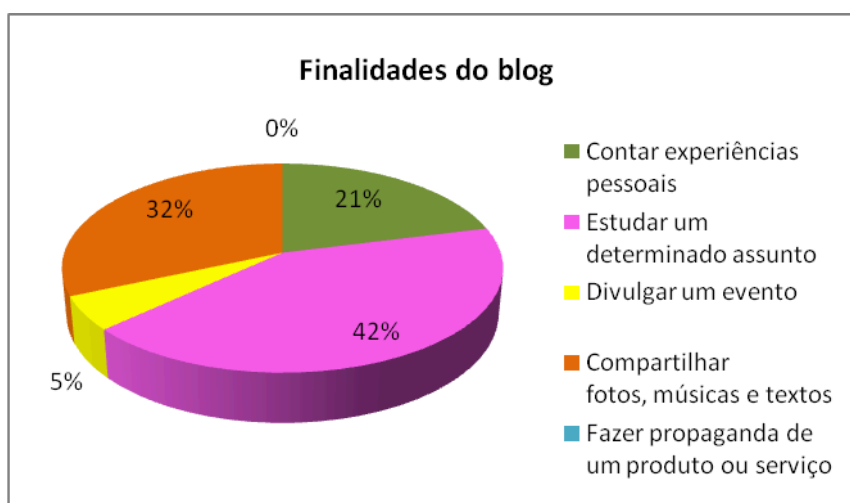
valorizar o contato físico e as conversas pessoais, pois caso contrário, a sociedade correrá o risco de formar uma geração adaptada a se comunicar, quase sempre, à distância, devido à comodidade e à facilidade, por isso é necessário incentivar encontros entre amigos e reuniões com a família para não perdermos o significado de gestos como o abraço que, somente pessoalmente, é possível.



O gráfico acima pretende mostrar as redes sociais que os alunos de ambos os colégios participam. É importante explicar que ele não apresenta o total de 40 participantes, porque as respostas foram variadas, cada aluno marcou duas ou mais opções de resposta. É interessante que o facebook é a rede social que obteve destaque nas duas escolas, além disso, todos os participantes responderam que possuem essa rede social, pois os 21 alunos do CODAP e os 19 do Atheneu, todos possuem facebook. No CODAP, a segunda rede social foi o MSN; a terceira, o Orkut e; por último, o blog. Já no Colégio Atheneu, o Orkut ficou em segundo lugar e o MSN, em terceiro, mas por uma diferença mínima entre ambos e, por fim, o blog ocupou a última posição. Cabe-nos explicar que, embora o blog esteja na última posição, é o gênero digital que oferece as melhores condições para ser utilizado como uma ferramenta educativa, entretanto, ainda é pouco conhecido na área da educação, sendo mais comum no meio jornalístico.



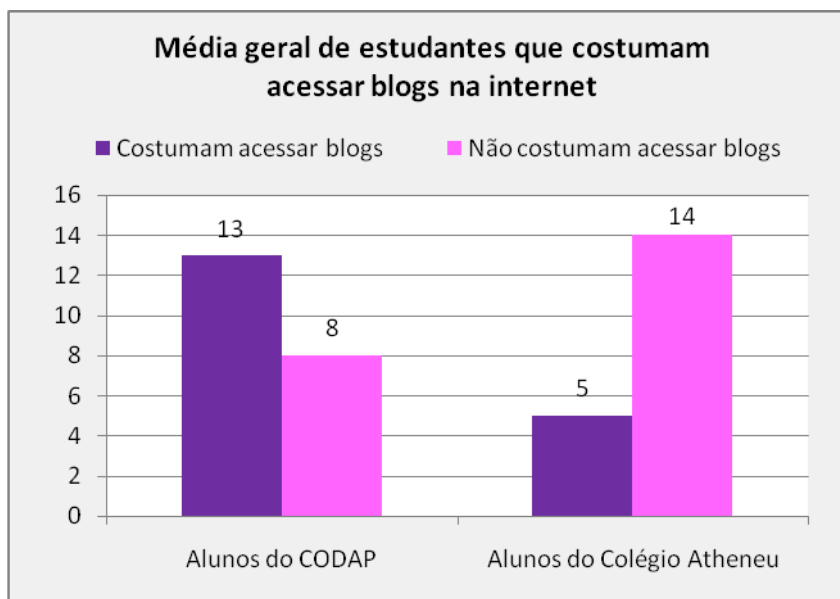
Como podemos verificar no gráfico acima, todos os 40 alunos participantes possuem facebook; 36 possuem MSN; 22 responderam que possuem Orkut e apenas 6 alunos já criaram um blog. Segundo a opinião dos adolescentes das escolas selecionadas, hoje o Facebook é a rede social da moda, do momento; o blog, por sua vez, já está ultrapassado; o Orkut ainda é utilizado, porém com menor frequência que o MSN. As redes sociais são lançadas na internet, conquistam o público e os internautas as utilizam, mas com o tempo, surgem novas com outras novidades, e aquelas mais antigas vão ficando em segundo plano, não são esquecidas nem excluídas, ao contrário, assumem outra posição no imenso mundo virtual. Dessa maneira, a internet oferece espaço para diversas redes sociais conviverem juntas em um mesmo espaço, o que garante à rede dinamicidade e capacidade de proporcionar aos seus usuários inúmeras maneiras de comunicação e interação.



A internet pode proporcionar uma série de utilidades para os internautas. Por exemplo: é possível participar de seleção de concurso público realizando uma inscrição pela internet; pode-se fazer pagamentos e compras on-line; enviar convite de formatura para amigos e familiares; comunicar-se com outras pessoas à distância; enfim, a internet possui diversas funções. Nesse contexto, verificamos que o blog oferece espaço para várias atividades, então sentimos a necessidade de descobrir por qual finalidade os blogueiros mais se interessam e com qual intenção costumam criar um blog.

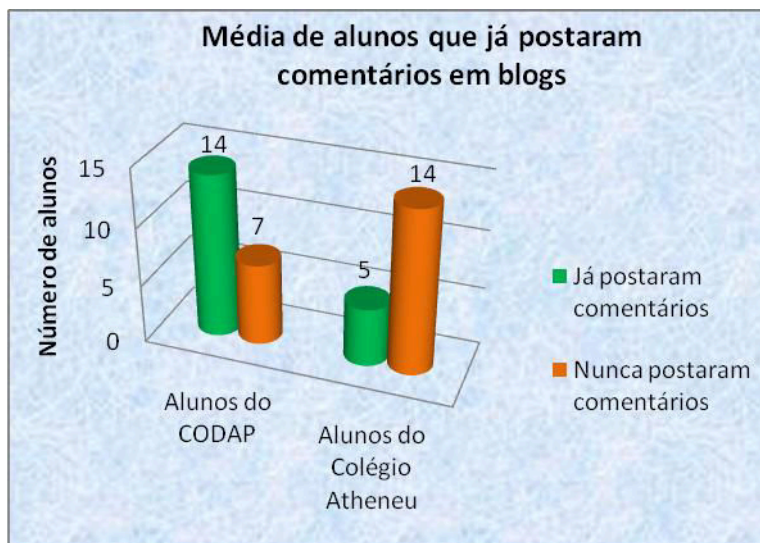
Cabe-nos esclarecer que dos 40 participantes, somente 19 alunos já criaram um blog e, são esses que irão nos ajudar a investigar as finalidades da criação do blog. A nona pergunta do questionário revelou que a maior parte dos estudantes do 2º ano do ensino médio do CODAP e do Colégio Atheneu, no caso 42% dos participantes, criaram um blog a fim de estudar um determinado tema; 32% criaram para compartilhar fotos, músicas e textos; 21% responderam que criaram um blog para contar experiências pessoais e somente 5% criaram um blog com o objetivo de divulgar um evento. Neste público, ninguém marcou a opção “Fazer propaganda de um produto ou serviço”. Entretanto, essa é uma das atividades mais realizada por profissionais e empresas quando se trata de marketing.

Esse gráfico é bem interessante, porque mostra que o blog é utilizado no contexto escolar, professores solicitam aos alunos a criação de um blog como atividade avaliativa, ou para apresentar assuntos estudados na sala de aula, ou para mostrar projetos desenvolvidos na escola, ou divulgar eventos educativos. A presente pesquisa nos possibilitou observar que, especificamente no CODAP, há um incentivo para a realização de trabalhos voltados para o blog e, aqueles docentes de várias disciplinas que já desenvolveram alguma atividade com o blog, obtiveram êxito em sua proposta.



O gráfico acima é bastante contraditório, porque enquanto 13 dos 21 participantes do CODAP responderam que costumam acessar blogs na internet; os alunos do Colégio Atheneu responderam o contrário, não possuem esse costume, apenas 5 estudantes afirmaram acessar blogs na internet de um total de 19 participantes. Tal resultado nos leva a observar que a preocupação do CODAP com o letramento digital está causando bons efeitos, pois tem incentivado aos discentes buscarem ampliar seus conhecimentos acerca da internet e dos assuntos a ela relacionados.

A presente pesquisa nos permitiu observar que o CODAP se destaca entre as escolas da rede pública da cidade de Aracaju, tendo em vista a sua excelente estrutura, a organização, a competência da equipe pedagógica e a ótima qualidade de ensino, pois além de motivar a participação dos estudantes em atividades que envolvem as novas formas de uso da linguagem, oferece cursos de formação continuada em novas tecnologias para o corpo docente. Além disso, o trabalho desenvolvido pelos professores utilizando o laptop na sala de aula está trazendo consequências positivas na maneira como os alunos se relacionam com a internet, pois têm os ajudado a compreender melhor as informações, a linguagem e os gêneros digitais ali presentes.



O presente gráfico apresenta um resultado semelhante ao do gráfico anterior, pois ambos revelam resultados contrários entre as escolas analisadas. Enquanto no CODAP, a grande maioria dos alunos (14 dos 21 participantes) respondeu que já postou comentários para blogueiros; no Colégio Atheneu, apenas 5 estudantes dos 19 participantes afirmaram que já postaram comentários em blogs. Novamente, os alunos do CODAP demonstraram conhecimento acerca do blog. No gráfico anterior, o CODAP se destacou, porque a maior parte do grupo costuma acessar blogs na internet e, agora, a maior parte dos participantes respondeu que interagem com blogueiros, postando comentários.

Nessa perspectiva, podemos entender que o Colégio de Aplicação está oferecendo aos seus alunos o devido esclarecimento acerca dos gêneros digitais que circulam na internet. Entretanto, os estudantes do Colégio Atheneu revelam um certo desconhecimento a respeito do blog. Aqui, cabe-nos esclarecer que não temos a explicação para a contradição desse resultado, visto que essa questão requer mais atenção e cuidado, tanto por parte da equipe pedagógica da escola (do Atheneu), quanto por parte de profissionais responsáveis pela educação. O nosso papel é tentar explicar os gráficos, e não justificar os resultados. Podemos até estabelecer relações, mas não fazer afirmações para explicar a diferença entre os resultados obtidos nessa questão.

4.1.1 Breve análise em torno da opinião dos estudantes/participantes sobre o blog

A partir da última questão do questionário, iremos elaborar uma breve análise do conjunto de 40 respostas escritas pelos alunos. Esse espaço foi reservado para uma apreciação do conhecimento, da afinidade e da relação dos estudantes participantes da pesquisa em relação ao blog. Cada opinião será analisada e comparada com as demais.

Inicialmente, queremos salientar que muitos adolescentes citaram o blog como um espaço para compartilhar informações, de tal modo que, seja para expor ou ter acesso à informação, o blog constitui-se um texto, predominantemente informativo, ou seja, uma página virtual que pode ser utilizada para: dividir, trocar, divulgar, esclarecer, discutir ou mesmo compartilhar informações, enfim, é uma página com inúmeras possibilidades de se trabalhar com a informação. Tudo isso dentro de uma sociedade denominada “da Informação”, pois a cada momento surgem novos acontecimentos sobre diversos temas, gerando um leque infinito de informações.

A partir de tal realidade, pode-se observar que o blog torna-se uma ferramenta útil para a imprensa pelo fato de favorecer o trabalho de divulgação da informação, além disso, é considerado um espaço para expressar ideias, opiniões e conhecimentos. Nesse contexto, os estudantes responderam que encontram no blog uma forma de contar suas experiências pessoais, seus conflitos, dúvidas e, é ali que podem encontrar amigos “invisíveis” para partilhar suas reflexões, sem medo de repressão, crítica ou punição. Lógico que essa liberdade tem limites, desde que respeite a opinião do outro, os seus valores éticos e morais, o internauta pode falar sobre quaisquer assuntos.

Um discente do Colégio Atheneu respondeu que criou um blog com o intuito de compartilhar suas experiências de vida, publicar seus textos críticos e estudos sobre determinados assuntos da escola, principalmente sobre a disciplina História. Esse aluno chamou a nossa atenção porque apresentou uma resposta que confirma a liberdade de expressão que o blog oferece para tratar de assuntos pessoais e garante a possibilidade de tornar o adolescente o próprio autor de sua escrita. Agora, o seu texto irá se dirigir a um destinatário e a sua escrita será um elo da comunicação entre emissor e receptor.

Nesse contexto de escrita pessoal, outro aluno do Colégio Atheneu respondeu que o blog serve para expor ideias, pensamentos, opiniões, e para desenvolver a criatividade na produção de textos. Essa resposta citou um ponto importante da escrita do blog no que se refere à possibilidade de motivar a imaginação e a criatividade do blogueiro, o qual pode manifestar seu ponto de vista, sua concepção de mundo, seus valores e crenças. Dessa forma, o adolescente cresce enquanto leitor e escritor, adquirindo novas habilidades linguísticas e conquistando seu espaço no mundo virtual.

É interessante porque outro estudante do Atheneu salientou que o blog serve, muitas vezes, para o internauta demonstrar tudo aquilo que não consegue falar. Portanto, é uma maneira do usuário revelar suas angústias, seus segredos e medos, sem mostrar sua identidade no mundo real, garantindo sua privacidade e evitando constrangimentos, críticas e possíveis julgamentos. Essa é uma das vantagens da escrita do blog.

Já um estudante do CODAP ressaltou que o blog tem um forte caráter subjetivo, visto que são os interesses pessoais por diferentes temas que movem os acessos aos blogs, ou seja, o internauta acessa blogs de acordo seu assunto de interesse. Nesse sentido, o blog se constitui um meio de comunicação entre interlocutores que discutem sobre temas afins, abordando uma diversidade de assuntos e proporcionando o encontro entre pessoas com os mesmos interesses, as mesmas preocupações e os mesmos objetivos.

Outra resposta bastante interessante foi a de outro aluno do Colégio de Aplicação. Ele citou a relevância do blog como uma oportunidade para conhecer pessoas diferentes, fazer novas amizades e se comunicar à distância. A partir dessa resposta, podemos observar a interatividade proporcionada pelo blog, os internautas podem interagir com o blogueiro, postando comentários; e assim o blog ganha vida e dinamismo. Esta é uma de suas principais características: são interativos e participativos.

Além disso, a tela do computador, às vezes, funciona como uma parede que favorece as relações sociais e facilita a interação, principalmente, entre pessoas tímidas. Portanto, não se pode perder de vista a contribuição dos gêneros digitais para a vida em sociedade. Nos dias atuais, a internet e os gêneros a ela relacionados, o e-mail, o MSN, o blog e outros, são muito úteis para as relações pessoais, pois mesmo à distância, as pessoas podem

se comunicar, podem visualizar a imagem do outro e manter contato. Uma relação virtual, porém muito real, além de aproximar as pessoas, fortalece o ser humano enquanto ser social e não individual. E tudo isso em tempo real e por um baixo custo econômico.

Outra função do blog é servir como página virtual de divulgação de eventos, congressos, cursos, por isso, é muito comum, professores de instituições de ensino superior divulgarem seminários, encontros científicos e outros eventos acadêmicos, através de blogs, pois criar um blog é muito mais fácil e simples que construir um site, este último requer conhecimentos de informática mais avançados. Por essa razão, estudantes de ambos os colégios (CODAP e Atheneu) citaram a relevância do blog para a divulgação de eventos, seja na área da educação ou em qualquer outra área.

Em meio a tantas respostas, encontramos algumas que se referem ao blog como uma forma de entretenimento, de tal modo que vários participantes responderam que usam o blog para divertir-se. Portanto, podemos dizer que é também uma forma do internauta se descontraír, seja lendo piadas ou histórias engraçadas, seja escrevendo para amigos, o blog pode ser considerado um atrativo virtual, acessível e econômico para diversão.

A questão do blog como meio de fazer propaganda publicitária de um serviço ou produto também foi abordada nas respostas dos discentes, embora não tenha tido o mesmo respaldo de outros tópicos, foi um item bem lembrado pelo grupo. Apenas uma aluna respondeu que o blog serve para esclarecer curiosidades. Essa estudante do Colégio Atheneu citou uma finalidade rara do blog, pois muitas vezes, ele é utilizado para outros fins, principalmente para transmitir informações, discutir um determinado tema, compartilhar fotos, músicas e vídeos. No entanto, o blog também pode tratar de um determinado assunto e esclarecer dúvidas e curiosidades ao público a que se destina.

Já uma estudante do CODAP chamou a atenção para o blog ser utilizado como meio de aprendizagem. A jovem participante respondeu que já fez trabalhos escolares com o auxílio de blogs e costuma estudar vários assuntos lendo blogs. Outros discentes também citaram o blog como um recurso didático, confirmando a contribuição do blog para a aprendizagem. Nesse contexto, percebemos que o blog pode ser utilizado no contexto educativo, pois o próprio estudante já realiza pesquisas, estudos e adquire conhecimento por

meio de blogs. No entanto, cabe-nos deixar claro que não há nenhuma garantia de que o blog poderá ser útil para a escola e para a metodologia do professor, sabemos apenas que é um novo recurso que se apresenta e está à nossa disposição.

De modo geral, obtivemos um bom resultado com a aplicação do questionário aos estudantes, inclusive essa última questão foi muito bem esclarecida pelos participantes, de tal forma que dos 40 participantes, apenas 2 não responderam à presente questão. Esse sucesso com a participação de quase todo o grupo nos ajudou a refletir de forma mais aprofundada sobre a interação aluno/blog.

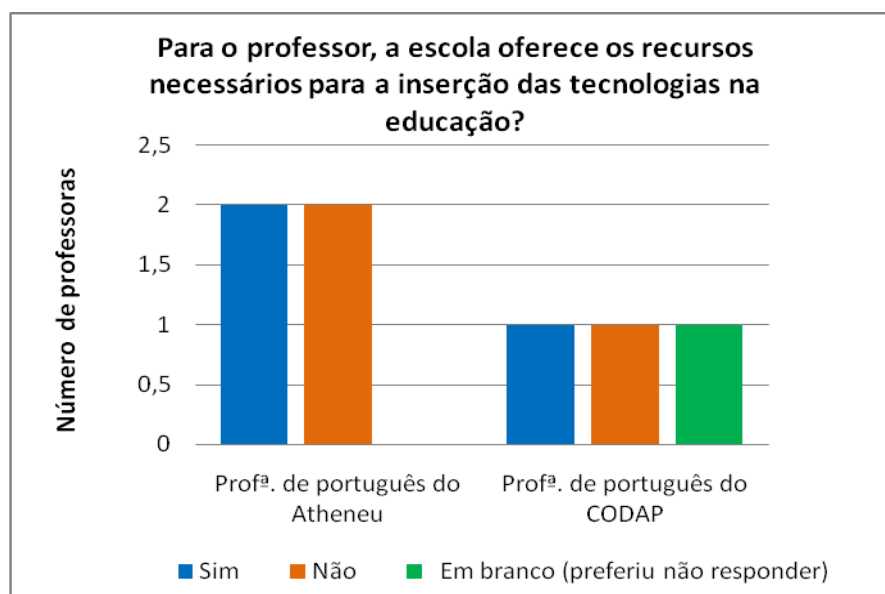
É relevante chamar atenção para a contribuição desta pergunta subjetiva para uma melhor compreensão acerca do relacionamento dos adolescentes com a internet, os gêneros digitais, as redes sociais e, de modo especial, o blog. Essa questão foi muito importante e fundamental para a concretização de nossa pesquisa de campo, pois nos ajudou a alcançar nossos objetivos e a estudar o tema proposto com base em respostas espontâneas do próprio aluno, o qual recebeu o devido espaço para expor suas ideias e concepções.

4.2 O professor de língua portuguesa do CODAP e do Colégio Atheneu: a sua percepção sobre as TIC na educação e no ensino de língua materna

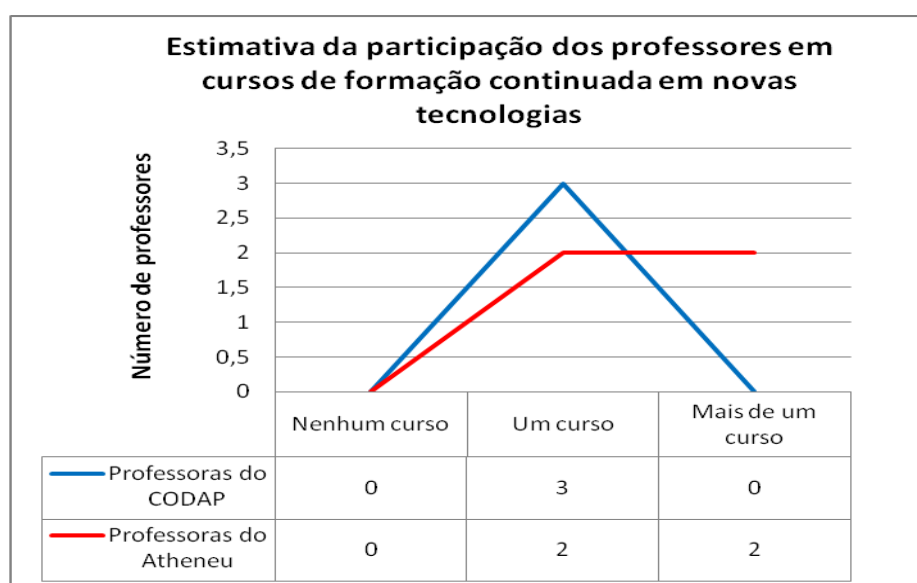
O presente subtópico aborda, especificamente, os dados obtidos na pesquisa de campo por meio do questionário do professor. Aqui, iremos apresentar uma série de gráficos e tabelas elaborados para uma melhor compreensão do resultado da pesquisa. Ao todo, o questionário possui 12 perguntas, sendo que 11 estão representadas por meio de um gráfico ou tabela, somente a última questão que é subjetiva, foi analisada sem imagens.

Os professores de língua portuguesa do CODAP e Colégio Atheneu utilizam as TIC em sua prática pedagógica?	
Resposta	Número de professores
Sim.	7
Não.	0

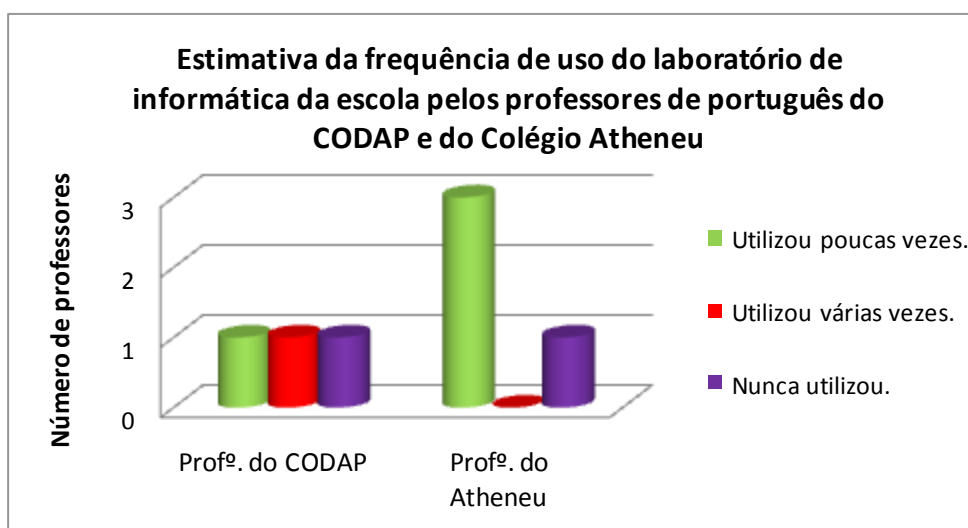
A tabela acima revela um excelente resultado, tendo em vista a unanimidade das respostas, pois todos os docentes responderam que usam as tecnologias da informação e comunicação em sua prática pedagógica, ou seja, os recursos tecnológicos tornaram-se comuns à metodologia de ensino da equipe docente do CODAP e do Colégio Atheneu. Com o auxílio de equipamentos didáticos como o data-show, o notebook, o aparelho de som e outros, o professor pode proporcionar aulas mais dinâmicas e participativas. Diante da afirmação dos participantes, podemos entender que, nos dias atuais, o professor tem se preparado para atender às perspectivas de um modelo de ensino que requer criatividade, dinamicidade e habilidade com recursos tecnológicos. Por isso, é importante analisar o compromisso da escola nesse contexto.



Do total de 4 participantes do Colégio Atheneu, 2 professoras de português responderam que a escola oferece os recursos tecnológicos necessários para a realização de atividades educativas e 2 responderam que a escola não oferece. Já no Colégio de Aplicação, tivemos a participação de 3 professoras, sendo que uma respondeu que a escola oferece os recursos necessários, outra respondeu que não, e a terceira preferiu não responder. Notamos que o resultado de ambas as escolas foi bem equilibrado, mantendo uma neutralidade nas respostas dos professores. Entretanto, cabe-nos ressaltar que as escolas em questão possuem laboratório de informática e participam de projetos relacionados à inserção das TIC no contexto da educação.



No total, 7 professoras de português responderam ao questionário, sendo que 3 são do CODAP e 4 do Colégio Atheneu. Sendo assim, verificamos que as 3 professoras do Colégio de Aplicação responderam que já participaram de um curso de formação continuada em novas tecnologias e entre as 4 do Colégio Atheneu, 2 marcaram a opção de participação em apenas um curso e 2 responderam que já participaram de mais de um curso. Podemos entender que a equipe docente selecionada está recebendo a devida formação para o trabalho com os novos recursos tecnológicos, pois dos 7 participantes da pesquisa, 5 já participaram de um curso e 2 de mais de um curso, portanto pode-se considerar que os docentes de português de ambas as escolas estão se preparando, adequadamente, para o novo desafio que a Sociedade da Informação nos apresenta.



O laboratório de informática é o espaço adequado que a escola oferece para o letramento digital, é no laboratório que os alunos aprendem noções básicas para trabalhar com programas como o Word, Power Point e Excel. Além disso, o espaço pode ser utilizado para a realização de pesquisas na internet, de modo que professores de quaisquer disciplinas podem lecionar no laboratório. O resultado do CODAP foi bem equilibrado, 1 professora utilizou o laboratório poucas vezes, outra usou muitas vezes e a outra nunca lecionou no laboratório. Já no Colégio Atheneu, três professoras responderam que utilizam poucas vezes o laboratório e uma nunca utilizou. No geral, podemos entender que das 7 participantes, apenas 2 nunca usaram o laboratório de informática da escola para ministrar aulas, sendo assim, observa-se que a maior parte da equipe docente está se adaptando a esta nova realidade: usar o computador como uma ferramenta didática.

Como os professores de português do CODAP e do Colégio Atheneu estão considerando as novas formas de uso da linguagem?	
Resposta	Número de professores
Positivas, porque favorecem a evolução linguística e a prática de leitura e escrita.	6
Negativas, porque provocam a morte paulatina do ato de ler e escrever no papel.	1

A tabela acima é bastante clara no sentido de mostrar a pergunta, as opções de resposta e o número de professores que se manifestaram contra ou a favor da questão em debate. Levando em consideração a disparidade entre o número de respostas a favor e número de respostas contra, podemos notar que quase todos os participantes consideram positivas as novas formas de uso da linguagem no espaço virtual.

Além disso, observa-se que apenas 1 professor, entre os 7, optou pela segunda opção, e isso nos permite dizer que as mudanças ocorridas no ato de ler e escrever estão sendo aceitas, sobretudo como uma evolução linguística, e não como a morte paulatina da leitura e da escrita no papel. Agora, cabe-nos ressaltar que alterou o suporte, porém a prática de leitura e escrita permanece viva e cada vez mais constante, já que no virtual prevalece a linguagem na modalidade escrita e não oral.

Segundo a concepção do professor de português, as tecnologias beneficiaram a educação?	
Resposta	Número de professores
Sim	6
Não	0
Ainda não sei exatamente	1

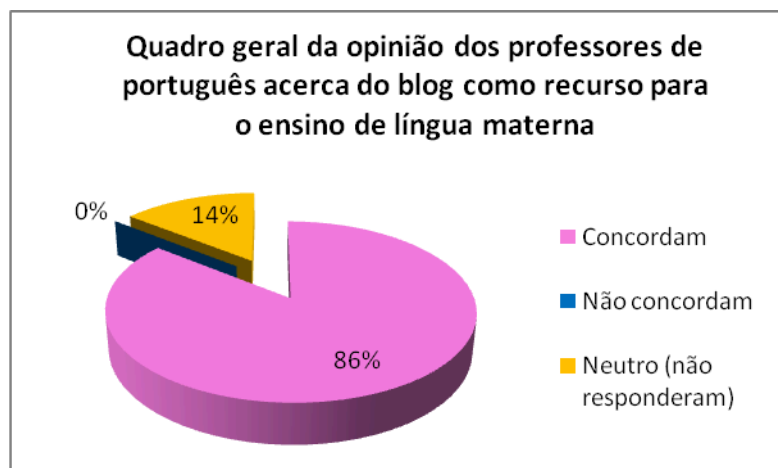
A presente tabela segue o modelo da anterior e o resultado é bem semelhante, pois aqui, os professores de língua portuguesa se manifestaram a favor das tecnologias nas ações didáticas. A partir do resultado obtido, podemos compreender que, de modo geral, os recursos

tecnológicos estão sendo bem aceitos, pois a maior parte dos participantes (no caso, 6 docentes) respondeu que as tecnologias beneficiaram a educação e apenas um professor ainda não tem certeza se tais ferramentas estão contribuindo ou não com a educação. Nesse contexto, podemos interpretar que a equipe docente do CODAP e do Colégio Atheneu manifestou-se a favor do uso dos recursos tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem da língua materna.



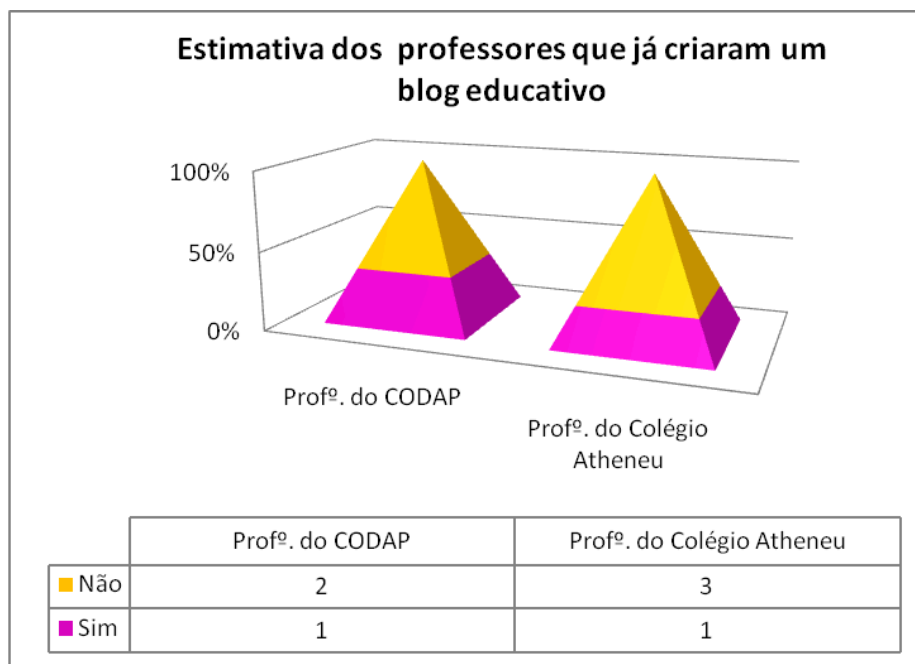
O gráfico acima destaca a porcentagem de professores que já utilizaram os gêneros digitais em sua prática docente e a porcentagem daqueles que nunca usaram. O resultado obtido nos mostra que 86% dos professores de português do CODAP e do Colégio Atheneu já usaram em suas atividades pedagógicas gêneros digitais, como o blog, e-mail ou chats, sendo que apenas 14% responderam que ainda não fizeram uso de tais recursos em sua prática docente.

Tais informações nos levam a entender que os gêneros digitais já são reconhecidos como importantes ferramentas educativas que podem auxiliar a interação professor/aluno. Além disso, é interessante explicar que tais gêneros encontram-se no espaço virtual, porém podem alcançar outros espaços: educacional, profissional, religioso, familiar, enfim, os gêneros circulam a sociedade, proporcionando comunicação, interação e informação. Esse é um dos motivos que os levou a se expandirem e a conquistarem novos espaços além do virtual.



O gráfico acima aborda a opinião dos professores de português acerca do blog, mostrando que 86% da equipe docente do CODAP e do Colégio Atheneu acreditam que o blog pode favorecer o processo de ensino-aprendizagem da língua materna, nenhum professor respondeu o contrário e somente 14% dos participantes preferiram não responder. É um resultado muito positivo no que se refere à aceitação do blog pela escola e pelos profissionais da área de Letras.

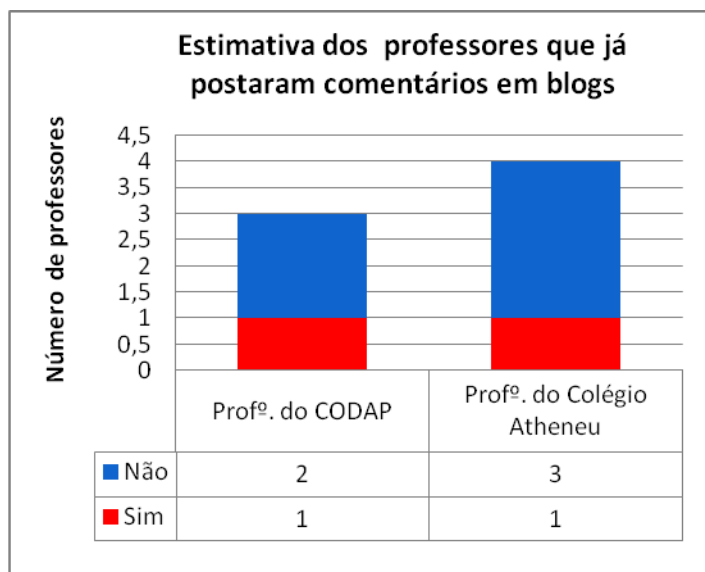
Podemos considerar que o blog é um recurso da internet que atrai a atenção dos professores por oferecer espaço para apresentação de conteúdos, exposição de imagens e exibição de vídeos. Tudo isso em uma página construída de acordo o interesse e o objetivo do blogueiro, além disso, o blog é uma página da internet de fácil acesso que pode ser acessada pelo público em geral. Por tais razões, o blog pode ser bastante utilizado como uma ferramenta didática, sobretudo pelos docentes de língua portuguesa, pois favorece a leitura, a escrita, a oralidade, o trabalho com textos multimodais e o desenvolvimento de atividades de produção textual. Apesar dos resultados mostrarem que o blog é pouco utilizado no CODAP e no Atheneu, é válido lembrar que em outras escolas da rede pública e privada há excelentes projetos voltados para a criação de blogs educativos, inclusive, há atividades avaliativas em que o professor avalia a aprendizagem dos alunos por meio dos blogs produzidos de modo coletivo e publicados na rede, assim propaga-se o conhecimento para a comunidade escolar e incentiva-se a capacidade de escrita de cada adolescente.



Esse gráfico nos leva a refletir sobre os motivos do resultado encontrado, pois dos 3 docentes do CODAP, apenas 1 já criou um blog para expor conteúdos educativos; no Colégio Atheneu, a situação não é diferente, dos 4 participantes, somente 1 respondeu que já criou um blog, ou seja, dos 7 professores, somente 2 já criaram um blog.

Esse resultado chamou a nossa atenção no sentido de nos levar a refletir sobre os porquês de tal realidade, visto que, contraditoriamente, nas questões anteriores, o blog mostrou-se ser bastante conhecido e valorizado enquanto recurso didático, porém essa pergunta revelou um pequeno índice de criação de blogs educativos por parte dos professores de língua portuguesa do CODAP e do Colégio Atheneu.

Talvez esse resultado tenha alguma relação com a falta de esclarecimento, ou melhor, talvez muitos docentes, apesar de conhecerem o blog e acessá-lo na internet, não possuem os conhecimentos necessários para criar o seu próprio. Provavelmente, tais docentes não receberam uma formação adequada de como criar e utilizar um blog com fins educativo e talvez seja esse um possível motivo para os participantes nunca terem, eles mesmos, criado um blog. Essa questão requer futuras pesquisas e caso seja comprovado que a proposta de se trabalhar com blogs na escola é positiva, caberia investimento do governo em cursos sobre blogs educativos para todos os profissionais da educação.



É interessante que o gráfico acima possui dados semelhantes aos dados do gráfico anterior, em ambos, a equipe docente manifestou pouco conhecimento acerca de como participar da interação por meio de blogs. Dos 7 professores de português, somente 2 responderam que já postaram comentários em blogs, por isso, podemos observar que o grupo docente participante da pesquisa possui pouco conhecimento em relação à criação e interação por meio de blogs.

Um fato que chamou a nossa atenção é que, apesar de 86% dos professores acreditarem que o blog pode favorecer o processo de ensino-aprendizagem da língua materna, 71% nunca criaram um blog e 71% nunca postaram comentários em blogs. Isto é, a grande maioria considera o blog uma ferramenta didática, mas ao mesmo tempo, não está devidamente preparada para criar blogs e interagir com seus alunos por meio deles. Portanto, deverão ser realizadas outras pesquisas a fim de analisar a qualidade da formação continuada em novas tecnologias e os métodos de preparação que estão sendo oferecidos aos professores para encarar essa proposta de inserir recursos tecnológicos na educação.

4.2.1 Análise da concepção de professores de língua portuguesa em relação ao blog

A equipe docente de língua portuguesa do CODAP e do Colégio Atheneu atendeu às expectativas desta questão, pois dos 7 participantes, 6 conseguiram responder esta pergunta sobre a definição e a finalidade do blog.

Entre as 6 professoras que responderam esta questão, 4 citaram a interação proporcionada pelo blog, o que reforçou a característica da interatividade do mesmo. Outro traço que se destacou nas respostas dos docentes diz respeito à capacidade do blog veicular informações, comprovando a sua afinidade com textos informativos. Além disso, observamos que 2 professoras responderam que o blog oferece espaço para compartilhar músicas, artigos, vídeos e fotos. O certo é que, a partir do questionário, o grupo participante ressaltou finalidades que se destacam na construção de um blog.

São por estas e outras razões que o blog vem assumindo um estilo especialmente acadêmico, pois se constitui uma página de múltiplas funções que garante uma série de facilidades para o docente expor conteúdos e exibir vídeos relacionados à sua disciplina. O mais importante é que, cada professor manifestou-se positivamente em relação ao uso do blog no contexto educativo. De modo geral, podemos dizer que as respostas foram curtas, porém claras e precisas. Conseguimos obter, nas respostas, os dados necessários para nos ajudar a compreender a concepção do grupo frente à proposta do blog como recurso para o processo de ensino-aprendizagem da língua materna.

Cabe-nos salientar a resposta de uma professora do CODAP, visto que foi a única que destacou a capacidade do blog se expandir, pois segundo a participante, o blog promove o debate entre inúmeras pessoas e sobre diversos temas, proporcionando a interação entre um universo inimaginável de internautas. Essa resposta destaca-se entre as demais, porque aborda uma característica fundamental do gênero blog, isto é, o seu brilhante potencial de atingir milhares de pessoas e abordar um imenso leque de temas.

Não há dúvidas de que o grupo participante contribuiu bastante para a presente pesquisa, tendo em vista que cada docente expressou seu conhecimento a respeito do blog, assim, o mesmo recebeu várias definições: ferramenta digital, rede, serviço, espaço virtual e meio digital. É preciso considerar que o questionário foi um instrumento de pesquisa muito eficaz no sentido de nos mostrar a posição do grupo de professores do CODAP e do Colégio Atheneu frente à internet, ao blog e aos recursos tecnológicos na educação.

Desse modo, foi possível analisar a concepção do professor de língua portuguesa em relação à internet na educação, ao papel da escola frente aos novos recursos tecnológicos, aos gêneros digitais, à linguagem (internetês) utilizada no espaço virtual e ao blog. Essas questões foram trabalhadas por meio do questionário, e revelaram que, embora muitos professores já tenham participado de cursos de formação continuada em novas tecnologias, não adquiriram as habilidades necessárias para utilizar o gênero blog como recurso didático no ensino de língua materna. Por isso, poucos já criaram um blog educativo, apesar de reconhecê-lo como um possível instrumento de ensino.

É importante salientar que cada docente participante reforçou a relevância do blog enquanto ferramenta didática e confirmou a contribuição que o mesmo pode dar ao processo de ensino de leitura, produção e recepção textual. O blog é favorável à execução de atividades linguísticas e oferece espaço para a realização de trabalhos com recursos verbais e não-verbais. O grupo de professores respondeu às questões com propriedade e clareza, demonstrando conhecimento e compreensão acerca dos assuntos propostos. Fica claro a relevância da última questão para a pesquisa, pois comprovou que o blog pode se tornar um instrumento de incentivo à prática de leitura e escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa é resultado de leituras, participação em eventos científicos, pesquisa de campo e estudo de disciplinas do curso de mestrado. A partir da realização de tal pesquisa, conseguimos refletir sobre novas perspectivas para o ensino de língua materna e estudar as novas formas de uso da linguagem no espaço virtual. O tema do trabalho é bastante atual e vem sendo discutido em instituições educacionais há algum tempo, porém as pesquisas ainda são poucas e insuficientes para responder às dúvidas e os questionamentos que vem surgindo ao longo do tempo.

São muitas as questões que circulam em torno do tema “A inserção das tecnologias da informação e comunicação na educação”. Há muitas polêmicas a esse respeito, se por um lado, existe uma concepção que exalta e engrandece os recursos didáticos tecnológicos, por outro, há manifestações que repelem qualquer ferramenta tecnológica do contexto educativo. É muito difícil se posicionar a favor ou contra, até porque não há pólos opostos, ao contrário, existem pontos de vista diferentes, que procuram assimilar as inovações do mundo moderno da melhor forma possível.

A partir das leituras realizadas, é possível observar que não podemos considerar as TIC, a solução dos problemas da educação e, ao mesmo tempo, não podemos fugir da nova realidade em que o aluno se encontra inserido. O letramento digital é um pré-requisito para estar atualizado com o mundo contemporâneo, aprender a lidar com os recursos tecnológicos tornou-se uma exigência do mercado de trabalho e uma necessidade quando se pretende preparar o cidadão letrado para o futuro. A escola está diante de um universo virtual que modifica os atos de ler e escrever e requer novas habilidades linguísticas. Por isso, a nossa intenção foi: estudar essa fase de “revolução linguística”³⁶.

³⁶ Expressão utilizada por Luiz Antônio Marcuschi.

Nesse contexto, percebemos que é necessário pensar métodos e técnicas para preparar a equipe docente, a escola, o governo, o sistema político educativo, as instituições de ensino superior, os educadores, enfim, todos os responsáveis pela educação, a encarar esse desafio, a relacionar-se com tais ferramentas didáticas pensando na construção do conhecimento. O objetivo é formar profissionais capacitados a transformar uma sala de aula num verdadeiro ambiente de aprendizagem de língua materna.

Na presente pesquisa, procuramos analisar a relação entre os gêneros digitais e o ensino de língua materna. A partir desse estudo, foi possível entender a relevância de o professor trabalhar com textos que circulam o cotidiano do estudante, textos que estão em contato direto com o dia-a-dia desse aprendiz, porque a partir do momento em que o aluno percebe que aquela linguagem está próxima da sua realidade, ele desperta a curiosidade para reconhecer um gênero em sua vida cotidiana e, conseqüentemente, estará sendo motivado a ler diversos outros gêneros que circulam na mídia virtual.

Não podemos esquecer que em meio ao processo de globalização, é necessário pensar formas de superar o analfabetismo digital, visto que é um problema que o Brasil ainda não superou e, por isso, corre-se o risco de bloqueio, de exclusão ou, no mínimo de uma pesada dificuldade para que grande parcela do povo brasileiro tenha acesso aos bancos de dados e informações hoje disponibilizados pelas redes www.com nos vastos oceanos da Internet. O analfabetismo digital é um problema social que provoca outros, por exemplo, causa uma disputa desigual no mercado de trabalho.

É preciso deixar claro que preocupar-se com a alfabetização digital não significa dizer que outros suportes de comunicação não sejam importantes, no entanto, como afirma Silva (2003, p. 14), “numa democracia com justiça social, espera-se que todos os indivíduos sejam devidamente preparados para a compreensão e o manejo de todas as linguagens que servem para dinamizar ou fazer circular a cultura”.

O problema é que em um país tão desigual como o Brasil, os oceanos informacionais da Internet vão se restringindo cada vez mais e, conforme a classe social do indivíduo e a região onde ele habita, tais oceanos transformam-se em mares e vão se estreitando em lagos, riachos, meras poças d’água, ou melhor, tornam-se quase insignificantes

em determinadas regiões miseráveis brasileiras, onde não existe “água” informacional nenhuma, nem impressa e muito menos virtual. Por isso, a necessidade de pensar e repensar maneiras de oferecer, igualmente a todos, as condições concretas para a formação de sujeitos sociais que possam desfrutar dignamente dos destinos da sociedade.

A pesquisa nos mostrou a realidade de duas escolas públicas da cidade de Aracaju, no que se refere à relação do professor de língua portuguesa com a internet, os gêneros digitais e o blog e, ao mesmo, a relação do estudante do 2º ano do ensino médio frente à internet, às redes sociais e, de modo especial, ao blog. Os dados obtidos por meio dos questionários foram muito claros, pois revelaram que o docente está disposto a utilizar os recursos tecnológicos, a internet, os gêneros digitais a favor da prática educativa e do trabalho com a linguagem; o aluno, por sua vez, estabelece uma relação íntima com o espaço virtual enquanto ambiente de comunicação, pesquisa, leitura, escrita e diversão.

Os gráficos e as tabelas apresentados no capítulo anterior nos ajudam a perceber que estamos caminhando rumo a uma sociedade eletrônica, ou em outras palavras, presenciamos a instalação de novas formas de comunicação, pesquisa, estudo, trabalho, diversão, tudo isso por meio dos aparelhos tecnológicos. Assistimos à explosão das TIC, seja em relação ao aumento de acesso à internet, ou ao crescimento nas compras de computador e aparelho celular; temos hoje a certeza de que estamos vivendo outro tempo, um tempo para adaptar-se aos novos desafios. Por isso, a análise dos dados nos levou a observar que tanto a equipe docente quanto o grupo de discentes vivem uma fase de novas experiências e encontram-se hoje bastante envolvidos com os recursos tecnológicos e as novidades que os mesmos oferecem.

Cabe-nos ressaltar que as atitudes e os comportamentos de leitura do texto virtual são diferentes daqueles resultantes das interações com textos impressos. A tela do computador requer configurações específicas, que permitam a interatividade por parte do leitor e as múltiplas possibilidades de caminhos de leitura dos hipertextos. Em outras palavras, o leitor encara novas exigências na produção e compreensão textual. É relevante enfatizar o seguinte aspecto: mesmo que os suportes impressos e digitais dos textos sofram alterações profundas em termos de configuração, nenhum deles desaparecerá, até porque cada qual dinamiza

práticas culturais específicas surgidas de necessidades diferenciadas nas sociedades do mundo contemporâneo.

Além disso, conseguimos estabelecer uma série de observações, entre as quais, podemos citar: tanto o texto quanto o hipertexto não possuem linearidade, a leitura segue de acordo a opção do leitor, é ele quem escolhe o percurso que deseja seguir; o sistema denominado “internetês” é utilizado pelos internautas sem a necessidade de uma formação; é comum o professor comunicar-se com os estudantes por meio dos gêneros digitais como o e-mail; a globalização influencia diversos campos, inclusive a educação; o blog é bastante conhecido pelos participantes da pesquisa, embora seja pouco utilizado pelos discentes e docentes; enfim, a presente pesquisa nos proporcionou entender melhor diversas questões acerca dos efeitos das TIC na educação e na linguagem escrita.

Em relação ao blog, percebemos que o mesmo possui suas limitações, porém pode ser bastante útil para o ensino de quaisquer disciplinas, seja para utilizá-lo como uma página virtual que pode transmitir informações e conhecimento, seja para proporcionar a publicação de trabalhos dos próprios alunos, seja para favorecer a interação entre professor/aluno, seja para mostrar vídeos que esclarecem determinado conteúdo, enfim, há várias utilidades. É preciso deixar claro que o blog não é a solução para garantir o sucesso da aprendizagem, assim como as tecnologias não são suficientes para resolver os problemas da educação, entretanto, tais recursos tecnológicos podem contribuir muito para o trabalho em sala de aula, proporcionando aulas mais dinâmicas, atividades interativas e a produção de textos coletivos, divulgando ideias e informações para a comunidade escolar.

Nesse sentido, entendemos que são necessárias novas pesquisas, mais avançadas e melhor direcionadas, para investigar procedimentos, métodos e recursos capazes de sanar os problemas da educação e as deficiências no processo de ensino-aprendizagem da língua materna. Essa é uma questão que requer uma pesquisa específica, contudo o nosso trabalho não pode e nem pretende responder a essa questão, devido às limitações do tempo, do curso de mestrado e do próprio tema, visto que o nosso objetivo aqui consistiu em analisar o professor de língua portuguesa e o aluno, do CODAP e do Colégio Atheneu, frente à internet e ao blog.

Um fato é indiscutível, a produção e a circulação de textos virtuais trazem grandes desafios para a educação formal das novas gerações. Não nos resta dúvida de que o ensino de língua portuguesa será cada vez mais complexo, visto a expansão de neologismos, abreviações e novidades que surgem constantemente na comunicação entre internautas.

Estamos trilhando por um mundo em que o conhecimento vem desempenhando cada vez mais papel primordial, espaços diversificados de acesso à informação – a televisão, a internet, o rádio, a imprensa, o telefone, o DVD, fazem despontar o interesse e a atenção dos estudantes. Em face disso, podemos dizer que o ensino, em particular de português, precisa se articular a dinâmicas mais amplas, que extrapolem a sala de aula. Entretanto, isso não significa que os recursos tecnológicos irão eliminar as dificuldades da educação e do ensino no Brasil, visto que, na verdade, tais problemas estão vinculados ao sistema econômico e político perverso e desequilibrado que ora vivenciamos. Por isso, nossa pretensão é contribuir para uma reflexão sobre os sentidos e os rumos que o ensino de língua portuguesa deve tomar nestes novos tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (orgs) **Interação na internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ARAÚJO, Maria Helena Santos. PINTO, Maria Teonila de Faria Alvim. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Metodologia e prática de ensino da Língua Portuguesa**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

BACK, Eurico. **Fracasso do ensino de português: proposta de solução**. Petrópolis: Vozes, 1987.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 261-306.

BAZERMAN, Charles; HOFFNAGEL, C. Judith, DIONÍSIO, Ângela Paiva (orgs). **Gênero, Agência e Escrita**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 9-58

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. 2. ed. Campinas: SP: Autores Associados, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004. p. 17-42

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CORRÊA, J. **Novas tecnologias da informação e da comunicação; novas estratégias de ensino/aprendizagem**. In. COSCARELLI, C. V. (org.) **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

COSCARELLI, C. V. (org.) **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. RIBEIRO, A. E. (orgs.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas** - 2.ed.- Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

ELIAS, V. M., KOCH, I. G. V. **Ler e escrever: estratégias de produção textual.** São Paulo: Contexto, 2011. p. 9-130

FARACO, C. A. **Você entende os internetês?** Revista Discutindo Língua Portuguesa. São Paulo, n. 2. Disponível em: <<http://www.discutindolinguaportuguesa.com.br/reporteinternet.asp>> Acesso em: 18 de setembro de 2012.

FRADE, Isabel C. A. da S. **Alfabetização digital: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com aprendizagem inicial do sistema de escrita.** In. COSCARELLI, C. V., RIBEIRO, A. E. (orgs.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas** - 2.ed.- Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

FREITAG, R. M. K., SILVA, M. Fonseca e. **Uma análise sócio-linguística da língua utilizada na internet: implicações para o ensino da língua portuguesa.** Revista Intercâmbio, São Paulo: Lael/PUC/SP, v. XV, 2006.

GALLI, F. C. S. **Linguagem da Internet: um meio de comunicação global.** In. MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, A. C. (orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

GUEDES, Paulo Coimbra. **A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GUIMARÃES, Â. M., DIAS, R. **Ambientes de aprendizagem: reengenharia da sala de aula.** In. COSCARELLI, C. V. (org.) **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____ **Cibercultura.** São Paulo: Ed 34, 1999.

LUFT, C. P. **Ensino e aprendizado da língua materna.** São Paulo: Globo, 2007. p. 11-93

KOCH, I. G. V. **As tramas do texto.** Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2008. p. 161-222

KOMESU, Fabiana C. **Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet.** In. MARCUSCHI, L. A. ; XAVIER, A. C. (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____ TENANI, Luciani. **Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem.** Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 9, número 3, set. /dez. 2009. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0903/09.htm>> Acesso em: 21 de setembro de 2012.

MAGNABOSCO, G. C., **Hipertexto e gêneros digitais:** modificações no ler e escrever. Revista Conjectura. Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 49-63, maio/ago. 2009.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. – 7. ed. - São Paulo: Atlas, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais:** definição e funcionalidade. In. DIONÍSIO, A. P. MACHADO, A. R. BEZERRA, M. A. (orgs). **Gêneros textuais & ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____ **A questão do suporte dos gêneros textuais.** DLCV: Língua, Lingüística e Literatura: João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40, out. 2003. Disponível em: <http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes_portugues/anexos/texto-15.pdf> Acesso em: 27 de julho de 2012

_____ XAVIER, A. C. (orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARTÍNEZ, J. H. G. **Novas tecnologias e o desafio da educação.** In. TEDESCO, J. C. (org.) Educação e novas tecnologias: esperanças ou incertezas? São Paulo: Cortez, 2004.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola:** reflexões sobre o processo de letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1994.

MERCADO, Luís Paulo de Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias.** Maceió: EDUFAL, 1999.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** reformar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

ORDUÑA, Octavio I. Rojas. [et al.]. **Blogs:** revolucionando os meios de comunicação. São Paulo: Thomson Learning, 2007. (Série Profissional)

ORIHUELA, J. L. **Blogs e blogosfera:** o meio e a comunidade. In. ORDUÑA, Octavio I. Rojas. [et al.]. Blogs: revolucionando os meios de comunicação. São Paulo: Thomson Learning, 2007. (Série Profissional)

RIBEIRO, A. E. **Textos e hipertextos na sala de aula.** In. COSCARELLI, C. V. (org.) Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____ **A globalização e as Ciências Sociais.** São Paulo: Cortez, 2002.

SCHITTINE, Denise. **Blog:** comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 7-91

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola:** pesquisas x propostas. São Paulo: Ática, 2000.

_____ (coord.) **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2008.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento digital. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n.81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 20 de setembro de 2012.

SPENCE, Michael. **Os desafios do futuro da economia**: o crescimento econômico mundial nos países emergentes e desenvolvidos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 9-34

TEDESCO, J. C. (org.) **Educação e novas tecnologias**: esperanças ou incertezas? São Paulo: Cortez, 2004. p. 95-119

XAVIER, A. C. **Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais**. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes/Volumes/Vol.18.N.2/2005/ARTIGOS>> Acesso em: 21 de setembro de 2012.

REFERÊNCIAS

<http://www.colegioatheneu.com.br/equipe%20administrativa/Page1628.htm> Acesso em: 23 de setembro de 2012.

www.codap.ufs.br Acesso em: 20 de setembro de 2012.

www.ibge.gov.br Acesso em: 21 de setembro de 2012.

www.wikipedia.com Acesso em: 21 de setembro de 2012.

ANEXO 1 – Modelo do questionário do aluno

1. Você tem computador em casa?
Sim () Não ()
2. Geralmente, você acessa a internet em qual lugar?
Na própria casa () No colégio () Na lan house () Em outros lugares ()
3. Em média, você acessa a internet quanto tempo por semana?
Uma hora () Duas horas () Três a quatro horas () Cinco a sete horas ()
4. Como você se comunica mais com seus amigos?
Por telefone () Pelas redes sociais () Por cartas () Pessoalmente ()
5. Você possui alguma rede social? Caso sim, assinale qual ou quais.
Não () Facebook () Msn () Orkut () Blog () Outra ()
6. Qual a fonte de pesquisa que você mais utiliza?
Livros impressos () Internet ()
7. Geralmente, você acessa a internet para que?
Divertir-se () Comunicar-se c/ outras pessoas ()
Estudar e aprender () Pesquisar informações ()
8. Em qual espaço você mais escreve?
Na tela do computador () No papel ()
9. O que você prefere fazer?
Ler romances () Escrever () Acessar a internet ()
10. Você costuma acessar blogs na internet?
Sim () Não ()
11. Se você já criou um blog, qual foi a finalidade?
Contar experiências pessoais () Compartilhar fotos, músicas e textos ()
Estudar um determinado assunto () Fazer propaganda de um produto ou serviço ()
Divulgar um evento () Nunca criou um blog ()
12. Já postou algum comentário para blogueiros?
Sim () Não ()
13. Em sua opinião, o que é e para que serve o blog?

ANEXO 2 – Modelo do questionário do professor

1. Você utiliza as tecnologias da informação e da comunicação em sua prática pedagógica?
Sim () Não ()
2. Em sua opinião, a escola oferece os recursos necessários para a inserção das novas tecnologias na educação?
Sim () Não ()
3. Já participou de cursos de formação continuada em novas tecnologias?
Sim, um curso () Sim, mais de um curso () Não, nenhum ()
4. Utiliza o laboratório de informática da escola para ministrar aulas mais dinâmicas?
Sim, poucas vezes () Sim, várias vezes () Não ()
5. Enquanto professor, como você encara as novas formas de uso da linguagem?
Positivas, porque favorecem a evolução linguística e a prática de leitura e escrita ()
Negativas, porque provocam a morte paulatina do ato de ler e escrever no papel ()
6. Em sua concepção, as tecnologias beneficiaram a educação?
Sim () Não () Ainda não sei exatamente ()
7. Já utilizou os gêneros digitais (e-mail, blog, chat...) em sua prática docente?
Sim () Não ()
8. Você já criou um blog para expor algum assunto para as turmas?
Sim () Não ()
9. Se você já criou um blog, qual foi a finalidade?
Contar experiências pessoais () Compartilhar fotos, músicas e textos () Estudar um determinado assunto () Fazer propaganda de um produto ou serviço () Divulgar um evento () Nunca criou um blog ()
10. Para você, o blog pode favorecer o processo de ensino-aprendizagem da língua materna? (ou seja, pode contribuir para o ensino de leitura e escrita?)
Sim () Não ()
11. Já postou algum comentário para blogueiros?
Sim () Não ()
12. Em sua opinião, o que é um blog e qual a sua finalidade?

